

Macau 澳門



ANO DO CÃO

PARCEIRO FIEL

Conheça a simbologia envolta no signo do cão e o Feng Shui sugerido para receber o Ano Novo Chinês. Saiba também quais são as previsões dos almanaques para o seu signo



VOLUNTARIADO
AJUDA QUE
MOVE VIDAS



LABORATÓRIOS DE REFERÊNCIA
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE PONTA DE MÃOS DADAS



集郵訂購 2018

SUBSCRIÇÃO FILATÉLICA

PHILATELIC SUBSCRIPTION



訂購地點：
Local de Subscrição
Location for Subscription

各郵政分局
Todas as Estações Postais
All Post Offices



集郵微信QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo 網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau



Macau 澳門

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITORA EXECUTIVA

Maria João Oliveira

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804, Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 • Fax: (+853) 2835 5426 • E-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 8294 2274 • Fax: (+853) 8294 2399

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Catarina Lau Pineda [CLL Design]

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORADORES

Ana Marques Gonçalves (Portugal), Catarina Domingues,
Cláudia Aranda, Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes,
João Gonçalves, João Paulo Menezes (Portugal), Juvenal Rodrigues
(São Tomé e Príncipe), José Simões Morais, Hélder Beja, Luciana Leitão,
Marco Carvalho, Mónica Menezes (Portugal), Pedro Cativelos (Moçambique),
Raquel Dias, Sandra Lobo Pimentel e Sin lok I

TRADUÇÃO

Sin lok I

FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal),
Ricardo Franco (Moçambique), Tatiana Lages, Tiago Alcântara

*As imagens que estão publicadas nesta edição e não estão creditadas foram
adquiridas em diferentes bancos de imagem, devidamente licenciados.*

ILUSTRAÇÃO

Rodrigo de Matos

FOTOGRAFIA DA CAPA

Gonçalo Lobo Pinheiro

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Comercial de Macau, 251A-301, AIA Tower, 20.º andar, Sala 63
Tel: (+853) 8294 2274 • Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com • www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

1500 exemplares

ISSN: 0871-004X



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Macau é uma das duas regiões administrativas especiais da República Popular da China, com uma população de pouco mais de 650 mil habitantes, que acumula todos os anos superávits que presentemente rondam os mil milhões de patacas (cerca de 124 milhões de dólares norte-americanos).

Mesmo assim, e apesar das políticas do Governo visando o apoio aos mais desfavorecidos e a grupos especiais, como por exemplo os idosos, são ainda detectadas situações que mobilizam as boas vontades dos voluntários de Macau, que se organizam em associações e tentam ajudar quem mais precisa.

Como se pode ler no artigo que publicamos a este respeito, em alguns casos o que está em causa (embora nem sempre) é algo de tão simples mas tão importante como o apoio emocional e o poder mágico do calor humano. Calor esse que não se limita aos seres humanos mas se estende, com grande generosidade, por exemplo, a animais abandonados ou maltratados.

O Ano Novo Chinês ocupa, como não podia deixar de ser, um lugar de destaque nesta edição, que se publicam as vésperas da festividade.

Outras facetas da cultura de Macau são igualmente abordadas, como por exemplo a utilização do bambu na área da construção, nomeadamente como andaimes, uma tradição que está a mobilizar alguns arquitectos visando incluir a mesma na lista do património imaterial de Macau.

Ainda na área da cultura, é destacado o lançamento da primeira licenciatura em cinema, uma iniciativa de uma instituição de ensino superior de Macau, numa altura em que acaba de se realizar a segunda edição do Festival Internacional e Cerimónia de Entrega de Prémios de Macau (IFFAM).

Mas para além da vertente cultural, poder-se-á ler informação diversa relacionada com o papel de Macau como plataforma para a cooperação sino-lusófona, o apoio dado a jovens para a criação de negócios inovadores e o trabalho em torno da medicina tradicional chinesa dos Laboratórios de Referência do Estado em Macau, em funcionamento desde 2011.

Luís Ortet





- 6 **ACONTECEU**
As notícias que marcam a actualidade da RAEM
- 12 **BALANÇO DAS RELAÇÕES MACAU-CHINA-PLP**
Recuperação das trocas comerciais, novos projectos empresariais e um reforço do papel de Macau em 2017
- 18 **RADAR LUSÓFONO**
Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa
- 22 **A ERA DAS STARTUPS**
Espaço exclusivo e primeira Startup Week anunciam um futuro promissor
- 28 **PAIXÃO PELO BAMBU**
Técnica milenar da utilização de andaimes de bambu passa de geração em geração
- 34 **ESTENDER A MÃO AOS OUTROS**
O voluntariado em Macau está de boa saúde e tenta chegar a todas as mãos, com novos e diferentes projectos
- 42 **LABORATÓRIOS DE REFERÊNCIA DO ESTADO**
Contribuir para avanços na saúde através da investigação na área da microelectrónica e da medicina chinesa

- 48 **SIMBOLOGIA DO CÃO**
As narrativas mitológicas e o perfil zodiacal do Cão, o 11.º animal do zodíaco chinês
- 56 **COMO PREPARAR A CASA PARA O ANO NOVO**
Dísticos nas portas, flores frescas, tangerineiras e o carácter chinês da felicidade ao contrário são alguns dos adornos que não podem faltar numa casa para receber o Ano Novo Chinês
- 62 **HORÓSCOPO CHINÊS**
As previsões signo a signo segundo o mestre Mickey Hung
- 72 **MACAU NO MAPA MUNDIAL DO CINEMA**
Festival Internacional e a primeira licenciatura em Cinema são dois dos grandes passos para transformar Macau num pólo da sétima arte
- 78 **ÁTRIO: JENNY MOK**
Uma das mais destacadas encenadoras de Macau acredita que o corpo e a performance são poderosos transmissores de mensagens
- 84 **ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**
Novidades e sugestões para os próximos meses
- 90 **MEMÓRIAS: SANTA CASA DA MISERICÓRDIA**
Breve história do edifício que alberga uma das instituições mais emblemáticas da cidade

MAIS DE 150 MIL PESSOAS NAS RUAS PARA CELEBRAR OS 18 ANOS DA RAEM

O Desfile Internacional de Macau 2017, que aconteceu a 17 de Dezembro, levou mais de 150 mil pessoas às ruas da cidade. Outros 200 mil acompanharam o decorrer do evento que marcou os 18 anos da transferência da administração de Macau para a China através da emissão em directo em várias plataformas móveis – uma das grandes novidades do Desfile. Aliás, novidades não faltaram para a edição de 2017. Iniciado em 2011 sob a designação “Desfile por Macau, Cidade Latina”, o evento adoptou este ano, na sua 7.ª edição, o nome “Desfile Internacional de Macau 2017”, tendo como tema “Histórias da Cidade de Macau e do seu Património Histórico”. O percurso também foi alterado, passando a ser de 2,3 quilómetros, ligeiramente mais comprido do que os anteriores. Em vez de seguir para a Praça do Tap Seac, os mais de 1300 participantes de 49 grupos locais e 15 estrangeiros dirigiram-se para o Largo do Senado pela primeira vez, chegando depois à Avenida da Praia Grande e acabando o Desfile no grande palco da Praça do Lago Sai Van.





CS

Mensagem de Ano Novo destaca solidariedade e entreatjada em 2017

O Chefe do Executivo destacou, na sua mensagem de Ano Novo, o “espírito de tolerância e entreatjada” da população de Macau, que permitiu vencer “profundas provações” após a passagem pelo território do tufão Hato, em Agosto. “Em 2018 iremos desenvolver, prioritariamente, a construção de um mecanismo eficiente de longo prazo para a prevenção e redução de desastres, e otimizar as construções urbanas. Iremos promover faseadamente medidas de curto, médio e longo prazo, que permitirão o reforço geral do mecanismo de resposta a emergências e o aumento da consciência da população sobre a segurança em prol da construção, em vários aspectos, de uma cidade segura”, sublinhou Chui Sai On, na sequência dos “ensinamentos profundos” adquiridos. Chui Sai On destacou ainda o apoio do Presidente Xi Jinping, do Governo Central, e da Guarnição em Macau do Exército de Libertação do Povo Chinês, que saiu à rua pela primeira vez em 18 anos, desde a instalação da RAEM, para ajudar nos trabalhos de socorro e recuperação.

MIF É UMA DAS EXPOSIÇÕES MAIS INFLUENTES DA CHINA DE 2017

A Feira Internacional de Macau (MIF, na sigla inglesa) foi considerada uma das dez exposições mais influentes da China no ano de 2017, segundo o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), organizador do evento. O presidente do IPIM, Jackson Chang, foi distinguido, por sua vez, com o título de pessoa do ano no sector das exposições e convenções. A distinção foi atribuída durante o Congresso da Indústria de Convenções e Exposições da China e Cerimónia Anual de Entrega de Prémios, que se realizou em Xangai. “Estes recentes prémios são o reconhecimento dos esforços do IPIM e representam um estímulo e apoio aos trabalhos que têm vindo a ser desenvolvidos no sector das convenções e exposições”, reagiu o instituto.



RAEM celebra 18.º aniversário

Vinte de Dezembro de 2017 marcou o 18.º aniversário da transferência de administração de Macau para a China. No dia em que a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) alcançou a maioria, foram organizadas várias actividades. As celebrações começaram cedo com a tradicional cerimónia do içar das bandeiras da RAEM e da República Popular da China, na Praça de Lótus Dourado. No Centro de Convenções e Entretenimento da Torre de Macau realizou-se posteriormente a recepção oficial, com a presença dos principais titulares de cargos públicos, representantes do Governo Central e personalidades de vários sectores da sociedade. O programa terminou com um espectáculo de fogo-de-artifício organizado pela Direcção dos Serviços de Turismo.





Dois portugueses agraciados pelo governo local

Ao todo 42 personalidades, entidades e instituições foram distinguidas em Janeiro pelo trabalho e contributo prestado à RAEM. A Lótus de Ouro, a mais alta condecoração, foi atribuído nesta edição ao primeiro director-geral dos Serviços de Alfândega, Choi Lai Hang, e a Lótus de Prata a Lei Loi Tak, auditor de contas, e a Vong Kok Seng, vice-presidente da Associação Comercial de Macau. João Augusto Gonçalves Gil de Oliveira, que foi juiz durante mais de 20 anos em Macau, vai receber a Medalha de Mérito Profissional, e João Guedes, historiador e jornalista durante mais de 35 anos na região, recebe a de Mérito Cultural. O Governo de Macau atribuiu também uma Medalha de Serviços Comunitários à Associação de Reabilitação de Toxicodependentes de Macau (ARTM), presidida pelo português Augusto Nogueira. Lei Heong Ieok, presidente do Instituto Politécnico de Macau, foi distinguido com a Medalha de Mérito Educativo, e o filipino Loreto de Guia Mijares que em Agosto salvou três pessoas durante a passagem do tufão Hato, recebeu o Título Honorífico de Prestígio.

NOVO CANAL DE FUJIAN COMEÇA A TRANSMITIR EM MACAU

O canal de televisão SETV, o principal da província de Fujian, no sudeste da China, começou a ser transmitido em Dezembro em Macau, juntando-se a mais dois desta província chinesa transmitidos localmente por satélite. O presidente da comissão executiva da Teledifusão de Macau (TDM), Manuel Pires, afirmou tratar-se do terceiro canal da província que está “acessível gratuitamente” para a população de Macau, onde vive um número significativo de pessoas oriundas de Fujian. Além do SETV, mais dois canais de Fujian têm transmissões via satélite em Macau: Haixia TV e Xiamen TV.

TSE HENG SAI É A NOVA PRESIDENTE DO INSTITUTO CULTURAL

Tse Heng Sai tomou posse no dia 19 de Dezembro como presidente do Instituto Cultural (IC), sucedendo assim a Leung Hio Meng. Natural de Macau, a responsável licenciou-se em Gestão de Empresas pela Universidade de Macau e completou o mestrado em Gestão de Empresas pela Universidade de Zhongshan. Integrou a Direcção dos Serviços de Turismo em 1992 e era desde 2013 vice-presidente deste departamento governamental.



Governo encomenda estudo sobre monitorização da qualidade da água

Macau encomendou um estudo sobre o projecto de monitorização da qualidade da água nas áreas marítimas do território pelo valor de 6,16 milhões de patacas, de acordo com um despacho publicado em Boletim Oficial. A verba encontra-se escalonada em três tranches (uma referente a 2017, outra a 2018 e a última ao ano seguinte), pelo que o estudo tem um prazo de execução previsto até 2019. Macau tem, desde 20 de Dezembro de 2015, um novo mapa de divisão administrativa, aprovado pelo Conselho de Estado da China, que determina que ficam sob sua jurisdição 85 quilómetros quadrados de áreas marítimas.

Macau e Governo Central assinam acordos para apoiar integração

O Governo da RAEM e o Governo Central assinaram em Dezembro dois acordos, um de investimento e outro de cooperação económica e técnica, que visam apoiar a cidade na integração no desenvolvimento do país. Na cerimónia de assinatura, o secretário para a Economia e Finanças, Lionel Leong, afirmou que estes dois acordos vão permitir alargar o espaço de desenvolvimento para as pequenas e médias empresas, profissionais e jovens de Macau, bem como “o desenvolvimento da diversificação adequada da economia de Macau”. O “acordo de investimento” e o “acordo de cooperação económica” integram o “acordo de estreitamento das relações económicas e comerciais entre o interior da China e Macau” (CEPA) e pretendem “impulsionar uma maior integração na vertente económica e concretizar o desenvolvimento comum”, afirmou o responsável.

GCS



BITCHBOY



CURTA-METRAGEM SUECA VENCE MELHOR FILME NO 'SOUND & IMAGE CHALLENGE'

“Bitchboy”, filme do sueco Mans Berthas, levou para casa os prémios de melhor filme e de melhor ficção da 8.ª edição do festival ‘Sound & Image Challenge’ de curtas-metragens, em Macau. “Nobody Dies Here”, de Simon Panay (França), venceu a categoria de melhor documentário, e o trabalho de Ishan Shukla (Índia) conquistou o prémio de melhor animação. Também na categoria de animação, o cineasta Qichao Mao, da China, conquistou uma menção honrosa com “Revelation-The City of Haze”, enquanto a escolha do público recaiu sobre “56” de Marco Huertas (Espanha).

SALÃO DE ARTISTAS COM 33 TRABALHOS ORIGINAIS

Trinta e três obras originais estiveram em exposição até 6 de Janeiro no Clube Militar. O objectivo era reunir artistas e trabalhos representativos “da vitalidade e a criatividade da comunidade artística local”, disse a APAC-Associação de Promoção de Actividades Culturais, que organizou este Salão de Artistas de Macau. Entre os 33 artistas, escolhidos estava Denis Murrel, Ung Vai Meng, Victor Hugo Marreiros, Konstantin Bessmertny e Marta Gonzalez Ferreira.

Jovens arquitectos na Bienal de Veneza

Um projecto dos três jovens arquitectos Ieong Chong Tat, Vong Ka Ian e Chu Hou San foi escolhido para representar Macau na 16.ª edição da Bienal de Arquitectura de Veneza, que tem como tema “Espaço Livre” e que decorre entre Maio e Novembro de 2018. O projecto foi seleccionado entre oito candidaturas por um júri constituído pelos arquitectos Carlos Marreiros, Wong Yue Kai e Leong Chon In e ainda Leong Wai Man, chefe do Departamento do Património Cultural do Instituto Cultural e Chan Kai Chon, director do Museu de Arte de Macau. “O painel do júri considerou que o projecto em cima referido faz uso de características da cidade de Macau e incorpora elementos com valor cultural”, pode ler-se num comunicado do Instituto Cultural de Macau.

GCS



Jornalistas partilham prémio da Fundação Oriente

Uma reportagem escrita e outra televisiva ganharam o prémio Macau Reportagem da Fundação Oriente, que distingue anualmente o melhor trabalho sobre Macau nas vertentes cultural e socioeconómica. O júri atribuiu por unanimidade o prémio a Catarina Vaz, da Teledifusão de Macau, pela reportagem “O ar que respiramos”, e a Fátima Almeida, com o trabalho “Esquecidos num canto da cidade – um pátio à moda antiga onde chega a mocidade”, publicado no jornal *Tribuna de Macau* e feito com a colaboração de Viviana Chan, na tradução. “Ambos descrevem uma realidade de Macau com recurso a meios diferentes – televisivo e imprensa escrita – possuindo qualidade técnica e reflectindo um trabalho de investigação e elaboração cuidada”, considerou o júri. O prémio, no valor 50 mil patacas, foi entregue a 11 de Janeiro na delegação da Fundação Oriente em Macau.



Macau vai ter plano director em 2019

O plano director de Macau vai começar a ser elaborado em 2018 e o objectivo é estar concluído em 2019, revelou o secretário para os Transportes e Obras Públicas, Raimundo do Rosário, descrevendo-o como “muito importante” para o desenvolvimento urbano e das áreas marítimas. “Espero que até 2019 possamos concluir o plano director, porque este plano director tem a ver com os 85 quilómetros quadrados de áreas marítimas, e isto é muito importante”, afirmou Raimundo do Rosário, durante uma sessão na Assembleia Legislativa.



DOROTEIA PEIXOTO VENCE MEIA-MARATONA

A portuguesa Doroteia Peixoto venceu, pelo segundo ano consecutivo, a meia-maratona feminina de Macau. A atleta cumpriu os 21,09 quilómetros em 1h16m00s, à frente das quenianas Edinah Jeruto Koech (1h16m31s) e de Margaret Njuguna (1h18m20s). Sexto na classificação geral da meia-maratona masculina, com 1h07m28s, ficou o português Daniel Pinheiro. Os três primeiros lugares na meia-maratona masculina foram para os quenianos Josphat Menjo (1h04m49s), Kibiwot Samwel (1h04m49s) e Joseph Ngare (1h05m20s). A vitória na maratona masculina pertenceu ao queniano Felix Kiptoo Kirwa, com 2h10m01s (novo recorde do traçado), e o primeiro lugar na prova feminina foi para Eunice Jepkirui Kirwa, a correr pelo Bahrein, com 2h29m12s. Na 36.ª edição da Maratona Internacional de Macau inscreveram-se 12 mil atletas nas provas da maratona, meia-maratona e mini-maratona.



DIREITOS RESERVADOS



**SERVIÇOS DE SAÚDE
CONTRATAM 21
ESPECIALISTAS
EM PORTUGAL**

Macau vai contratar 21 médicos de Portugal para 13 áreas de especialidade no hospital público da região, de acordo com os Serviços de Saúde. O período de candidaturas terminou a 31 de Dezembro de 2017. As áreas de recrutamento incluem as especialidades de gastroenterologia, imagiologia, neurologia, nefrologia, pediatria, cirurgia geral, cirurgia torácica, cirurgia vascular, cirurgia metabólica, pneumologia, geriatria, psiquiatria e anatomia patológica.

“This is my city” pela primeira vez em Shenzhen

Numa tentativa de chegar a outros lugares da Região do Delta do Rio das Pérolas, a organização do “This is My City Festival – Intercity Creative Network” levou este ano o evento a Shenzhen, cidade na província de Guangdong. O filme-concerto “How to Become Nothing”, de Pedro Maia, e a actuação da dupla portuguesa “Beatbombers” foram alguns dos destaques desta edição, que decorreu em Dezembro. O músico Paulo Furtado, mais conhecido como “The Legendary Tigerman”, voltou a participar no festival, que este ano foi também palco de um seminário intitulado “The Festivalization of our Cities”. O “This is my City”, promovido pela associação cultural +853, realizou-se pela primeira vez em Macau em 2006.



THIS IS MY CITY

IPOR PROMOVE ENCONTRO DE DOCENTES DE PORTUGUÊS

Mais de duas dezenas de docentes e investigadores da China, do Vietname, da Tailândia, de Macau e de Portugal debateram em Macau o ensino do português como língua estrangeira. “O aumento significativo na procura de formação em Língua Portuguesa (...) impulsiona e sugere a promoção de espaços de partilha de experiências e de reflexões em torno de abordagens ao ensino de Português como Língua Estrangeira”, podia ler-se num comunicado do Instituto Português do Oriente (IPOR), promotor da iniciativa em parceria com a Universidade do Porto.

UM VAI ACOLHER INSTITUTO CONFÚCIO

A Universidade de Macau (UM) recebeu a luz verde para a abertura de um Instituto Confúcio. Num comunicado, o estabelecimento de ensino salienta que o novo instituto, que deverá abrir as portas no início de 2018, tem como missão transformar Macau numa plataforma internacional para ensino da língua chinesa para o estrangeiro, especialmente para o universo dos países de língua portuguesa.



Macau encomenda dois estudos sobre futuro da indústria do jogo

O Governo de Macau encomendou dois estudos sobre o futuro desenvolvimento da indústria do jogo entre 2020 e 2030, período durante o qual terminam os contratos das seis operadoras. Os dois estudos deverão estar concluídos no terceiro trimestre de 2018. O objectivo dos estudos, encomendados à Universidade de Macau e à Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, é “propor recomendações cientificamente sólidas e justificáveis ao Governo da RAEM [Região Administrativa Especial de Macau] sobre a política de diversificação económica moderada”, explicaram os Serviços de Economia.

NÚMEROS

MOP 78,36 MIL MILHÕES

VALOR DO COMÉRCIO EXTERNO ENTRE JANEIRO E NOVEMBRO DE 2017 (+6,1%)

MOP 107.490 MILHÕES

RECEITAS PÚBLICAS ATÉ NOVEMBRO DE 2017 (+13,9%)



FUNDAÇÃO ORIENTE

Filmes de arquivo e contemporâneos sobre Macau exibidos no Museu do Oriente

Um ciclo de filmes de arquivo e contemporâneos sobre Macau, revelando olhares sobre a cidade durante o século XX e após a transição para a administração da China, arrancou em Janeiro e prolonga-se até dia 18 de Fevereiro, no Museu do Oriente, em Lisboa. “Cinema Macau. Passado e presente” é o título do ciclo que conta com sessões diárias às 17h00 e entrada livre, e foi criado com base no arquivo colonial e em filmes realizados sobre a vida contemporânea do território. O ciclo, organizado em sete sessões temáticas, com a curadoria da jornalista e crítica de cinema Maria do Carmo Piçarra, começa por revelar a percepção sobre Macau, durante o Estado Novo, de realizadores portugueses, tanto amadores, como Antunes Amor, como profissionais que serviram a propaganda, como Ricardo Malheiro. Contrapõe ainda imagens fixadas por cineastas estrangeiros ao serviço do regime, como Miguel Spiguel e Jean Leduc, mostrando também como Manuel Faria de Almeida, um dos fundadores do Novo Cinema português que, posteriormente, ajudou a criar a Televisão de Macau, antecipou as angústias sentidas pelos residentes do território, com a perspetiva da transição da soberania de Portugal para a China, em 1999. Em contraponto a estas perspetivas, o ciclo apresenta a visão contemporânea de jornalistas e das novas gerações de realizadores portugueses, que viveram ou visitaram a região, como Rui Pedro Guerra da Mata e João Pedro Rodrigues, ou ainda vivem, como Ivo Ferreira, e o de uma realizadora sérvia, Nevena Desivojevic, que filmou, em Lisboa, a rememoração de um aspeto da vivência em Macau.

FESTIVAL ROTA DAS LETRAS ANUNCIA PRIMEIROS NOMES

A organização do Festival Literário de Macau – Rota das Letras já anunciou os nomes dos primeiros participantes da edição deste ano, que decorre de 10 a 25 de Março. O escritor brasileiro Julian Fuks e a portuguesa Ana Margarida de Carvalho, os norte-americanos Peter Hessler e Leslie T. Chang, a espanhola Rosa Montero, e Han Dong e A Yi, da China, estão já confirmados para a sétima edição do evento. Fuks foi o vencedor da última edição do prémio José Saramago com o romance *A Resistência*, que também conquistou o prémio Jabuti. Já Ana Margarida de Carvalho ganhou por unanimidade o prémio da Associação de Escritores Portugueses com o romance de estreia *Que Importa a Fúria do Mar* (2013). A autora recebeu a mesma distinção em 2016 com o seu segundo romance *Não se Pode Morar nos Olhos de um Gato*.

Macau ambiciona reduzir lixo em 30% e até 2026

Macau pretende reduzir em 30 por cento, até 2026, o lixo ‘per capita’ produzido diariamente na região, cuja quantidade bate uma série de cidades como Pequim, Xangai ou Hong Kong. A meta encontra-se definida no Planeamento de Gestão de Resíduos Sólidos de Macau (2017-2026) publicado pela Direção dos Serviços de Proteção Ambiental (DSPA) que define políticas e planos de ação no âmbito dos resíduos sólidos para a próxima década. Um dos objectivos concretos passa por reduzir volume médio de resíduos urbanos produzidos diariamente ‘per capita’ em quase 30 por cento, ou seja de 2,11 quilogramas em 2016 para 1,48 quilogramas até 2026.



REUTERS

11,951 MILHÕES

HÓSPEDES NOS HOTÉIS DE MACAU
ATÉ NOVEMBRO (+10,4%)

178.492

TRABALHADORES CONTRATADOS
AO EXTERIOR NO FINAL DE NOVEMBRO (+595)

* comparações referentes ao mesmo período dos anos transactos



Um ano para mais tarde recordar

Uma reconciliação há muito aguardada, a construção de novas sinergias e o regresso do intercâmbio comercial a terreno positivo, após dois anos menos frutuosos em termos de negócios. O ano que terminou em Dezembro foi um dos mais profícuos da última década no que concerne ao fomento das relações entre a República Popular da China e os países de língua portuguesa, sobretudo no que toca aos avanços notórios verificados no capítulo da aproximação de Pequim ao universo lusófono

 MARCO CARVALHO

NUM ANO de feitos notáveis, um dos mais significativos – se não mesmo o mais preponderante – consumou-se no final de Março, com a adesão formal de São Tomé e Príncipe ao Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau). Pela primeira vez, em quase uma década e meia, o organismo sentou à mesma mesa representantes da China e dos oito países onde o português é falado e, em Abril, o primeiro-ministro são-tomense, Patrice Trovoada, visitou a República Popular da China numa deslocação oficial que serviu sobretudo para alinhar o futuro da cooperação bilateral.

Do encontro entre o chefe do Executivo de São Tomé e Príncipe e as autoridades chinesas resultou a assinatura de acordos e memorandos de entendimento onde está inscrita a atribuição de donativos e de ajuda orçamental, mas também um perdão de dívida. Pequim comprometeu-se a doar 146 milhões de dólares norte-americanos a São Tomé até 2022. O dinheiro deve servir, maioritariamente, para alavancar a dinamização de projectos de infra-estruturas no arquipélago.

Para o especialista em relações sino-lusófonas, o brasileiro Severino Cabral Filho, o regresso de São Tomé e Príncipe à esfera de influência de Pequim preconiza o alinhamento do pequeno arquipélago com a ordem consensual prevalecen-



Paulo Duarte, investigador do Instituto do Oriente

te no seio da comunidade lusófona. “Trata-se da rectificação positiva de uma política praticada por um único segmento da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa que, até recentemente se mantinha afastado da política consensual, neste particular, de todo o bloco lusófono”, ilustra o director do Instituto Brasileiro de Estudos da China e Ásia-Pacífico (IBECAP). “Temos que considerar que os benefícios deste acontecimento político-diplomático devem ser múltiplos e recíprocos, servindo, é claro, aos dois lados, com proveitos tanto para a China como para São Tomé e Príncipe.”

Antes ainda de Gualter Vera Cruz ter assumido, a 1 de Agosto, o estatuto de primeiro delegado do país junto do Fórum Macau, São Tomé e Príncipe recebeu a promessa de apoio logístico e financeiro para o alargamento do seu Aeroporto Internacional e para a construção de um porto de águas profundas, empreitadas estimadas, respectivamente, em 244 milhões e em 979 milhões de dólares norte-americanos.

Para já, a presença chinesa é visível em áreas como a saúde e a agricultura, com investimentos em equipamentos e formação de quadros, bem como a construção de uma série de infra-estruturas de relevo.

Mais difícil de averiguar é o impacto do restabelecimento das relações nas trocas comerciais entre os dois países. Em 2016, o comércio entre os dois países ultrapassou a fasquia dos 58 milhões de dólares. A China exportou para São Tomé e Príncipe produtos no valor de 56,8 milhões de dólares, tendo comprado bens e mercadorias no valor de 1,5 milhões de dólares norte-americanos.

Com o entendimento sobre rodas é de esperar que o volume de dinheiro movimentado em 2017 no âmbito das trocas comerciais tenha conhecido um crescimento significativo, a exemplo, de resto, do que sucedeu no domínio global das relações sino-lusófonas.

2017, um ano de boa memória

Os dados relativos ao comércio entre a China e os países de língua portuguesa em 2017 ainda não são definitivos, mas

um facto é já adquirido e incontornável: ao fim de dois anos de quebra e de interacção pautada por um recuo em termos de intercâmbio comercial, os negócios entre os dois blocos económicos voltaram a terreno positivo, superando pela primeira vez, desde 2014, a barreira dos 100 mil milhões de dólares norte-americanos.

Nos 11 primeiros meses do ano passado (os dados finais relativos ao ano transacto só devem ser conhecidos nas próximas semanas), as trocas comerciais entre Pequim e os países lusófonos cresceram 24,79 por cento em termos homólogos anuais para os 107,75 mil milhões de dólares. A China adquiriu ao bloco lusófono bens no valor de 74,75 mil milhões de dólares, um valor 32,21 por cento superior ao transaccionado nos 11 primeiros meses de 2016. No mesmo período, os chineses venderam aos oito países de língua oficial portuguesa mercadorias no valor de 32,99 mil milhões de dólares, mais 23,66 por cento do que em igual período de 2016.

Para Paulo Duarte, investigador do Instituto do Oriente do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, são vários os factores que justificam o reforço das relações comerciais entre os dois blocos económicos, a começar pela necessária resposta ao reajustamento da economia mundial e pelo fomento, bem-sucedido, de uma classe média chinesa que começa a apresentar um poder de compra significativo. “O reforço do comércio entre a China e os países de língua portuguesa deve ser ponderado à luz de um contexto macro-económico. A economia chinesa procura recuperar face a um cenário menos positivo comparativamente ao extraordinário desempenho que a tem caracterizado nas últimas décadas”, começou por explicar o investigador, reiterando que “a este facto acresce a emergência notável de uma classe média na China que é hoje maior do que a toda a população dos Estados Unidos. Esta classe média tem a possibilidade de ter uma dieta mais vasta, come carne e peixe com maior frequência e é também mais exigente em termos de consumo”.



Severino Cabral, director do IBECAP, antevê benefícios para o bloco lusófono



À natural elevação das expectativas da população chinesa, o académico junta alterações mais tangíveis, que poderão ter um impacto profundo na forma como a China se relaciona com o mundo. “Hoje em dia, na China, já é possível ter-se um segundo filho. Tudo isto ajuda a compreender a busca incessante de petróleo e gás, alimentos e outros bens e serviços um pouco por todo o mundo. Neste domínio entram, entre outras, realidades como o turismo, já que é cada vez maior o número de chineses que viajam. É neste contexto, que tem como pano de fundo a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, que temos de olhar para o crescimento exponencial do comércio com os países de língua portuguesa”, aponta o autor da obra *A Faixa e Rota Chinesa: A Convergência entre Terra e Mar*.

Para Severino Cabral, o incremento das relações comerciais entre a China e os países lusófonos não é mais do que natural à luz da necessidade que o Governo Central apresenta de fomentar a retoma da economia global, num processo em que Pequim se prefigura, obviamente, como parte interessada.

O responsável do IBECAP antevê ainda maiores benefícios para alguns dos países que integram o bloco lusófono, não obstante o necessário reajustamento à forma como tem evoluído a conjuntura económica mundial. “Os países de língua portuguesa, nomeadamente o Brasil e Angola, são grandes produtores de recursos naturais, no campo energético e agroalimentar e, portanto, supridores naturais do mercado chinês. São, por isso, plausíveis beneficiários do aumento exponencial das compras chinesas nos mercados internacionais.”

Brasília e Luanda mantêm-se como os principais parceiros comerciais de Pequim. Nos 11 primeiros meses de 2017, as trocas comerciais entre a China e os dois países cifraram-se em 100,68 mil milhões de dólares, com o Brasil a comprar e a vender bens no valor de 80,03 mil milhões de dólares e as transacções entre a China e Angola a atingirem os 26,65 mil milhões entre Janeiro e Novembro. Em ambos os casos, o impulso registado registou um crescimento exponencial, com o volume de negócios a crescer acima dos 25 por cento em ambos os casos.

Dois gigantes, um horizonte comum

Entre 2009 e 2017, o Brasil acumulou um *superavit* de 78,599 mil milhões de dólares norte-americanos no âmbito do intercâmbio comercial com a China, de acordo com os dados divulgados no início deste ano pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) do Executivo brasileiro. Só no ano passado, o saldo da balança comercial entre os dois gigantes económicos foi favorável ao Brasil em 20,167 mil milhões de dólares norte-americanos.

Apesar do actual panorama das relações de índole comercial entre Pequim e Brasília favorecer os interesses brasileiros, as autoridades do maior país de língua portuguesa já mostraram interesse em impulsionar uma mudança qualitativa no que diz respeito ao perfil dos produtos ex-

portados para a China. O cabaz de produtos que o Brasil vende é dominado por produtos de menor valor agregado – matérias-primas básicas e *commodities* agrícolas –, como recorda Severino Cabral. “O Brasil é o maior parceiro comercial da China na América Latina e, no Hemisfério Ocidental, só fica atrás dos Estados Unidos. A posição exponencial do Brasil explica-se pela superabundância de recursos naturais de que dispõe. Esta disponibilidade faz com quem, naturalmente, tenha na China o seu principal e maior consumidor. Os chineses, por sua vez, têm no Brasil um grande comprador de manufacturados”, assinala o director do IBECAP.

No ano passado, mercadorias como a soja, o algodão, o tabaco, a pasta de papel e alguns recursos minerais foram responsáveis por 86,3 por cento do volume de negócios entre o Brasil e a China no que ao capítulo das exportações diz respeito. As empresas brasileiras, lembra o MDIC, exportaram bens no valor de 47,488 mil milhões de dólares norte-americanos. Três produtos apenas – a soja em grão, o mi-

nério de ferro e o petróleo – foram responsáveis por uma expressiva fatia de 80 por cento dos proveitos económicos gerados pelas exportações para a China.

Numa entrevista concedida no final do ano passado ao jornal brasileiro *Valor Econômico*, o embaixador chinês em Brasília, Li Jinzhang, assegurava que Pequim está disposta a colaborar com as autoridades brasileiras no sentido de dotar de um novo perfil as relações entre as duas potências económicas, num reajustamento que pressupõe a construção de infra-estruturas no Brasil e a adopção de novos modelos de investimento, que deverão passar pelo estabelecimento conjunto de pólos industriais e de parques de ciência e tecnologia, com o intuito de dotar o tecido industrial brasileiro de capacidade inovadora e de valor acrescentado.

No entender de Severino Cabral, as mudanças equacionadas têm por objectivo adequar o posicionamento de ambos os países face a uma conjuntura internacional em que economias emergentes têm um papel cada vez mais relevante.



Para o investigador, Pequim e Brasília são dois dos principais artífices da construção de uma nova ordem económica mundial que deverá ser pautada por relações de maior reciprocidade. “A parceria estratégica entre os dois gigantes em desenvolvimento e que se situam hoje na linha de frente dos países emergentes, apoia-se na construção da plataforma BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que está a desenhar um sistema espelhado, tendo por base estruturas diferentes das que foram herdadas de Bretton Wood – o Banco Mundial e o FMI – e que são o Banco Asiático de Investimento em Infra-estruturas e o Acordo Contingente de Reserva”, recorda o director do IBECAP. “As relações sino-brasileiras devem-se aprofundar e ampliar na medida em que os dois países buscam ultrapassar a condição actual de países de renda média, devendo enfrentar juntos a difícil conjuntura económica mundial. A superação das condições que limitam o desenvolvimento em geral desafia ambos os países e condiciona o seu futuro.”

Enquanto os novos parâmetros da parceria não ganham contornos, a preponderância das exportações brasileiras de baixo valor agregado deverá manter-se, com a soja a dominar, destacada, o panorama das relações comerciais entre o Brasil e a China. As vendas da oleaginosa cresceram em 2017 tanto em termos quantitativos, como no volume de receita gerada: o Brasil vendeu soja no valor de 20,3 mil milhões de dólares norte-americanos, o equivalente a 43 por cento do valor total dos bens exportados pelo Brasil e que tiveram como destino o Interior da China.

No ano passado, o segundo posto na tabela de exportações que maior rentabilidade trouxe à economia brasileira pertence ao minério de ferro, com o Brasil a enviar para a China matéria-prima no valor de 10,39 mil milhões norte-americanos. O minério de ferro foi responsável por uma fatia de 22 por cento do total das receitas geradas pelo Brasil com as vendas para a China, sete por cento mais que o valor gerado com a venda de petróleo.

Do lado chinês, as exportações voltaram a ser dominadas por máquinas industriais e aparelhos electrónicos. Os bens industrializados foram responsáveis por uma fatia de 97,3 por cento do total de mercadorias adquiridas pelos brasileiros, tendo gerado proveitos para a economia chinesa na ordem dos 26,59 mil milhões de dólares.

O futuro está na Rota

Marcado por uma vinda recuperação das trocas comerciais entre a China e a lusofonia, o ano que agora findou foi também favorável ao desígnio de afirmar a RAEM como plataforma de eleição para o diálogo sino-lusófono, mercê da criação de novos instrumentos e de novas referências na aproximação entre Pequim e o mundo que fala português.

A instalação em Macau da sede do Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fundo da Cooperação para o Desenvolvimento), em Junho último, reavivou o interesse dos agentes económicos privados no estatuto de plataforma de Macau,

CHINA MARCA PONTOS EM ANGOLA

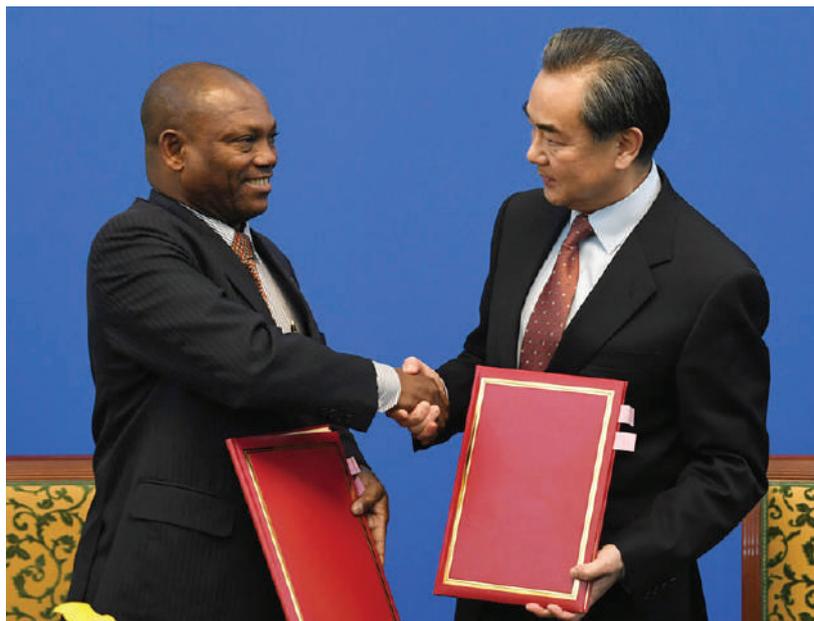
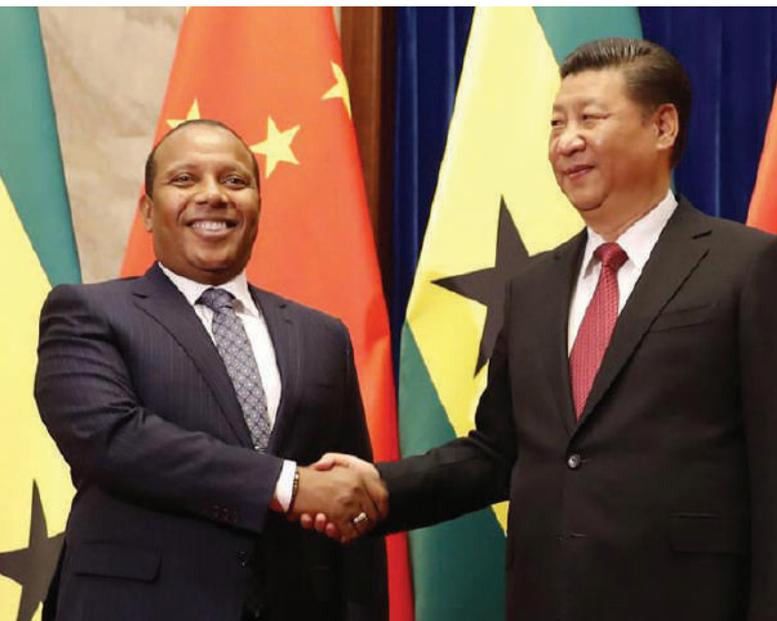
O ano passado foi também aquele em que a China reforçou o estatuto de principal parceiro comercial de Angola, ao superar Portugal como o país que mais vende para Angola. No sentido inverso, mais de metade do petróleo produzido por Angola no segundo semestre de 2017 foi adquirido pelos chineses, de acordo com os dados relativos às contas do comércio externo angolano para o período compreendido entre Junho e Setembro do ano passado. Durante esse período, Portugal viu cair a sua quota, no que às importações angolanas diz respeito, dos 17,3 para os 16,1 por cento, sendo superado pela China. A segunda maior economia mundial vendeu bens e mercadorias no valor de 552,4 milhões de dólares no terceiro trimestre de 2017, um montante superior em 11,2 por cento ao registado no segundo trimestre do ano imediatamente anterior.

Com o reforço do estatuto de principal parceiro comercial de Angola, a China passou a deter, entre Julho e Setembro, uma fatia de 17,7 por cento do total das aquisições que Angola conduziu, numa dinâmica que registou um aumento de 46 por cento face aos dados do período homólogo de 2016.

No capítulo da aquisição de produtos angolanos, a China continua a liderar destacada. Em Junho e Setembro do ano passado, o país asiático adquiriu 52,9 por cento do total das mercadorias e *commodities* exportadas por Angola, injectando na economia angolana 4,5 mil milhões de dólares norte-americanos.

O montante – suportado essencialmente pela venda de petróleo – esconde um aumento de 29,7 por cento face às aquisições que a China fez a Angola no período homólogo de 2016.





como ficou, de resto, bem patente no encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, uma iniciativa que juntou, em Cabo Verde, meio milhar de participantes, menos de duas semanas depois da instituição financeira se mudar de armas e bagagens para Macau.

Em meados do ano passado, aquando da transferência do Fundo da Cooperação para o Desenvolvimento, o organismo encontrava-se a analisar mais de duas dezenas de projectos, entre os quais pontificavam iniciativas em Portugal, em Cabo Verde e em Timor-Leste.

O arquipélago africano, que já tem projectada a futura Zona Económica Especial de São Vicente, a primeira estrutura da índole criada por Pequim no mundo lusófono, recebeu em Maio a visita do Ministro dos Negócios Estrangeiros chinês, Wang Yim. Na altura, o chefe de Estado cabo-verdiano, Jorge Carlos Fonseca, reiterou o interesse de Cabo Verde em atrair projectos ligados à iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”.

A meio caminho entre três continentes, o arquipélago deve afirmar-se, a médio e longo prazo, como um importante entreposto no âmbito da estratégia de afirmação global da economia chinesa, antevê Paulo Duarte. “As tendências de futuro são extremamente positivas. Veja-se o caso, por exemplo, da prospecção e exploração de gás em Moçambique ou do posicionamento geoestratégico de Cabo Verde. Cabo Verde é um exemplo muito interessante num futuro a médio e longo prazo: na convergência das plataformas africana, latino-americana e europeia”, assinala o académico.

Cabo Verde não é, ainda assim, o único lugar do Atlântico que ambiciona pontificar no mapa de “Uma Faixa, Uma Rota”. Com o investimento chinês em Portugal a superar a

marca dos 11 mil milhões de dólares – e depois de garantido o estabelecimento de ligações aéreas directas entre Lisboa e a China –, as autoridades portuguesas ambicionam agora atrair situações ligadas à iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, num plano centrado no Porto de Sines. “Sines pode e deve proporcionar uma plataforma logística multimodal, ou seja, uma plataforma para onde convergirão rodovias e ferrovias”, defende Paulo Duarte. A ideia é prolongar a linha férrea que actualmente é a mais comprida do mundo e que liga Yiwu a Madrid, fazendo com que no futuro termine em Sines em vez de terminar na capital espanhola. A partir daí, os contentores de mercadorias provenientes da China podem seguir viagem por navio até às Américas. Ou, o inverso. A Sines pode igualmente chegar por navio mercadorias que depois serão expedidas por comboio utilizando a dita linha ferroviária”, ilustra o especialista.

O investigador defende ainda que, com um pouco mais de ambição, o projecto delineado pelo governo português para o Porto de Sines pode ser mais abrangente. “O Aeroporto de Beja pode reforçar as redes marítimas e ferroviárias, permitindo o transporte aéreo para mercadorias perecíveis ou sensíveis à humidade, que não podem esperar, por conseguinte, muito tempo nos portos, nem aguentar o longo caminho marítimo. Sines é, por todas estas razões, não só importante ao nível logístico, como também geopolítico, ao colocar Portugal na vanguarda das iniciativas chinesas.”

A missão de transformar Sines no mais ocidental dos entrepostos da “Nova Rota Marítima da Seda” trouxe à China, já na recta final de 2017, a ministra portuguesa do Mar, Ana Paula Vitorino. A governante portuguesa esteve em Pequim com o propósito de convencer as autoridades chinesas das vantagens do projecto. ■



JAC MOTORS ANUNCIA PRIMEIRA FÁBRICA NO BRASIL

Cinco anos depois de ter anunciado a abertura de uma fábrica no Brasil, a empresa chinesa JAC Motors vai finalmente avançar com o projecto em Itumbiara, Estado de Goiás. Num investimento de cerca de 60 milhões de dólares norte-americanos, esta unidade deverá gerar 820 empregos e produzir até 35 mil carros por ano. Em 2011, a JAC Motors tinha anunciado a construção de uma fábrica no Brasil, o que acabou por não se concretizar na altura devido a um agravamento dos impostos sobre os veículos importados.

EMPRESA PORTUGUESA COBA COM INTERESSADOS CHINESES

Dois grupos chineses estão interessados em comprar uma participação na empresa portuguesa COBA (Consultores para Obras, Barragens e Planeamento), detida pelo consórcio angolano Primagest, liderada pela Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol). São eles a China Three Gorges, através de uma subsidiária, e a China Design Group. Também a norueguesa NorConsult se encontra entre os candidatos à compra da participação de 70 por cento que o consórcio Primagest detém no grupo COBA. Constituído em 1962, o COBA facturou em 2016 cerca de 40 milhões de euros e registou um lucro de 6 milhões de euros.



PORTUGAL VAI ABRIR CONSULADO EM CANTÃO

Portugal vai abrir durante o primeiro trimestre deste ano um consulado na cidade de Cantão. Cantão torna-se assim na terceira cidade do Interior do País, depois de Pequim e Xangai, a ter um consulado português. O ex-embaixador de Portugal em Pequim, Jorge Torres Pereira, explicou que a abertura de um consulado na província de Guangdong, a mais rica da China em termos de PIB, era um desejo antigo das autoridades portuguesas.



NAVIO-HOSPITAL CHINÊS FECHA 2017 EM TIMOR-LESTE

O navio-hospital do Exército de Libertação Popular da China "Arca da Paz" ofereceu consultas médicas gratuitas a cerca de 7300 pessoas em Timor Leste, durante uma missão humanitária de oito dias que terminou no final de Dezembro do ano passado. De acordo com a agência estatal chinesa Xinhua, o "Arca da Paz" enviou ainda equipas médicas a diferentes locais do país, sendo que os especialistas chineses participaram também em exercícios de salvamento com militares locais. Ainda segundo a agência chinesa, o presidente timorense, Francisco Guterres, salientou que os serviços oferecidos pelo navio-hospital em todo o mundo são um sinal da responsabilidade que a China cumpre como potência internacional. Desde que Pequim lançou a Missão Harmonia 2017, a 26 de Julho, o Arca da Paz visitou um total de oito países, incluindo Angola e Moçambique.



CHEC VAI CONSTRUIR NOVO PORTO EM TIMOR-LESTE

A China Harbour Engineering Company (CHEC) foi a empresa escolhida para a construção do novo porto de Tibar, nos arredores de Díli, capital de Timor-Leste. Após um “intenso processo negocial” com outros concorrentes ao projecto, a francesa Bolloré, concessionária do porto, decidiu adjudicar a obra à CHEC, que pertence ao grupo estatal chinês China Communications Construction Company. A construção do porto de Tibar, avaliada em 400 milhões de dólares norte-americanos, tinha sido oficialmente inaugurada em Junho de 2017. No entanto, ainda não é conhecida a data do arranque das obras. O porto deverá entrar em funcionamento em 2019, com uma capacidade inicial de 226 mil contentores por ano.

DELEGAÇÃO CHINESA VISITA AÇORES PARA DISCUTIR COOPERAÇÃO CIENTÍFICA

Representantes do Ministério da Ciência e Tecnologia da China e da Academia de Ciência Chinesa visitaram os Açores em Dezembro e discutiram a possibilidade de estabelecer uma cooperação científica com o arquipélago português. “O secretário regional do Mar, Ciência e Tecnologia dos Açores, Gui Menezes, admitiu na ocasião o interesse da China em cooperar cientificamente com a região no âmbito do Air Center – Centro de Investigação Internacional do Atlântico, a instalar no arquipélago”, escreveu o jornal Açoriano Oriental no dia dessa visita. Após um encontro com a comitiva chinesa na ilha de São Miguel, Gui Menezes disse que foi ainda discutida uma possível cooperação na investigação no mar profundo e na aquacultura. “A China também tem coisas em que nós podemos aprender, nomeadamente nas questões de aquacultura, em que nós estamos a dar os primeiros passos. Para nós também será importante perceber experiências chinesas, sobretudo com algumas espécies que eles produzem e que nós temos cá e que têm valor comercial elevado”, adiantou o secretário regional.



RELAÇÕES ENTRE LISBOA E PEQUIM SÃO FORTES, DIZ FERNANDO MEDINA

As relações entre Portugal e China são fortes e a sua importância tem aumentado ao longo dos anos, disse Fernando Medina, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, durante uma visita a Pequim. “Há um sentimento partilhado de que estamos a abrir um novo momento de novas oportunidades, na medida em que a China tem afirmado com muita clareza uma política de abertura”, assegurou o dirigente, citado pelo jornal Diário do Povo. Com a ajuda das ligações aéreas entre Pequim e Lisboa, um maior investimento está também a ser direccionado para o turismo. “Por isso estamos a trabalhar no turismo de Lisboa com intensidade pois, no fundo, é um elemento importante no estreitamento das relações”, assegurou. O dirigente lembrou ainda que 2019 marca o 40.º aniversário do estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países e os 20 anos da transferência de administração de Macau para a China, revelando que Portugal planeia “um ano particular a nível do estreitamento e da visibilidade das relações sino-lusófonas”.



COMÉRCIO ENTRE CHINA E LUSOFONIA VOLTA A SUBIR

As trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa subiram 29,81 por cento até Outubro do ano passado, em termos anuais homólogos, atingindo 97,99 mil milhões de dólares norte-americanos. De acordo com dados dos Serviços de Alfândega da China, a China comprou aos países de língua portuguesa bens avaliados em 68,38 mil milhões de dólares, o que representa mais 32,21 por cento, e vendeu produtos no valor de 29,61 mil milhões de dólares, um aumento de 24,6 por cento em relação ao mesmo período do ano anterior. O Brasil manteve-se como principal parceiro económico da China, com o volume das trocas comerciais bilaterais a cifrar-se em 72,83 mil milhões de dólares entre Janeiro e Outubro, um valor que traduz um aumento de 29,26 por cento. Com Angola, o segundo parceiro lusófono da China, as trocas comerciais cresceram 47 por cento, atingindo 18,80 mil milhões de dólares. Já no que diz respeito a Portugal, terceiro parceiro da China na esfera dos países de língua portuguesa, o comércio bilateral resultou em 4,66 mil milhões de dólares no período referido, uma subida de meio por cento.

CHINA E BRASIL LANÇAM SEXTO SATÉLITE EM CONJUNTO

A China e o Brasil vão lançar em 2019 o sexto satélite conjunto destinado a estudar aspectos ligados à agricultura, florestas, ambiente, recursos hídricos e desastres naturais. O anúncio foi feito em Pequim pela Corporação de Tecnologia e Ciência Espacial da China, que adiantou ser o lançamento do satélite CBERS-4A realizado por um foguetão chinês do tipo Long March-4B. Trata-se do sexto satélite sino-brasileiro a ser lançado desde 1999.



AMBIENTE DE NEGÓCIOS MELHORA EM TODOS OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

O ambiente de negócios melhorou de 2016 para 2017 em todos os países de língua portuguesa, sendo, entre estes, Cabo Verde o mais bem posicionado e Angola o que mais subiu, segundo a classificação constante do relatório do Banco Mundial "Doing Business", edição de 2018. O estudo demonstra a existência de uma vaga de reformas no continente africano: no período em análise quase um terço de todas as reformas introduzidas a nível global foram executadas em África, um número recorde de 83 reformas para facilitar a realização de negócios em 36 de 48 economias na África a sul do Saara. Entre os países mais reformistas estiveram dois de língua portuguesa: Angola e Cabo Verde, com três reformas cada.



MACAU 2017 LIVRO DO ANO

EDIÇÃO ESPECIAL EM CD
+
SELO
“MACAU VOLTA ÀS RAÍZES COMUNS”

Seja bem-vindo à consulta
do **MACAU - LIVRO DO ANO**, dos últimos anos,
através da seguinte página electrónica,
ou descarregando as aplicações:

Página electrónica:
<http://yearbook.gcs.gov.mo>

Aplicações:

iOS



Android



As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **Macau 2017 – Livro do Ano** em versão CD (edição especial) já se encontram à venda. O anuário regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da RAEM, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos aqueles que desejem estudar e compreender melhor Macau. Este ano, o **Livro do Ano** inclui ainda o selo filatélico “Macau: Volta às Raízes Comuns”, como prova do apoio do Gabinete de Comunicação Social às indústrias culturais e criativas de Macau. Diversas fotografias e vídeos podem ser consultados online (arquivo disponível desde o anuário de 2002) ou através de aplicativos para telemóveis e tabletes. O livro é publicado em chinês, português e inglês.



孵化空間
INCUBATION
SPACE
ESPAÇO
DE INCUBAÇÃO

STARTUPS

Aposta no empreendedorismo inovador

T SIN IOK I (洗玉誼) F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Os dados estão lançados para ajudar jovens empreendedores de Macau a criar negócios inovadores, que se encaixem no modelo de *startups*. Com a dinamização de um espaço exclusivo para o Centro de Incubação de Negócios para Jovens de Macau e a realização da primeira Startup Week, o futuro anuncia-se promissor



É NA zona do NAPE, junto ao rio, que está agora a funcionar o Centro de Incubação de Negócios para Jovens de Macau, com enfoque nas *startups*. As novas instalações foram inauguradas em Outubro e há cada vez mais empresas locais a candidataram-se para ter um espaço físico e contar com o apoio estratégico do centro de incubadoras da RAEM.

Apesar de ter sido inaugurado em 2015, o Centro de Incubação passou a ter, apenas em Outubro, um espaço próprio depois de ter passado cerca de dois anos na sede do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM). Continua a estar sob a alçada dos Serviços de Economia, mas a gestão do espaço e do projecto foi entregue à empresa pública Parafuturo de Macau Investimento e Desenvolvimento, com a qual o Executivo assinou um acordo a 18 de Outubro para dirigir o centro, e que tem como presidente Francis Tam, antigo secretário para a Economia e Finanças.

“Queremos criar mais oportunidades de negócio para empresários locais e empresários que, não sendo de Macau, querem investir e começar um negócio em Macau”, explica Wilson Lam, director-geral da Parafuturo. Já os Serviços de Economia enfatizam a localização do novo centro, que consideram ser “muito vantajosa” para um centro de *startup* de empresas, “com boas redes de transporte e comunicação, facilitando o intercâmbio entre tecnologia, indústria e indústrias criativas”.

Para fazerem parte do Centro de Incubação, as empresas têm de apresentar uma proposta, com um plano de negócios detalhado. Lam diz que, por enquanto, não há qual-

quer limitação desde que o negócio tenha sentido, segundo os critérios da Parafuturo. “O que privilegamos é o potencial de sucesso, independentemente de ser um produto ou um serviço.”

Caso a ideia seja aprovada, os empresários passam a poder usar de forma gratuita as instalações durante seis meses, 24 horas por dia e sete dias por semana. O período é prorrogável por mais seis meses até um máximo de dois anos, desde que o negócio esteja a crescer e a Parafuturo entenda que continua a haver motivos para apoiar os empresários. Além do espaço, o centro oferece serviços de aconselhamento e promoção para ajudar a montar, consolidar e promover o negócio. “Vai haver pessoas como eu, que sou *designer* de marca e que comecei a vida empresarial há muitos anos, com diferentes experiências a quem podem pedir conselhos e que os vão acompanhar”, acrescenta Wilson Lam, também proprietário da loja de indústrias criativas Macau Creations.

É aqui também que está a funcionar, desde Outubro, o Centro de Intercâmbio e Inovação e do Empreendedorismo para Jovens da China e dos Países de Língua Portuguesa, que pretende fortalecer o papel de plataforma de Macau na área das *startups*.

Incentivo ao intercâmbio

O espaço conta com um auditório, salas de reuniões, um terraço com jardim e uma sala comum. É um *open space* sem escritórios privados para cada empresa. O *design* não foi ao acaso. “É uma forma de incentivar os empresários a





Carlos Lam, director-executivo da Parafuturo de Macau

sentarem-se em sítios diferentes e de encorajar que falem e troquem impressões uns com os outros”, explica o director-executivo, Carlos Lam.

Já Wilson Lam acredita que, tendo em conta o espaço e o perfil dos empresários ligados a *startups*, o contacto surgirá naturalmente. Ainda assim, ressalva, o centro vai fomentar a aproximação. “Vou conhecer bem todos os negócios, saberei as vantagens e necessidades de cada empresário, e posso pô-los em contacto em função do que uns precisam e do que outros podem oferecer”, exemplifica.

Na incubadora, também serão organizadas actividades como *workshops*, apresentações de negócios consolidados e encontros com potenciais investidores de Macau, do Interior do País e de outros territórios.

Uma porta para a China

Ajudar os empresários que querem entrar noutros mercados, como o do Interior do País, é mais um dos objectivos do centro, segundo Carlos Lam. A ideia é explorar a relação que a Parafuturo já tem com as incubadoras da China – a Oficina de Inovação para os Jovens de Guangdong, Hong Kong e Macau, em Nansha; o Parque de Criatividade, Inovação e Empreendedorismo, também em Nansha; o Vale de Criação de Negócios para os Jovens de Macau, na Ilha da Montanha, e o Centro de Jovens Empresários e Inovação de Qianhai Shenzhen-Hong Kong, em Shenzhen. “Queremos investir mais na comunicação com as incubadoras. Dar-lhes a conhecer os projectos das nossas empresas e vice-versa”, refere o director-executivo.

A colaboração com incubadoras estende-se a outros países, como Portugal. Em Fevereiro passado, Macau estabeleceu novas cooperações com centros de *startups* portu-

guesas, depois da visita ao país de uma comitiva de jovens empresários locais, que integrava também o director dos Serviços de Economia, Tai Kin Ip, e Chui Sai Peng, vice-presidente da Parafuturo. “Queremos enviar empresários daqui para Portugal para que tenham contacto com o que se está a fazer lá e como se estrutura um negócio no país”, antecipa Carlos Lam.

Wilson Lam não tem dúvidas de que a incubadora é um trampolim para quem está a começar. “Na fase das entrevistas, tentamos logo ajudá-los a perceber se o negócio faz sentido e isso é muito importante. Se acharmos que não tem futuro, vamos explicar-lhes porque não funciona. Quando aceitamos, vamos apresentar o negócio a outras pessoas. Comecei a vida empresarial muito novo e na altura não tínhamos apoio. É fantástico que agora haja estas ajudas do Governo, que se tenha um negócio e haja alguém que ajude a divulgá-lo e a encontrar pessoas que podem investir”, realça.

Carlos Lam acrescenta aos benefícios o que os empresários poupam em rendas por estarem num espaço gratuito e o apoio na solução de obstáculos quando querem exportar o negócio. “As incubadoras do Interior do País com as quais trabalhamos não são privadas, pertencem a uma província e algumas são nacionais. Podemos ajudá-los em questões como legislação e taxas que são aplicadas aos produtos”, afirma.

Aspectos importantes para os empresários que, segundo o responsável, estão sobretudo preocupados com as oportunidades de negócio e em angariar investimento. “É nisso que estamos a trabalhar nesta fase. Vamos convidar para apresentações dos negócios que temos aqui fundos e investidores, tanto de Macau como do Interior do País, que têm interesse em investir em *startups*”, revela.

Expectativas elevadas

Duzh, à frente das produtoras de audiovisual Bigui e Macau Metropolis Picture, é um dos empresários que está na incubadora. Deixou Pequim há 10 anos para apostar em Macau e não está arrependido. “Pequim é uma cidade enorme, e a China um país gigante. É difícil ter todos os apoios necessários”, aponta.

Depois de ter recebido subsídios do Governo destinados a pequenas e médias empresas, acabou por montar o primeiro escritório na incubadora por sugestão dos Serviços de Economia. “Venho de Pequim e sinto que a empresa e eu precisamos de conhecer mais gente. Esta é uma das formas de o fazer. A incubadora funciona como uma espécie de intermediário. Podemos falar uns com os outros, conhecer outros negócios, e quem sabe ter colaborações. Posso conseguir mais recursos, porque organizam eventos e aparecem pessoas novas. E claro, a questão mais importante é a possibilidade de conseguir mais investimento a partir da incubadora”, sublinha o jovem empresário.

Foram os apoios que o Governo dá às pequenas e médias empresas e a “maior aposta” no sector da cultura face a Pequim que o levaram a ficar e, agora, a querer que Macau seja

a sede principal da empresa que também opera no Interior do País. “Sinto que há muitas vantagens em estabelecer um negócio aqui. O Governo apoia bastante”, enfatiza Duzh.

O produtor diz não ter encontrado grandes obstáculos para entrar no mercado da RAEM, mas sublinha que a facilidade não é a mesma se o caminho for ao contrário. A concorrência, a competição e a cultura fazem com que, na opinião de Duzh, seja difícil um negócio local passar a fronteira. “É fundamental encontrar um intermediário ou conseguir uma parceria.”

Apesar das lacunas que encontra em Macau – como a “falta de recursos humanos” ou ser um mercado “pequeno” –, o produtor defende que há “um enorme potencial” para desenvolver a área da cultura e “fazer algo grande” na região. “Macau pode ser grande enquanto marca. E precisa de empresas como nós. Pequim não precisa de nós como Macau. Já lá há intelectuais que cheguem”, considera.

O diretor do Departamento de Apoio ao Investidor do IPIM, Agostinho Vong, concorda que Macau é um mercado “limitado”, mas ressalva que os benefícios podem acabar por compensar as limitações. “Se nos comparamos com o Interior do País, temos algumas vantagens como impostos reduzidos, um mercado livre, e a ausência de limitações ao nível de entrada e saída de pessoas”, enumera.

A juntar, acrescenta o responsável do Governo, está ainda a relação próxima com o País, países de língua portuguesa e, agora, com os territórios abrangidos pela política ‘Uma Faixa, Uma Rota’. “Todos os mercados em crescimento, como o da Malásia, Indonésia, Myanmar e Laos, já oferecem vantagens que as empresas locais podem aproveitar. Macau pode não ser um grande mercado, mas pode ser um intermediário para quem está a começar”, defende.

Startups ganham primeira semana

A primeira edição da Start-up Week decorreu em Novembro passado e contou com a participação de 60 oradores de Macau, do Interior do País e de Hong Kong. Investidores, empresários, académicos e membros do Executivo estiveram nas palestras e exposição, que teve lugar no Venetian, para debater sobre o modelo de negócio que começa agora a dar os primeiros passos na RAEM.

Alexandre Lobo, a representar a Escola de Gestão da Universidade de São José, salienta o papel “fundamental” das universidades para que se crie uma clima de empreendedorismo sustentado. O professor de Gestão alerta que a taxa de mortalidade de uma *startup* é ainda mais elevada do que a de uma pequena e média empresa, e que, por isso, a formação, garantida pelas entidades de ensino, é determinante para que se superem as dificuldades.

Para o académico, os jovens empresários locais têm de saber aproveitar as áreas em que a região se destaca. “Macau tem de saber posicionar-se. A economia local está focada nos serviços. Só a área do turismo está sedenta de novas ideias e precisa disso para sobreviver. E aqui já há uma gama de possibilidades enorme”, realça.



“QUEREMOS CRIAR MAIS OPORTUNIDADES DE NEGÓCIO PARA EMPRESÁRIOS LOCAIS E EMPRESÁRIOS QUE, NÃO SENDO DE MACAU, QUEREM INVESTIR E COMEÇAR UM NEGÓCIO EM MACAU”, DIZ WILSON LAM



Ao potencial do sector que é um dos motores da economia local, Lobo acrescenta o potencial da cidade como pólo de ligação com zonas estratégicas. O professor recorda que Macau está cada vez mais focada em ser uma ponte entre os países de língua portuguesa e a China. “O que também abre possibilidades enormes”, reforça.

Mas há mais, na opinião de Alexandre Lobo. “As empresas locais têm de começar a pensar na integração na região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, que também é uma área estratégica do Governo. Tem mercados enormes que precisam de novas ideias que as empresas locais podem explorar, como Zhuhai e Cantão.”

Agostinho Vong diz que o Executivo tem claro o percurso que Macau deve seguir. O responsável do IPIM explica que mais do que atrair “muitos investidores estrangeiros” para criarem negócios em Macau, o objectivo é captar esse investimento para que os locais tenham mais oportunidades. “Não é realista que uma cidade tão pequena tenha a ambição de criar um ambiente enorme de empreendedorismo”, defende.

Aprender sem copiar

O facto de estar agora a começar pode funcionar a favor de Macau que, concordam empresários e académicos, deve aprender com o que foi feito no resto do mundo e fintar os erros cometidos por mercados mais maduros. “Macau já tem de partir na dianteira e implementar as melhores práticas internacionais”, defende o professor Alexandre Lobo.

Chong Tak Lo, director da Associação Comercial de Macau, concorda e dá como exemplo o modelo local de incubadoras. Actualmente, há duas: a Incubadora Tecnológica de Macau – criada em 2001, e que conta com o apoio do Governo e de empresas privadas –, e o Centro de Incubação de Negócios para Jovens de Macau. “Não se podem limitar a ser um espaço físico gratuito. Têm de ajudar a desenvolver o negócio. Muitos empresários têm boas ideias, mas não têm contactos. As incubadoras em Macau têm de fazer essa ligação a outras incubadoras e partes do mundo”, aconselha o também membro do Conselho para as Indústrias Culturais.

Já Manuel Correia da Silva diz que Macau “pode aprender, mas não pode copiar” os modelos estrangeiros, sob pena de falhar. O criativo da marca LinesLab realça que a região tem de analisar os mercados vizinhos, como o de Hong Kong e de Shenzhen “onde já há muita coisa a acontecer”, e evitar oferecer o mesmo. A diferença, continua, pode estar mais uma vez na proximidade aos países de língua portuguesa. “Temos uma relação com países como Portugal, a dar algumas cartas com a Web Summit, e o Brasil, que tem um ecossistema interessante. Também se fala do potencial de novas economias como Timor, onde faltam muitas coisas. Temos de ser inteligentes na forma como nos podemos posicionar. Cabe à comunidade de empreendedores ser capaz de encontrar oportunidades, soluções e ter as competências para vingar”, afirma.

Alexandre Lobo defende que “não é num mês que se cria um ambiente de empreendedorismo”, mas realça que Macau tem características que podem ajudar, como a “legisla-



ção favorável” em matéria de impostos e de contratação de recursos humanos. “Isso tudo facilita o processo de criação de um ambiente empreendedor”, explica.

Para o presidente da Associação Portuguesa de Business Angels, João Trigo da Rosa, a Start-up Week é um bom prenúncio e compara-a à Semana Global do Empreendedorismo, lançada há 10 anos em Portugal. Trigo da Rosa sublinha que a iniciativa foi “muito importante” para agregar empreendedores, empresários, universidades e o Governo em Portugal. “A Start-up Week compara-se a essa nossa iniciativa, em que se procurou juntar os vários protagonistas do ecossistema e experiências internacionais”, refere o convidado do evento.

Hoje, Portugal é palco da Web Summit, uma das cimeiras mais importantes na área do empreendedorismo e tecnologia, e uma referência internacional no panorama das *startups*. Tudo começou com a crise económica que atingiu o país e que “obrigou as pessoas a procurarem alternativas” de vida.

As políticas ajudaram. Os estímulos fiscais, os vistos para estrangeiros que queiram radicar-se em Portugal, o fundo de investimento de 200 milhões de euros que pode ser aproveitado por investidores nacionais e estrangeiros que queiram investir em Portugal – “trazendo capital estrangeiro, mas sobretudo *know-how*” – foram medidas que criaram condições para a explosão de startups em Portugal. Apesar do papel do Executivo, João Trigo da Rosa insiste: “O grande dinamizador foi a sociedade civil. Houve um conjunto de jovens que mudou a mentalidade e que começou a ser muito mais empreendedor do que era a geração anterior”, recorda.

Apesar do mercado português ter outra escala e já se encontrar num ponto mais avançado, o também professor entende que o país e Macau se podem ajudar mutuamente. “A relação entre os *players* é muito importante. A maior ajuda que podem dar é estabelecendo uma rede entre as *startups* dos dois territórios”, afirma Trigo da Rosa. ■

Paixão pelo bambu

T CLÁUDIA ARANDA

A utilização do bambu como material de construção em Macau é uma prática secular, que tem passado de geração em geração sem que exista um manual, um livro. Três arquitectos portugueses empenham-se agora para que este conhecimento adquirido de forma empírica entre para a lista de património imaterial de Macau



CHIO SENG Wai e Leong Wo deixaram o trabalho no campo numa aldeia algures perto de Zhuhai no final da década de 1970 para se tornarem o que são hoje em Macau, empreiteiros e mestres do bambu. O mais velho e experiente Chio Seng Wai, na casa dos 60 anos, estima que, na altura, houvesse cerca de 200 pessoas a trabalhar na construção com bambu. Hoje, não haverá mais de 70 trabalhadores, todos com idades superiores a 40 anos, diz Chio, diante de uma chávena de chá que sorve enquanto conversa com a MACAU, sentado ao lado do colega de profissão, Leong Wo, num estabelecimento de comidas situado na Rua do Pagode, não muito longe do templo budista de Hong Kung.

“Muitos jovens não querem trabalhar na construção, porque é um trabalho muito árduo”, traduz do cantonês para o português o arquitecto e artista plástico João Ó, que tem dedicado parte do seu trabalho a investigar as potencialidades do bambu na arquitectura e a desenvolver projectos artísticos contando com os velhos mestres para os executar.

Os empreiteiros do bambu sublinham as vantagens da utilização deste material orgânico nas estruturas temporárias de andaimes na construção civil ou dos grandes pavilhões de bambu destinados a espectáculos de ópera cantonesa,

erguidos e desmontados diante dos templos por altura da celebração dos rituais dedicados aos deuses chineses.

“O bambu é um terço mais barato do que o ferro, é bastante mais versátil, os andaimes metálicos são feitos a direito não há a possibilidade de dobrar. O bambu é muito fácil de se deformar e de acompanhar as curvas do edifício”, explica João Ó, em português, enquanto Chio Seng Wai prossegue em cantonês.

Apesar das vantagens da utilização do bambu, há cada vez menos gente a aprender a utilizá-lo na construção. Houve também um decréscimo no número de empresas especializadas a trabalhar com bambu em obras de construção civil, devendo existir hoje à volta de “17 ou 18 companhias”, dizem os empreiteiros.

“A grande dificuldade é a falta de mão-de-obra”, diz Chio. Outro aspecto que dificulta muito o trabalho desta geração de profissionais, explica João Ó, é “lidar com a burocracia”. “Para montar um andaime na fachada de um edifício, os empreiteiros têm que mostrar a metodologia de trabalho, fazer desenhos de execução, explicar como vão fazer a obra. Os mestres do bambu são pessoas intuitivas, esta geração é de cavalheirismo, eles dizem que vão fazer, assinam um contrato e vai em frente”, explica o arquitecto



to, que desenvolveu com os construtores uma relação de colaboração profissional, tentando adaptar-se à sua forma empírica de trabalho.

Para os mestres, habituados a empreitadas em grandes obras de construção civil e a erguerem andaimes obedecendo a técnicas já por eles bem conhecidas, o convite para executarem instalações de arte revelou-se um verdadeiro desafio. Os mestres não hesitaram e aceitaram o reto e, ao fim de várias instalações artísticas concretizadas, estão cada vez mais convencidos de que os seus conhecimentos aplicados a um projecto de arte podem ajudar a promover a continuação da tradição do bambu em Macau. Em todo o caso, alerta o mestre Chio, para assegurar que a utilização de bambu na construção não se venha a perder definitivamente, “será necessário o apoio do Governo na protecção deste ofício”. “Se não houver apoio institucional na protecção do conhecimento sobre o uso do bambu não haverá certamente esse futuro”, sublinha o mestre.

Chio Seng Wai conta que ele próprio e a Associação dos Barraqueiros de Macau à qual pertence têm tentado desenvolver actividades por forma a defender a profissão. Tentaram promover acções de formação sobre o uso do bambu, mas sem grande sucesso, devido à fraca divulgação dos cursos, admitem. Também em 2012, procuraram apoio no sentido de apresentar ao Governo uma proposta de candidatura para a inclusão da arte e ofício da construção em bambu no património cultural imaterial de Macau. Por enquanto, os empreiteiros do bambu permanecem esperançosos de que a utilização do bambu em Macau continue, não obstante a actual falta de mão-de-obra e a tendência crescente para a utilização do ferro poderem colocar em risco o futuro da profissão. O que vai acontecer, dizem, “é que vai ocorrer uma espécie de alteração de papéis”. Daqui a 10 anos, “a geração deles já não vai trabalhar, já vai estar reformada. Provavelmente, eles conseguem passar a pasta administrativa aos filhos, mas a mão-de-obra será importada, já não será local, porque há cada vez menos profissionais a fazerem este trabalho localmente”, explica João Ó.

Em 2012, o Instituto Cultural anunciou novos itens incluídos na Lista do Património Cultural Imaterial de Macau, nomeadamente A-Má, Na Tcha, Gastronomia Macaense e Teatro Maquista, alargando a lista do Património Cultural Imaterial local para 10 itens. Há seis tradições de Macau que já integram a Lista do Património Cultural Imaterial da China: a ópera cantonense, o chá de ervas, a escultura de Ídolos Sagrados de Macau, as Naamyam Cantonense (canções narrativas), a música ritual taoista de Macau e o Festival do Dragão Embriagado.

Aprender com os mestres do bambu

Em 2015, os mestres do bambu Chio Seng Wai e Leong Wo viajaram com João Ó até Portugal para participarem na construção da obra Palácio da Memória, apresentado no Museu Nacional de História Natural e da Ciência,



OS EMPREITEIROS DO BAMBU PERMANECEM ESPERANÇOS DE QUE A UTILIZAÇÃO DO BAMBU EM MACAU CONTINUE, NÃO OBSTANTE A ACTUAL FALTA DE MÃO-DE-OBRA E A TENDÊNCIA CRESCENTE PARA A UTILIZAÇÃO DO FERRO PODEREM COLOCAR EM RISCO O FUTURO DA PROFISSÃO

em Lisboa. Com esta obra João Ó homenageava o sacerdote e cientista Matteo Ricci, o jesuíta italiano do século XVI que se estabeleceu no Interior da China via Macau. No museu de Lisboa, o arquitecto apresentou três instalações de grande escala integradas nos diferentes espaços do edifício, com recurso à utilização de bambu enquanto material tradicional de construção. As obras foram erguidas no próprio local pelos mestres da profissão, sendo que a peça mais desafiante de construir foi a estrutura escultórica constituída por vários lados circulares, que evocava o mapa do mundo em chinês elaborado por Ricci. A adaptação do projecto à realidade acabou por ultrapassar todas as expectativas, com artista e mestres a superarem-se a si mesmos em termos de recursos técnicos que tiveram que idealizar no momento para conseguirem concretizar a obra, conta João Ó.

“O mais engraçado é que, em Lisboa, acho que nos transcendemos, as duas partes, eu como artista e eles como executores”, diz João Ó. “A esfera foi o projecto mais difícil de executar, porque era preciso torcer o bambu. Para isso, os mestres tiveram que relembrar técnicas mais tradicionais que nunca utilizam no dia-a-dia. Na construção do andaime é só conceber a grelha e está feito. Ali, tiveram que abrir uma vara de bambu em seis, um trabalho muito artesanal, transformar a vara em ripas, laminar as ripas para ficarem mais finas, para poder torcer e fazer a esfera. Nesse aspecto, acho que os mestres se transcenderam”, refere o arquitecto.

Para isso muito contribuiu a empatia profissional que arquitecto e mestres do bambu acabaram por desenvolver ao longo de meses de trabalho em conjunto. “A nossa relação é muito fluída, porque tento adaptar-me às dificuldades deles. Como arquitecto tenho que fazer plantas, desenhos, alçados, mas percebi que eles não conseguiam interpretar os desenhos. Para ultrapassar essa dificuldade, fiz uma maquete. Não posso deixar que um obstáculo de interpretação impeça o nosso desenvolvimento, porque nós temos um objectivo, que é concretizar a obra. Tenho de adaptar-me às dificuldades deles e eles também se adaptam, têm que ser mais versáteis em termos de concepção espacial do modelo que eu quero. Nesse aspecto os mestres são bastante ágeis mentalmente, têm uma boa leitura espacial, que advém da profissão. Essa leitura espacial tem também a ver com a minha profissão. Ou seja, ‘especialmente’ falamos da mesma coisa, é como se fosse música, estamos a tocar notas musicais, entendemo-nos e vamos continuar nesta linguagem”, prossegue o arquitecto.

Na execução dos projectos artísticos, os construtores foram encontrando sempre soluções, em busca do aperfeiçoamento da obra. “Os mestres mantiveram sempre uma atitude construtiva”, afirma João Ó. “Todos os dias, quando acabávamos o trabalho, íamos beber uma cerveja e falar das dificuldades do dia seguinte. E é exactamente isso que eles costumam fazer na obra. Eles disseram isso: ‘Ó Soares, nós acabamos o trabalho bebemos uns copos e falamos do trabalho do dia seguinte, das dificuldades, como ultrapassar, para no dia seguinte o trabalho fluir’. Era o que fazíamos no museu. No regresso ao trabalho, no dia seguinte, os mestres observavam a peça e, de uma forma intuitiva, sabiam já como é que haviam de aperfeiçoá-la. Para mim é óptimo, estou a falar com pessoas que se querem transcender a si próprias, acho incrível”, prossegue.

O interesse de João Ó pelo bambu como material de construção despertou há já alguns anos. Como faltam ainda os livros e um conhecimento sedimentado sobre a técnica de utilização de bambu em Macau, João Ó e a também arquitecta Rita Machado resolveram estudar o que se faz localmente. “Fomos conhecer os mestres e aprender com eles, que é a única forma de aprender a fazer. No início do ano passado, por exemplo, estive com os mestres todos os dias, no teatro da ópera do templo de A-Má a desenhar como é que eles iam fazendo as fases da montagem. Achei que era a única maneira de compreender o sistema construtivo”, explica João Ó.

CLAUDIA ARANDA



O interesse do arquitecto João Ó pelo bambu como material de construção despertou há alguns anos

O arquitecto optou por desenhar porque a fotografia, neste caso, “não serve”. “É um emaranhado de informação, não se consegue sistematizar e absorver o conhecimento.” Foi através do encontro regular com os empreiteiros, do acompanhamento constante do seu trabalho, do desenho diário das fases construtivas até a finalização da obra do templo de A-Má e do templo de Coloane, que João Ó conheceu os mestres.

Também em 2015 a dupla de arquitectos João Ó e Rita Machado inaugurou na Universidade de Macau o pavilhão Treeplets, uma estrutura temporária de bambu constituída por três árvores colocadas aleatoriamente no espaço público e que foi seleccionado através de um concurso internacional lançado pela associação local Babel.

EM MACAU, A INDÚSTRIA LOCAL DE CONSTRUÇÃO DE ANDAIMES NÃO NECESSITA DE DESENHOS DE PORMENOR, OS CONSTRUTORES APRENDEM COM A PRÁTICA

Em 2016, o mestre Chio Seng Wai voltou a acompanhar João Ó a Lisboa para a construção de uma canópia em bambu – uma estrutura para proteger do sol – montada no terraço da galeria Zé dos Bois (ZDB), no Bairro Alto.

A obra mais recente supervisionada por João Ó, e que contou com a consultoria de um outro mestre, Leong Siu Kuong, foi o pavilhão Elapse, desenhado e construído por alunos do terceiro ano do curso de arquitectura da Universidade de São José (USJ), à beira do Lago Sai Van, em Maio do ano passado.

A imaterialidade do bambu

O arquitecto João Palla foi um dos impulsionadores do conceito que envolve os estudantes de arquitectura da USJ na idealização de obras arquitectónicas contemporâneas com recurso a materiais locais tradicionais, como o bambu.

João Palla investiga o bambu como material de construção em Macau desde os anos de 1990 e acredita que todos os movimentos arquitectónicos ou artísticos são importantes para chamar a atenção sobre a importância do bambu como material de construção em Macau.

“Esta multiplicidade de coisas que está a acontecer é um registo de vontades que mostram que o bambu é mais do que um material para fazer andaimes. É também um material de expressão artística e arquitectónica que se quer dignificar”, afirma João Palla.

O arquitecto pretende continuar a sensibilizar a comunidade para a importância da defesa e da preservação deste material orgânico na realidade construtiva de Macau, através do projecto “Bamboo For Macau”. Esta iniciativa visa desenvolver acções para a difusão e promoção do uso do bambu enquanto “material do passado, presente e futuro”, incluindo a realização de documentários de cinema. “Este ‘Bamboo For Macau’ pretende chamar a atenção, tenta preservar as técnicas e estar atento ao que se passa relativamente à indústria da construção em bambu”, explica. “Interessa estar atento às leis, à indústria em si, que é uma indústria sensível”, sublinha.

Para o arquitecto e investigador, “o bambu é também uma espécie de património intangível. Quando está construído é património tangível, quando não está é uma espécie de património intangível, que só é feito com aquelas pessoas que o sabem fazer e que têm aquele sistema tradicional de construção. É um património que, no fundo, faz parte do ADN, do material ‘genético’ de Macau, é isso que defendo”, diz João Palla.

No seu trabalho pela preservação do bambu como material de construção, o arquitecto lembra que o bambu é um tipo de material que já no século XVI os primeiros portugueses e chineses residentes na região começaram a usar para construir casas na colina do Patane – em redor do actual Jardim Luís de Camões. “A construção em bambu em Macau é anterior à construção em betão. Há um património adquirido – que não sendo visível, por essas razões, porque normalmente são estruturas temporárias – faz parte dessa imaterialidade, que

é um dos elementos que caracteriza Macau. Há uma tradição construtiva, há técnicas para resolver vários problemas, em que são necessárias estruturas de apoio, do estilo dos andaimes, que se não for em bambu, vão ser muito difíceis de resolver com sistemas metálicos”, explica João Palla.

Para o arquitecto, é na técnica do “laço” ou do “nó” que une as hastes ou os paus de bambu que está o verdadeiro saber sobre como erguer uma estrutura deste material leve, económico, flexível utilizado há milhares de anos na construção. “Estes laços são a forma mais eficiente, não sendo uma coisa completamente fixa, permite alguma flexibilidade e deixa o bambu trabalhar, há uma especificidade”, diz.

Em Macau, a indústria local de construção de andaimes não necessita de desenhos de pormenor, os construtores aprendem com a prática. No entender de João Palla, este conhecimento formulado empiricamente está bastante solidificado e não pode ser adulterado, constituindo “património de Macau”.

“Esse conhecimento que era empírico e era passado de geração em geração, também é património. Veio de lá de trás, sabe-se lá de quando, e chegou aos dias de hoje, por via dessas pessoas. Não está escrito em livros, nem em manuais. Está na cabeça das pessoas, isso é o que faz [este conhecimento] um património imaterial.” ■



VOLUNTARIADO

As mãos que embalam os outros

T ANDREIA SOFIA SILVA

Sobem escadas para ajudar os idosos que não podem sair à rua, salvam das ruas animais abandonados, dão roupas e o conforto que falta quando o dinheiro não chega. O voluntariado em Macau está de boa saúde e tenta chegar a todas as mãos, com novos e diferentes projectos





DIREITOS RESERVADOS

FÁTIMA GALVÃO lembra-se bem do nome do primeiro cão que tirou das ruas. Deu-lhe o nome Boris e levou-o para casa depois de o ter visto a ser maltratado na zona das Docas de Macau. Estávamos em 1999, a meses da transferência de Macau para a China, e Fátima Galvão pensava até em ir para Portugal. Foi aquele cão, que sofria de sarna e que vagabundeava por aí, que a levou a ficar em Macau.

Desde aí que uma das fundadoras da Sociedade Protectora dos Animais de

Macau (ANIMA) e criadora da Masdaw – Associação de Cães de Rua e Protecção dos Animais de Macau, tem a casa cheia de animais que recolhe na rua. Recorda-se de um ou outro momento em que, durante um simples passeio ou um regresso de um concerto, se apiedou deste ou daquele animal. Deu-lhes nomes e manda-os sossegar enquanto conversa com a MACAU.

A viver em Macau há 31 anos, Fátima Galvão conta que a vontade de ajudar os outros sempre esteve den-

tro de si. “Quando era criança, ouvia-se falar muito na guerra, nos miúdos subnutridos e houve uma altura em que houve cólera. Fiquei muito impressionada com isso. Punha os bonecos à minha volta na cama, à noite, e para mim eles eram aqueles miúdos e eu tinha de os proteger. Apanhei a minha mãe a tirar-me os bonecos todos e eu fiquei chateada porque ela me estava a tirar os meninos que precisavam da minha protecção. Tinha seis anos”, recorda.

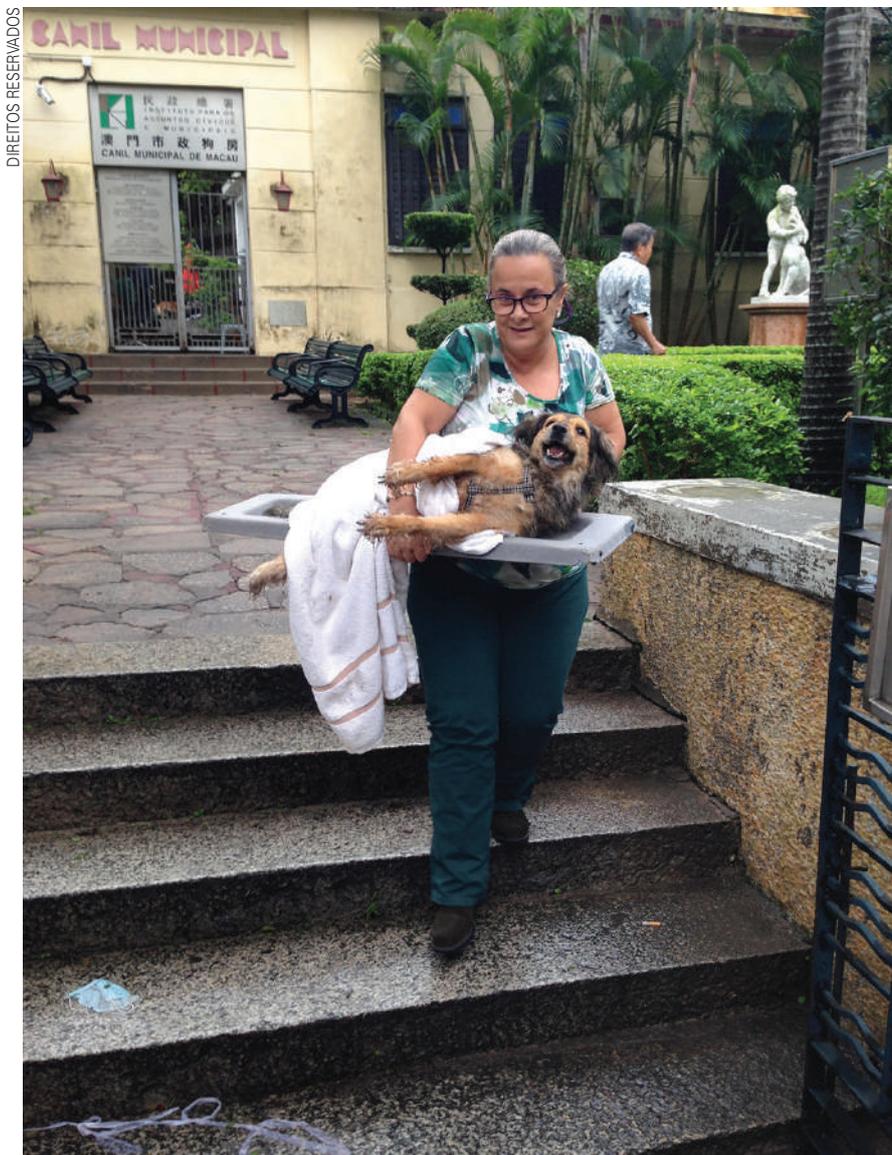
A fundadora da Masdaw é um dos exemplos de como o voluntariado em Macau faz diferença e de como está mais vivo do que nunca. As associações desdobram-se e focam-se em áreas tão díspares como os animais abandonados, as crianças sem tecto ou os que sobrevivem com baixos rendimentos.

O voluntariado é algo que chega inclusivamente às empresas como uma forma de responsabilidade social. A título de exemplo, são comuns as notícias de concessionárias de jogo ou entidades bancárias que fazem donativos, organizam eventos de caridade ou incentivam os seus empregados a envolverem-se em programas de voluntariado nas mais diversas áreas.

O combate à solidão

O encontro faz-se, religiosamente, todas as sextas-feiras de manhã na zona da Ilha Verde. Aqui está Robbie Kwok com os voluntários do grupo Hope International Volunteer. São quase dez da manhã. Na pequena sala não há rostos tristes e não há tempo a perder: há famílias à espera da sua visita, do seu saco com alguns bens essenciais, de dois dedos de conversa que ajudam a combater a solidão.

Tiram-se várias fotografias cheias de sorrisos, com os voluntários a entregarem t-shirts vermelhas. Afinal de contas, explica Robbie Kwok, é importante mostrar aos idosos e aos necessitados a alegria e a vontade de vencer as dificuldades do dia-a-dia. Perto do meio-dia, distribuem-se os grupos compostos, cada um, por três a quatro pessoas. O grupo que acompanhamos irá deslocar-se à Rua do Teatro, onde



Fátima Galvão é uma das fundadoras da ANIMA e fundou mais recentemente a MASDAW

DIREITOS RESERVADOS



ROBBY KWOK LIDERA A HOPE INTERNATIONAL VOLUNTEER, ORGANIZAÇÃO CRIADA HÁ QUATRO ANOS E QUE JÁ SOMA MAIS DE 8000 HORAS DE VOLUNTARIADO

mora, num quarto andar, um casal com um filho portador de deficiência.

A mulher trabalha num restaurante e o homem não pode trabalhar por ter um problema numa perna. Ao filho ninguém dá trabalho e não passou do nono ano de escolaridade. Sentamo-nos à mesa na pequena sala, enquanto Robbie Kwok revê os apontamentos relativos àquela família.

Pouco saem de casa, uma vez que o prédio onde moram não tem elevador, e, para aquele homem, dar um passeio até à zona do lago Nam Van revela-se um sacrifício: já fez essa tentativa, mas caiu.

Robbie pergunta o estado de saúde de ambos, vê o funcionamento de um sistema de alarme que chama caso haja algum problema. Em caso de necessidade, são os responsáveis do Hope International Volunteer que chamam os bombeiros, polícia ou assistentes sociais.

O grupo trabalha sobretudo com idosos que não conseguem sair de casa dadas as limitações físicas. Habitam prédios antigos, sem elevador, e

isso faz com que precisem de companhia, mesmo que tenham rendimentos e um sítio para viver.

Robbie Kwok, que também lidera uma entidade de ensino e que viveu na Austrália 12 anos, assegura que este é um problema bastante comum em Macau. Consigo trabalha todo o tipo de pessoas, tal como jovens ou mulheres de meia idade, chinesas e macaenses. Por semana, chegam a participar 20 voluntários.

“A maioria dos idosos só quer atenção e companhia”, assegura. “Querem que tomemos o almoço com eles. Dizem-nos que o Governo é bom para eles e que os ajuda, dizem que não precisam de nada, mas querem ter alguém com eles para conversar”, explica.

Yuki, de 28 anos de idade, trabalha na área do *marketing* educacional e faz questão de visitar famílias ou pessoas dependentes todas as semanas. “Decidi ser voluntária porque a maioria dos idosos vive sozinha e precisa de alguém que lhes faça companhia. Queria fazer algo para ajudar. Antes de ser

voluntária neste projecto já tinha ajudado a recolher fundos.”

Questionada sobre se outras pessoas da idade dela têm interesse em ajudar os outros, Yuki assegura que não se pode quantificar o interesse que os locais têm em relação ao voluntariado. “O interesse é assim assim. Uns interessam-se muito em ajudar os outros, mas há pessoas que não se interessam assim muito”, defende.

O grupo Hope International Volunteer foi recentemente distinguido nos Macau Business Awards e conta, ao fim de quatro anos de existência, com 8000 horas de visitas ao domicílio e com a ajuda de 6000 colaboradores. “Este é um trabalho que se faz 24 sob 24 horas, porque nunca sabemos quando é que as pessoas vão ligar a pedir ajuda”, afirma Robbie Kwok.

Com grupos a trabalharem na Austrália e em Zhuhai, onde se dá apoio a crianças com necessidades educativas especiais e com deficiência, a Hope International Volunteer quer crescer em todo o mundo. “Gostaríamos de criar mais grupos noutros países, e já estamos a pensar em Hong Kong e Shenzhen, mas para já o nosso foco é Macau”, frisa o responsável pelo grupo.

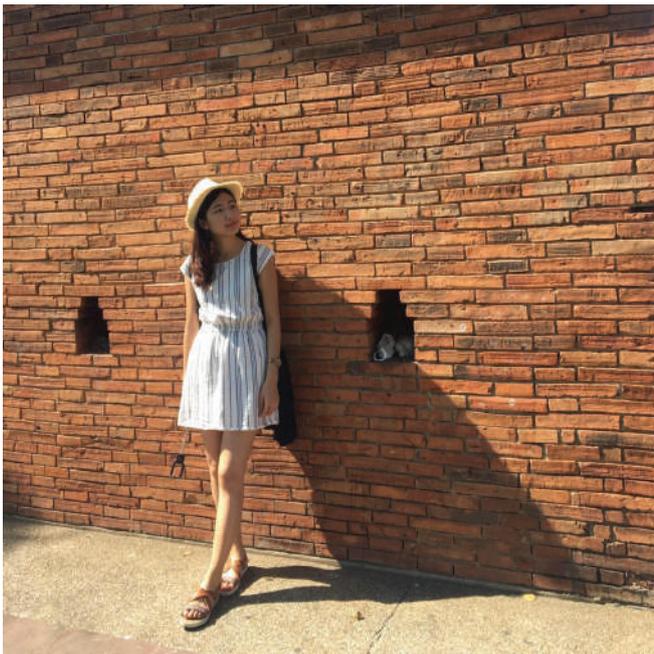
Ajudar: uma vontade que vem de dentro

Flora Fong, funcionária pública, começou a ter vontade de ser voluntária quando trabalhou numa empresa que tinha um gato como animal doméstico. Hoje presta auxílio a uma mulher que aluga um espaço que serve de casa a 40 gatos. Não pertence a nenhuma associação e faz quase tudo sozinha.

“Sempre achei que as pessoas que faziam voluntariado eram boas. A mulher que conheci, que recolhe gatos abandonados, usa todo o dinheiro que ganha para ajudar os animais. Tive conhecimento da história dela graças a um programa da TDM, e encontrei-a uma vez e aí decidi que queria ajudá-la. Fui lá a casa, vi a situação e disse-lhe que se ela precisasse de alguma coisa que podia falar comigo, eu podia ajudá-la.”

Desde então que, pelo menos uma

DIREITOS RESERVADOS



Flora Fong envolveu-se com a causa depois de ver um programa na televisão

DIREITOS RESERVADOS



Mónica Mills organiza eventos para arrecadar dinheiro para instituições locais

vez por mês, esta funcionária pública leva-lhe jornais e revistas antigas. “Sempre achei que se ajudar os outros me vou sentir mais feliz. Se ganhar uma coisa não me sinto tão feliz como se ajudar os outros”, frisou.

Também Mónica Mills sempre se sentiu bem a lutar por causas. “Tenho vindo a organizar eventos e *workshops* em Macau para grupos, todos os domingos, uma vez por mês. Para que as pessoas estejam juntas e sintam que se podem expressar de forma criativa em conjunto. Os fundos obtidos com os eventos que realizei nos últimos anos sempre foram destinados a instituições de caridade, sobretudo que trabalhem com mulheres necessitadas que vivem em países em desenvolvimento.”

Ao fim de dois anos a residir em Macau, Mónica Mills não tem dúvidas de que há muita gente que precisa de ajuda, mesmo que tenha um ordenado ou uma reforma no final do mês. “ Vim para Macau sem conhecer nada. Só sabia que havia casinos. No meu segundo ano mudei-me para a Taipa e comecei a tentar conhecer melhor o que me rodeava, e aí percebi que havia pessoas com necessidades. Comecei a perceber que havia muitas coisas que faltavam fazer, que estavam a ser negligenciadas. As pessoas têm os seus empregos, têm subsídios, mas ainda assim precisam de algo mais.”

“Os serviços de voluntariado que existem em Macau beneficiam toda a gente, independentemente do sítio de onde essas pessoas venham. Famílias que es-

tão com dificuldades, que têm dificuldades mais específicas com os seus filhos ou familiares, e que precisam de apoio adicional”, assegura Mónica Mills, para quem ser voluntária é tão fundamental como trabalhar ou estar com os amigos.

“É uma questão de mentalidade, é algo que temos de fazer. Tem de se tornar um hábito, algo que faz parte do nosso dia-a-dia. E sem dúvida que em Macau há muitas oportunidades para fazer isso.”

Cáritas, uma ONG multidisciplinar

Paul Pun é secretário-geral da Cáritas, uma das maiores associações de cariz social de Macau que apoia residentes e não residentes, novos e velhos, nas mais variadas áreas. Paul Pun não se dedica apenas a coordenar grupos de voluntários e iniciativas de apoio em Macau, realizando também várias viagens a outros locais onde a Cáritas também existe e onde é necessária ajuda.

O também director da Escola São João de Brito, destinada ao ensino profissional, explica que os principais serviços de voluntariado na Cáritas são o

NUM ESTUDO DIVULGADO EM 2013 PELA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDO SOCIAL KUAI UN, CONCLUIU-SE QUE 38,3% DOS JOVENS EM MACAU ENTRE OS 13 E OS 29 ANOS FIZERAM VOLUNTARIADO EM 2012

banco alimentar e a linha telefónica de prevenção ao suicídio. Paul Pun destaca ainda a realização anual do Bazar de Caridade, que reúne, no lago Nam Van, tendas de jogos, comidas e produtos para venda, cujas receitas se destinam a custear os serviços que a Cáritas disponibiliza a toda a população. Os subsídios concedidos pelo Governo financiam o resto.

Para Paul Pun, que foi várias vezes candidato às eleições legislativas, o maior problema para a Cáritas não é atrair voluntários, mas mantê-los. “É difícil para nós, porque muitos vêm uma vez e depois não regressam. Não é fácil manter as pessoas. Às vezes ligamos, mas também temos muitos voluntários que nos dizem ‘porque não ligou hoje? Fiz algum erro?’. Há várias situações.”

O secretário-geral da Cáritas assegura que hoje o voluntariado acontece com mais frequência porque há mais informação disponível. “Essa situação melhorou. No passado, e não era por uma questão de egoísmo, as pessoas diziam que não sabiam onde podiam, ou como, ajudar os outros. Hoje há mais associações.”

Paul Pun alerta, contudo, para a necessidade de envergar o máximo número de camisolas e para evitar ajudar apenas a Cáritas. “Alguns voluntários querem identificar-se com a Cáritas, mas temos uma mentalidade diferente. Esperamos que possam servir toda a gente e não queremos que haja esse ênfase em ser ‘voluntário da Cáritas’. Encorajamos essas pessoas a serem mais abertos em relação a outras organizações não governamentais.”

A Cáritas atrai voluntários junto de escolas e universidades, através de acções de sensibilização, mas recebe também a ajuda daqueles que são apoiados. “Antes os voluntários vinham da sociedade em geral, mas agora quem beneficia do banco alimentar também ajuda os outros. Também convidamos os mais jovens a ajudar.”

Na Cáritas trabalham pessoas a tempo inteiro, que recebem um salário, mas a maioria dos que lá está e que ajuda a entidade a erguer-se diariamente são os voluntários, que fazem

GONÇALO LOBO PINHEIRO



Paul Pun, secretário -geral da Cáritas, fala das dificuldades em se manter uma rede estável de voluntários

de tudo um pouco. Entregam cabazes de comida, vão ao supermercado recolher as sobras de vegetais e pão no fim do dia que já não podem ser vendidas, cortam o cabelo de graça aos idosos que não conseguem sair de casa. Dá-se apoio jurídico a alguns não residentes, fazem-se reparações nas casas dos mais necessitados. O trabalho não pára: afinal não são só os residentes locais, falantes de chinês, que precisam do emboalo dos outros. Os pedidos de expatriados e migrantes, com muito ou pouco dinheiro, aumentaram com o boom da economia.

Suar por uma causa

Cintia Leite Martins sempre participou em actividades de ajuda aos outros, mas há cerca de um ano juntou-se ao marido, Guilherme, para criar um projecto de voluntariado diferente que pretende ser uma ponte com outras acções. O projecto ManaVida alia a prática de exercício físico à caridade e quem participa nas aulas sabe que vai suar e queimar calorias por uma causa.

“Criámos o ManaVida porque sabemos que as pessoas querem ajudar e não sabem como”, refere Cintia à MACAU. “Há pouca informação, pelo menos em português e inglês. Em Macau falta essa parte de estabelecer a ligação com a comunidade e com as organizações.”

Participar numa aula de Bootcamp ou de Pilates, por exemplo, é garantia de ajuda a entidades como o Berço da Esperança ou o Centro do Bom Pastor. Mas o projecto ManaVida não olha apenas para as pessoas. “Uma vez por mês fazemos uma actividade que combina o exercício físico com a limpeza de alguns locais. O Governo faz um bom papel na limpeza mas há muito lixo escondido. Sempre que fazemos estas actividades aparecem pessoas novas que não conhecemos. Promovemos tudo pelo Facebook”, explicou Cintia.

O projecto ManaVida ainda está a crescer mas já conta com iniciativas fora de Macau. “Estamos envolvidos em dois projectos, um deles baseado na China e outro na Tailândia. Não somos parceiros, ajudamos no que podemos, tal como qualquer pessoa. Esco-

DIREITOS RESERVADOS



Cintia Leite Martins criou um projecto que alia a actividade física à responsabilidade social

lhemos os projectos nos quais temos confiança e temos tentado ter sempre esse cuidado.”

A fundadora do projecto não tem dúvidas de que em Macau não há falta de interesse em ajudar os outros. O que há é, muitas vezes, falta de informação. “No ManaVida queremos fazer isso, servir de ponte e estamos a começar a contactar outras organizações. Queremos criar um plano para ver como é que os nossos membros podem ajudar outras associações. Sei que as empresas maiores têm mais facilidade, mas acho que as pequenas e médias empresas têm o coração aberto e gostavam de ajudar, mas não sabem como”, defendeu.

Apoio emocional

Quem é voluntário depara-se com uma realidade escondida aos olhos de muitos. A fome não se vê, mas há pobreza que se percebem em cada rua. Fátima Galvão ajuda os animais, mas não esquece as condições menos boas

com que já se cruzou na sua luta diária para dar um tecto aos cães de rua.

“Macau é uma cidade em que as pessoas vivem uma vida fácil, mas há outras que vivem uma vida de pesadelo. Por detrás dos néones, há sempre alguém que precisa de ajuda. Há pessoas a viver em condições difíceis.”

Cintia Leite Martins fala sobretudo na necessidade de uma ajuda emocional a algumas comunidades de trabalhadores não residentes. “Há necessidade de ajuda financeira mas não é tão visível nas ruas. Há sim necessidade de ajudar grupos nas comunidades, das Filipinas, Indonésia, Malásia. São pessoas que, na maior parte das vezes são discriminadas e precisam de ajuda.”

Num estudo divulgado em 2013 pela Associação de Estudo Social Kuai Un, concluiu-se que 38,3 por cento dos jovens em Macau entre os 13 e os 29 anos fizeram voluntariado em 2012, uma percentagem que havia subido em relação à década anterior. ■

葡語國家食品資料庫
 BASE DE DADOS DOS PRODUTOS
 ALIMENTARES DOS PAÍSES DE
 LÍNGUA PORTUGUESA

中葡雙語人才資料庫
 BASE DE DADOS DE PROFISSIONAIS
 QUALIFICADOS EM CHINÊS
 E PORTUGUÊS

專業服務供應商
 FORNECEDORES DE
 SERVIÇOS PROFISSIONAIS

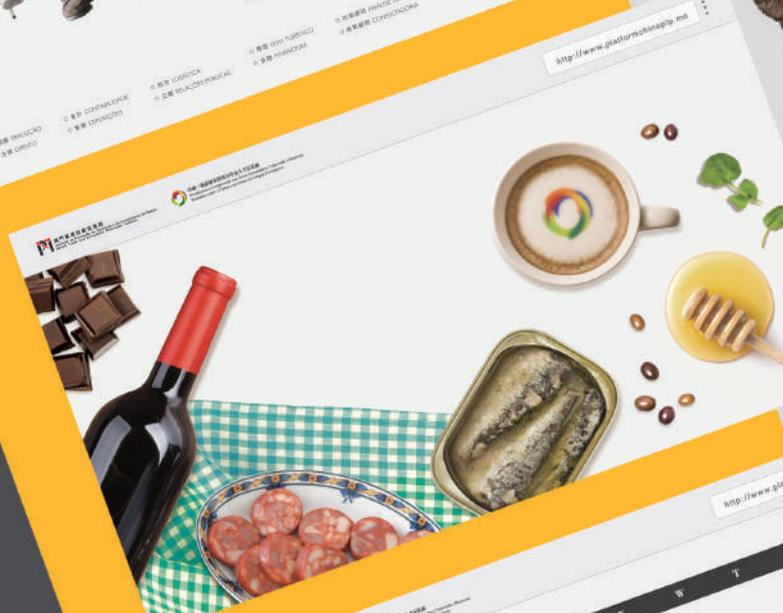
會展資訊
 INFORMAÇÃO SOBRE
 CONVENÇÕES E EXPOSIÇÕES

經貿信息
 INFORMAÇÃO ECONÓMICA
 E COMERCIAL

法規資訊
 LEIS E REGULAMENTOS



中國-葡語國家經貿
 合作及人才信息網
 PORTAL PARA A COOPERAÇÃO NA
 ÁREA ECONÓMICA, COMERCIAL E DE
 RECURSOS HUMANOS ENTRE A CHINA
 E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA



主辦單位：
 Entidades Organizadoras：
 中華人民共和國商務部
 Ministério do Comércio da
 República Popular da China

澳門特別行政區政府經濟財政司
 Secretaria para a Economia e
 Finanças da RAEM

承辦單位：
 Entidade Coordenadora：

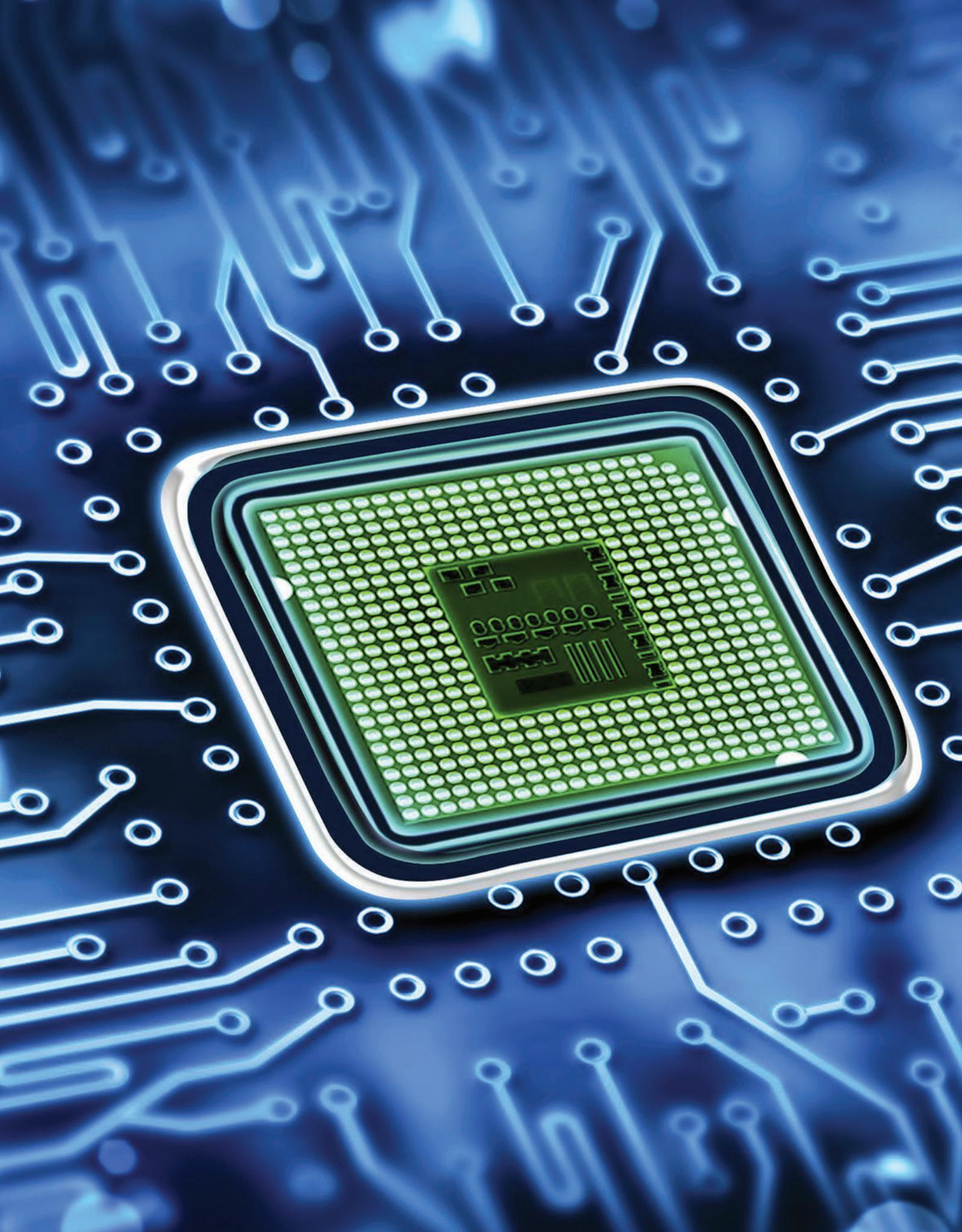


Instituto do Comércio e Investimento de Macau
 Macao Trade and Investment Promotion Institute



platformchina

WWW.PLATFORMCHINAPLP.MO



LABORATÓRIOS DE REFERÊNCIA
DO ESTADO EM MACAU

No mapa das descobertas

T CATARINA DOMINGUES

Contribuir para avanços na saúde através da investigação na área da microelectrónica e da medicina chinesa. Este é um dos objectivos dos dois Laboratórios de Referência do Estado, estabelecidos em Macau em 2011 e que querem inscrever o nome da RAEM no panorama científico mundial

A **MEDICINA** chinesa assenta ou não em pressupostos científicos? Os mais cépticos dizem que não há provas disso, que não passa de uma ciência empírica e que, por isso, não é credível. Mas, em Macau, um grupo de investigadores está a estudar “os tesouros” desta área de conhecimento, com o objectivo de “descodificar a sua base científica através das novas tecnologias”, segundo explica Elaine Leung, investigadora do Laboratório de Referência do Estado para Investigação de Qualidade em Medicina Chinesa.

Estabelecido em 2011 após aprovação do Ministério da Ciência e Tecnologia da China, este laboratório conta com uma equipa baseada na Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST) e outra na Universidade de Macau (UM) e tem como parceiro o Laboratório de Referência do Estado de Medicamentos Naturais e Biomiméticos da Universidade de Pequim. “A Medicina Tradicional Chinesa tem sido aplicada no nosso país há mais de 2000 anos e todos sabem que tem apoiantes, embora não saibamos quais são os componentes activos, que químicos são eficazes e os mecanismos de tratamento”, nota Elaine Leung, que pertence ao corpo de cientistas da MUST. Um dos trabalhos deste laboratório passa por perceber que plantas podem ser utilizadas para fins médicos, que qualidade têm e que doenças podem combater. Além do estudo de técnicas de controlo de qualidade e padrões farmacêuticos para produtos médicos à base de plantas chinesas, outro dos objectivos é a investigação e desenvolvimento de fármacos para o tratamento de doenças cancerígenas e metabólicas.

Elaine Leung refere à MACAU que, para levar a cabo este trabalho, o laboratório recorre a tecnologias ómicas, como é o caso da genómica (estuda os genes de um or-

ganismo) ou a proteómica (conjunto de proteínas numa amostra biológica).

“Sendo este um instituto educacional, a produção de publicações é muito importante”, salienta ainda a responsável, referindo que esta secção da MUST do Laboratório de Referência do Estado já publicou cerca de 400 artigos em língua inglesa em algumas das mais prestigiadas publicações científicas, como a *Nature*, e registou mais de 200 patentes, incluindo nos Estados Unidos e Austrália. Entre os vários prémios recebidos, Elaine Leung destaca o projecto de Liu Liang, director do laboratório e autor de uma nova abordagem de tratamento para pacientes de artrite reumatóide, uma doença autoimune.

Equipas multidisciplinares

A trabalhar na área da Biologia Molecular, Elaine Leung acredita que para erguer um Laboratório de Referência do Estado na área da Medicina Chinesa é necessário reunir equipas multidisciplinares. “As pessoas pensam que os investigadores são todos formados em Medicina Tradicional Chinesa, mas não é verdade”, esclarece. Apesar da maioria dos profissionais neste departamento ser proveniente do Interior da China, a equipa é composta ainda por um grupo de investigadores do Paquistão, Portugal, Espanha e Itália.

Na Ilha da Montanha, nas instalações da Universidade de Macau, encontra-se a segunda casa do Laboratório de Referência do Estado para Investigação de Qualidade em Medicina Chinesa. A MACAU falou com Wang Chunming, cientista neste departamento, também ele formado numa outra área da ciência: Bioquímica. Wang Chunming, oriundo do Interior da China e com experiência profissional em Singapura e Inglaterra, nota que a maio-



Elvis Mak, director-adjunto do Laboratório em Circuitos Integrados em Muito Larga Escala Analógicos e Mistos



Wang Chunming, cientista do Laboratório para Investigação de Qualidade em Medicina Chinesa



ria dos cientistas a trabalhar no laboratório vem de fora, embora “haja uma grande proporção de pessoas locais nas duas universidades”. Wang sublinha também a importância de trabalhar com especialistas ligados a outras áreas da ciência. “A ciência não tem fronteiras”, resume.

Questionado sobre a escolha de Macau para o estabelecimento do laboratório, Wang Chunming revela que a aprovação do Governo Central aconteceu “talvez contra todas as expectativas”, mas que o corpo científico deste laboratório está a “mostrar investigação de qualidade”. Ainda recentemente, recorda Wang Chunming, foi estabelecido na Universidade de Macau um novo centro de engenharia farmacêutica, onde poderão nascer no futuro novos medicamentos. “Penso que os dois laboratórios (UM e MUST) estão muito focados e têm uma visão clara do que podem fazer daqui a cinco ou 10 anos. Já estabelecemos uma base sólida de investigação, mas o grande objectivo é o desenvolvimento de fármacos e a sua venda no mercado. É isso que vamos fazer nos próximos cinco a 10 anos.”

Novo mundo da microelectrónica

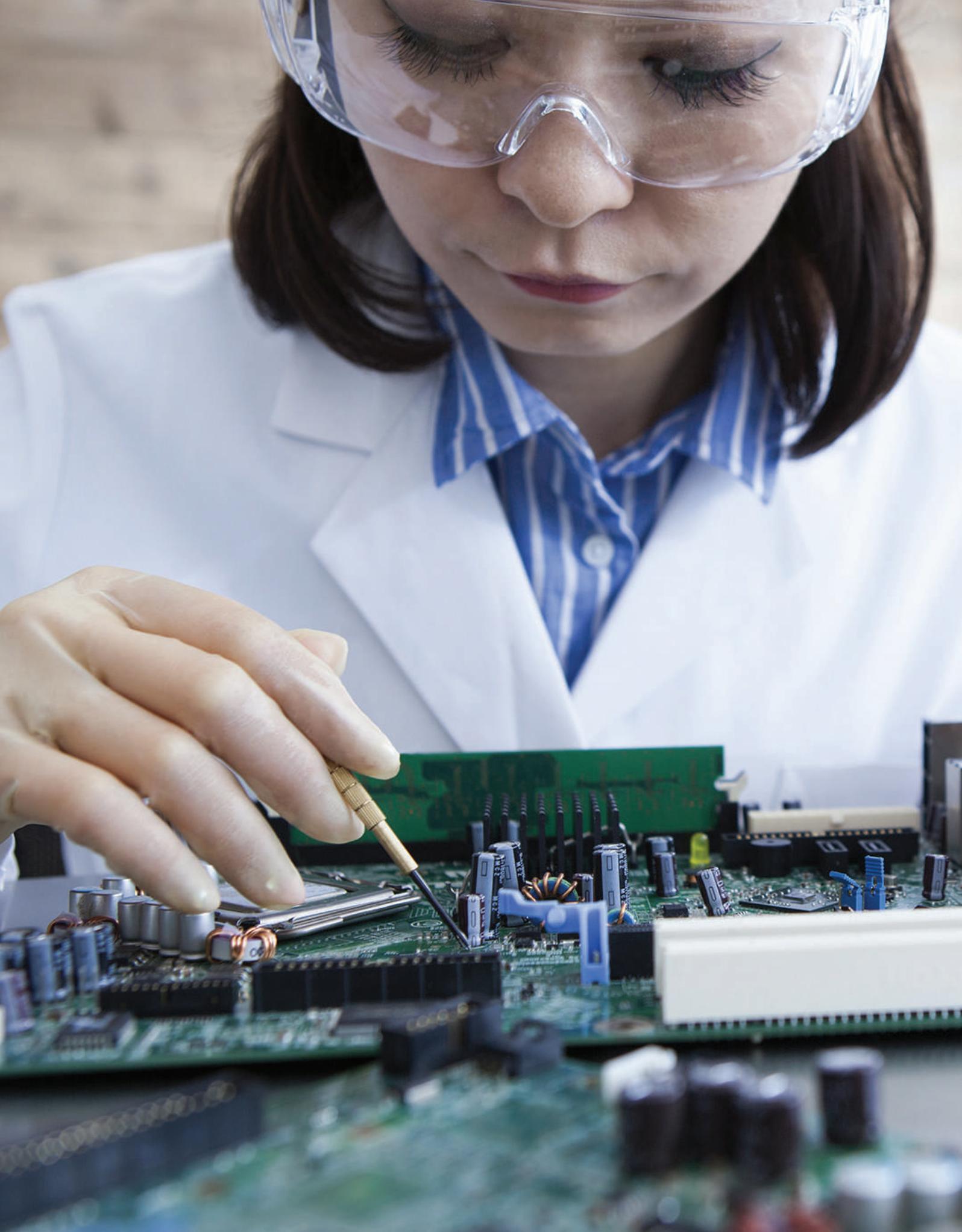
“Que tipo de produto a China mais importa?”, começa por perguntar Elvis Mak, director-adjunto e investigador do Laboratório de Referência do Estado em Circuitos Integrados em Muito Larga Escala Analógicos e Místos (Laboratório AMS-VLS, na sigla inglesa). “É microelectrónica, é isso que estamos a fazer”, responde. Mak acredita que através da microelectrónica, ramo da electrónica voltado para a integração de circuitos electrónicos numa escala micros-

FINANCIAMENTO

Até ao primeiro trimestre do ano passado, os dois laboratórios de referência do Estado receberam do Fundo de Desenvolvimento de Ciência e Tecnologia (FDCT) 260 milhões de patacas: 62 milhões de patacas para o seu estabelecimento entre 2011 e 2013, 104 milhões de patacas para os trabalhos que desenvolveram entre 2014 e 2016 e 94 milhões de patacas para a aquisição de material. Todos os três anos estes dois laboratórios são avaliados pelo FDCT através de visitas às instalações e entrevistas. Desde que foram estabelecidos, em Janeiro de 2011, já foram realizadas duas avaliações.

cópica, a Universidade de Macau pode também contribuir para a área da saúde.

Entre os vários projectos em desenvolvimento neste laboratório, está a ser estudada a criação de um aparelho médico portátil que permitirá fazer um diagnóstico primário e mais rápido de certas doenças através do estudo da sequência de ADN. O aparelho poderia substituir os métodos tradicionais e ser utilizado nos centros de saúde, sugere o investigador. “Em Portugal, por exemplo, se todos forem ao hospital fazer exames ao sangue, este vai ficar sobrecarregado. Então por que não descentralizar [este procedimento]? Um médico de um centro de saúde poderia fazer esse primeiro nível de rastreio”, explica Elvis Mak.



À MEDICINA TRADICIONAL CHINESA E A MICROELECTRÓNICA SÃO AS DUAS ÁREAS-CHAVE EM QUE OS LABORATÓRIOS DE REFERÊNCIA DO ESTADO ESTÃO A APOSTAR NA RAEM

O responsável admite que este tipo de investigação está a ser levado a cabo por outros países. A Universidade de Macau quer, porém, criar um aparelho que se adapte ao contexto chinês. “Não somos da opinião que se alguém o estiver a fazer, então nós já não fazemos, porque também não te vão vender a um preço baixo.”

Treinar locais

À semelhança dos dois departamentos do laboratório de Medicina Chinesa, também o Laboratório AMS-VLS da Universidade de Macau foi estabelecido em 2011, tendo como parceiro o Laboratório de Referência do Estado em Circuitos Integrados e Sistemas da Universidade Fudan, em Xangai. Além da investigação na área da engenharia biomédica, esta unidade está a desenvolver trabalho nas áreas das comunicações sem fios, energia, conversão de dados e processamento de sinais e sistemas integrados de física computacional.

O corpo científico é formado por 15 investigadores, desde especialistas seniores até recém-licenciados e é o português Rui Martins, vice-reitor da Universidade de Macau e engenheiro de formação, que está á frente do centro. À MACAU, Elvis Mak sublinha ainda que um dos objectivos do espaço é a formação de recursos humanos. “Não queremos apenas importar, eu sou de Macau, estudei e nasci aqui e, por isso, é possível atingir um nível alto de investigação”, salienta o responsável, revelando que do laboratório têm saído jovens para trabalhar em grandes empresas. “Geramos um pequeno nú-

NOVOS LABORATÓRIOS A CAMINHO

Macau vai acolher dois novos laboratórios de referência do Estado ainda este ano, de acordo com Ma Chi Ngai, presidente do conselho de administração do Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia de Macau (FDCT). “Vamos criar um novo laboratório de referência do Estado na Universidade de Macau em relação à Internet [das Coisas] e pretendemos assim coordenar este projecto com o futuro desenvolvimento da cidade inteligente de Macau. Em relação ao da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, [será destinado] ao estudo da lua e dos planetas”, disse Ma Chi Ngai. “No futuro, iremos ter quatro laboratórios de referência do Estado aqui. Pretendemos que Macau tenha mais oportunidades de participar nos projectos de desenvolvimento de ciência e tecnologia do Estado”, complementou o presidente do conselho de administração do FDCT.

mero de gente altamente especializada. Antes de acabarem o curso já têm um emprego muito bem pago e isto pode-nos ajudar a alcançar uma boa reputação.”

Expansão regional

O cientista da Universidade de Macau Wang Chunming prevê para o futuro uma maior colaboração entre o laboratório ligado à investigação na área da Medicina Chinesa e as cidades vizinhas de Zhuhai, Cantão e Hong Kong. “As fronteiras serão cada vez menos fronteiras”, realça Wang Chuning, ao falar sobre o novo projecto de integração económica do Sul da China, lançado pelo Governo Central e baptizado de “Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”.

Já o director-adjunto do Laboratório de Referência em circuitos integrados, Elvis Mak, diz que a possibilidade de criação de uma sucursal dos laboratórios em Zhuhai – sugestão de peritos do Interior da China que estiveram em Macau – poderá permitir aos alunos recém-licenciados da Universidade de Macau permanecerem nesta região a trabalhar em vez de procurarem outros mercados, como Singapura ou Estados Unidos. “Com um centro em Zhuhai teríamos acesso a grandes companhias na China, como a Huawei. Vários engenheiros destas empresas gostariam que colaborássemos com eles, mas neste momento não temos recursos. Se tivéssemos aí um centro, eles poderiam contribuir financeiramente e com engenheiros. Os nossos professores e estudantes poderiam participar ou supervisionar o desenvolvimento dos projectos.”

Elvis Mak nega a ambição de Macau de tornar-se numa espécie de Silicon Valley. O segredo para o futuro “é mudar”, diz: “Nós precisamos de outra forma de olhar para a cultura chinesa e de representar a nossa região. Nós temos os nossos talentos, por que haveríamos de copiar outros? Não é uma boa ideia”. ■



Elaine Leung trabalha na área da biologia molecular

TIAGO ALCÁNTARA



M ANO NOVO CHINÊS

O cão (戌狗), o ancestral companheiro*

T RUI ROCHA

* EM MEMÓRIA DO CÃO ULISSES,
UM BELO COMPANHEIRO DE VIDA.

O FILHO NÃO SE IMPORTA DA MÃE FEIA;
O CÃO NÃO SE QUEIXA DO DONO POBRE
兒不嫌母醜，犬不怨主貧

DITADO POPULAR CHINÊS

UM DOS aspectos mais interessantes no estudo da mitologia dos povos e da sua simbologia, para além das singularidades de cada cultura específica, é a transversalidade da experiência humana naquilo que parece ser-lhes comum.

O cão (*Canis lupus familiaris*), um mamífero da família dos *canidae* muito próximo do lobo será, porventura, o animal doméstico mais antigo a partilhar a sua vida com o quotidiano do ser humano, tanto a Oriente como a Ocidente, pelo que diferentes povos e culturas lhe dedicam um particular afecto.

A história evolutiva do cão tem sido recentemente estudada analisando o ADN mitocondrial e sugere que lobos e cães se dividiram em diferentes espécies há cerca de 100 mil anos. Quanto ao início da sua domesticação, alguns arqueólogos datam-na como tendo ocorrido há perto de 40 mil anos a.C. Contudo, o mais antigo cão domesticado confirmado em qualquer lugar até ao presente encontra-se num cemitério que comprova a existência de interações entre humanos e cães que remontam a 14 mil anos a.C., em Bonn-Oberkassel, na Alemanha.

No Oriente, o primeiro cão domesticado foi atestado na China no início do Neolítico (7000 a.C. - 5800 a.C.) no local de Jiahu, província de Henan. Evidências da coexistência de humanos e cães (mas não necessariamente da domesticação destes) podem ser encontradas em sítios do Paleolítico Superior, na Europa. Tais sítios apresentam vestígios de interacção entre cães e humanos, nomeadamente nos achados da Cave Goyet na Bélgica, e nas cavernas Chauvet em França e Predmosti, na República Checa.

Lugares mesolíticos europeus (5250 a.C. - 3700 a.C.) como Skateholm, na Suécia, possuem sepulturas de cães, provando a importância do cão numa economia de caçadores e colectores. A Danger Cave, no Utah (EUA), é actualmente o primeiro local conhecido onde foi encontrado um sepultamento para cães no continente americano, datado de há cerca de 11 mil anos, provavelmente de descendentes de



Primeiros vestígios de um cão domesticado, encontrados em Bonn-Oberkassel (Alemanha)

cães asiáticos. O cruzamento contínuo com lobos, uma característica verificada durante todo o histórico da vida dos cães em todos os lugares resultou, aparentemente, no lobo preto híbrido encontrado nas Américas.

Em 2016, uma equipa de investigadores liderada pelo bioarqueólogo Greger Larson publicou um artigo sobre a existência de vestígios de ADN mitocondrial em dois locais de origem de cães domésticos: um na Eurásia Oriental e outro na Eurásia Ocidental. De acordo com essa análise, os cães asiáticos antigos originaram-se a partir da domesticação de lobos asiáticos pelo menos há 12.500 anos; enquanto que os cães do Paleolítico europeu se originaram a partir de uma domesticação independente de lobos europeus há cerca de 15 mil anos. Diz o artigo que, em algum momento antes do Neolítico (pelo menos há 6400 anos), cães asiáticos foram transportados por humanos para a Europa, substituindo os cães do Paleolítico Europeu que, entretanto, se extinguíram. Alguns estudos sobre sepultamento de cães datados do período Kitoi do Neolítico tardio, início do mesolítico (2400 a.C.) na região de Cis-Baikal, na Sibéria, sugerem que, nalguns casos, os cães foram agraciados com o estatuto de “humano” e tratados como se de seres humanos se tratassem. Uma sepultura canina no local de Shamanaka

(Sibéria), por exemplo, contém um cão macho, de meia-idade, que sofrera lesões na coluna vertebral, lesões essas que recuperaram. Avaliados os restos mortais através de radiocarbono, foi possível datar o enterro como tendo ocorrido há cerca de 6.200 anos. Trata-se de um cemitério formal, em tudo semelhante aos humanos, e esse cão terá vivido como membro de uma família. Foram também encontrados esqueletos humanos junto de um cão jovem a norte da Palestina, datados de há 12 mil anos.

Atributos do cão

Georges-Louis Leclerc (1707-1788), conde de Buffon, naturalista, matemático e escritor francês, descreve exemplarmente o cão no volume IV da sua *Histoire Naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roi (1749 - 1804)*, uma enciclopédia de 36 grossos volumes que escreveu em vida, posteriormente completada pelos seus discípulos com mais oito volumes.

Diz o Conde de Buffon que o cão, independentemente da beleza da sua figura, da sua força, vivacidade e agilidade, possui toda uma excelência interna capaz de conquistar o ser humano. Com um temperamento apaixonado ou mesmo feroz e até sanguinário, o cão selvagem destaca-se de entre todos os animais. Contudo, no cão doméstico essas disposições hos-

tis desaparecem e são substituídas pelos sentimentos mais suaves de apego e pelo recorrente desejo de agradar. Ele corre com entusiasmo e boa disposição ao pé do seu amo, manifestando a sua coragem, força e talentos. Ele obedece às ordens do dono, sendo sempre solícito para as executar. Ele consulta, ele interroga, ele suplica; um único olhar nos olhos do dono é suficiente, pois ele conhece os sinais externos das suas intenções e desejos. Sem ser dotado, como o homem, com a faculdade de pensar, os seus sentimentos são extremamente delicados e possui uma maior fidelidade e firmeza no seu afeto. Ele não é corroído pela ambição, por visões interesseiras, ou por um desejo de vingança; não tem sentimentos de medo, mas sim de desagrado. Ele é todo zelo, ardor e obediência. Mais apto a relembrar os benefícios do que os ultrajes, não é desencorajado por golpes ou maus tratos, mas sofre com calma e logo os esquece; ou, então, lembra-se deles apenas para aumentar o seu apego. Em vez de fugir, ou descobrir marcas de ressentimento, ele expõe-se à tortura e lambe a mão da qual recebeu o golpe. Para a crueldade do seu mestre, apenas se opõe a queixa, paciência e submissão. Mais sociável do que o ser humano e mais puro do que qualquer outro animal, o cão não é apenas instruído com rapidez nas mais variadas tarefas, mas até se conforma aos costumes, movimentos e hábitos daqueles que o governam. Ele assume o próprio tom da família em que mora. Como outros servos, ele é altivo com o grande e rústico com o camponês. Sempre ansioso para obedecer e agradar ao seu dono, ou aos seus amigos, ele não presta atenção aos estranhos, e repele furiosamente os mendigos, a quem ele distingue pelo seu vestuário, a sua voz ou os seus gestos. Quando a vigilância de uma casa ou de um jardim lhe estão adjudicadas durante a noite, a sua ousadia aumenta, e às vezes torna-se completamente feroz. Ele observa, anda nas rondas, cheira estranhos à distância e, se eles param, ou tentam saltar qualquer barreira, ele instantaneamente

DIREITOS RESERVADOS



ANCIENT HISTORY ENCYCLOPEDIA



Baixos-relevos na Assíria mostram cães que participam activamente da caça

MUSEUM OF ARTIFACTS



Em Roma o cão está representado em moedas, pinturas murais e mosaicos

atira-se a eles e, por latidos e outras marcas de paixão, alarma a família e a vizinhança. Igualmente furioso contra os ladrões e contra os animais rapaces, ataca-os e fere-os, forçando-os a deixar o que quer que tenham tentado levar. Mas, contente com a vitória, deita-se no despojo e não o toca nem para satisfazer o seu apetite, mostrando, ao mesmo tempo, um exemplo de coragem, temperança e fidelidade.

Estas notáveis e nobres características de personalidade atribuíveis ao eterno amigo do ser humano na paz e na guerra referidas pelo Conde de Buffon são invariavelmente reconhecidas e homenageadas, tanto no mundo ocidental ao longo da sua história, como no mundo oriental, muito particularmente na China e no Japão.

Sobre o mundo antigo ocidental (Egipto, Assíria, Creta, Grécia, Roma), a arqueologia deu-nos a conhecer dezenas de exemplos dessa estreita ligação entre o cão e o ser humano. No Egipto antigo era frequente a representação de cães nas pinturas murais, nos baixos-relevos ou mesmo nos sarcófagos. Anúbis, deus da mumificação e da vida após a morte, tem corpo de homem e cabeça de cão (ou de chacal). Os baixos-relevos do palácio do rei Assurbanipal, na Assíria, mostram cães que participam activamente da caça, existindo também estatuetas de argila em sua homenagem. Em Creta, Fiktina, a deusa da caça, aparece numa pintura rupestre no monte Kapparukeyphala acompanhada pelo seu cão.

Na mitologia grega o cão é uma criatura criada por Hephaistos, deus do fogo e dos vulcões, um inventor divino e criador de objectos mágicos. A origem do cão conferia-lhe, assim, uma posição privilegiada entre os animais. O cão era igualmente considerado pelos gregos como caçador e guardião e representado em vasos e colunas de edifícios. No livro *Kunegitos* (Sobre a caça), Xenofonte (430 a.C. - 355 a.C.) descreve pormenorizadamente a criação e o adestramento dos cães de ataque e dos cães de corrida. As histórias do cão abundam na literatura grega. Homero (séc. VIII

DIREITOS RESERVADOS



Artefactos na China mostram que o cão era uma presença assídua na vida das classes mais privilegiadas

a.C.) escreveu na *Odisseia* sobre o cão amado de Ulisses, Argus, que morreu de alegria depois de ter visto de novo o seu mestre pela primeira vez em 20 anos. Há, também, o relato do caçador de Actaeon que apareceu a Diana quando esta se banhava, tendo sido transformado em veado e devorado pelos seus próprios cães de caça.

Em Roma o cão está representado em moedas, pinturas murais e mosaicos. Num dos mais célebres mosaicos de Pompeia, um cão, amarrado e latindo guarda zelosamente a casa do seu amo, tentando protegê-la dos intrusos. Nesse mosaico aparece a legenda: “Cuidado com o cão” (*Cave canem*).

Na cultura asiática

No mundo asiático as narrativas sobre os cães e seus atributos são igualmente recorrentes. Ahura Mazda, deus principal do antigo povo ariano do subcontinente indiano (1500 a.C.), entendia que o cão era parte da gloriosa criação do mundo, fazendo-o guardião do povo ariano quer no lar, quer no campo. Artefactos encontrados na China, pertencentes a diferentes dinastias, mostram que o cão era uma presença assídua na vida das classes mais privilegiadas e um ser auspicioso.

Nas ruínas de Mawangdui (Changsha, Hunan), por exemplo, foram recuperados artefactos da Dinastia Han (206 a.C - 220) onde está patente a presença do cão em baixos-relevos, na cerâmica, na estatuária, retratando-o como companheiro de caça (actividade tornada comum naquela dinastia). A representação do cão surge também nos

túmulos da Dinastia Tang (618-907), bem como na pintura desde o início da dinastia Song, em 960, até ao fim da Dinastia Qing, em 1912.

O cão teve sempre um grande capital de simpatia na cultura chinesa e é encarado como um animal benfazejo e auspicioso. Quando, por exemplo, um cão irrompe por uma casa adentro, o dono da casa deve alegrar-se com tal facto e tomar conta dele, pois é um sinal de riqueza e prosperidade iminentes a entrar pela porta. Há também um interessante ditado popular chinês que diz: “o filho não se importa da mãe feia; o cão não se queixa do dono pobre”.

Durante a Dinastia Ming, o mais famoso e poderoso eunuco na história da chinesa, Wèi Zhōngxián (魏忠賢, 1568-1627) adoptou vários filhos, chamando a 10 deles os “10 cães”, o que era considerado honroso pelos próprios. Na Dinastia Qing, o pintor e calígrafo Zhèng Xiè (鄭燮) (1693 - 1766), comumente conhecido por Zhèng Bǎnqiáo (鄭板橋) autodesignava-se como “cão corredor”, uma forma de exprimir a sua elevada estima por Xú Wèi (徐渭, 1521-1593) um famoso pintor, calígrafo, escritor e dramaturgo da Dinastia Ming. O próprio Confúcio (孔子, 551 a.C. – 479





Cão da raça Dálmata a ser treinado nos Estados Unidos, em 1953

a.C.), ao ser descrito como um cão vadio, dado que errantemente percorria a China promovendo o seu pensamento político num período de grande turbulência e de guerras, afirmou que considerava apropriada tal designação.

Na mitologia chinesa, o cão surge como a figura mítica Pánhù/Panghu (盤瓠), meio cão, meio dragão, que se transforma num homem e casa com uma princesa, filha do lendário imperador Di Kù (帝嚳), igualmente conhecido por Gāoxīn Shì (高辛氏). O culto de Pánhù é celebrado entre as minorias étnicas Yao, She, Miao e Li. O culto do cão encontra-se também entre as minorias Nakhi, Lisu, Lahu, Pumi e Buyi, como animal auspicioso para as colheitas e, como tal, é proibido ser sacrificado ou comido. Já o imperador Huizong (宋徽宗, 1082-1135) da Dinastia Song do Norte, nascido no ano do Cão, havia proibido por decreto imperial a morte de cães.

A cultura japonesa presta igualmente uma devotada atenção ao cão. Reconhece dois tipos de cães divinos (*inugamu*, 犬神, literalmente deus cão): um, utilizado na feitiçaria; o outro, como animal protector do ser humano. Acredita-se que o Monte Koya,

a sul de Nara, onde se encontram os altares de culto mais importantes da seita budista Shingon, é um local que goza de protecção desse deus canino. Conta-se que o chefe da seita Shingon, deambulando pelo monte, terá encontrado um deus xintoísta a caçar, acompanhado por dois cães, um branco e outro preto. Uma caixa em forma de cão (*inuhariko* いぬはりこ-犬張子) é usada como talismã para protecção dos recém-nascidos. Em regra, são oferecidos aos bebés dois destes talismãs na primeira vez em que são levados ao templo para a cerimónia da escolha do nome (*miyamairi* 宮参り), ou seja, entre um mês e 100 dias após o nascimento. Uma das caixas, com um cão macho a olhar para a esquerda, guarda os amuletos de bebé; a outra caixa, com uma cadela a olhar para a direita, guarda os brinquedos e os artigos de limpeza do bebé.

A tradição japonesa tem numerosas lendas sobre cães, sendo a mais popular *Os Oito Cães de Leste* (*Hakkenden: Th Hakken Ibun* 八犬伝 -東方八犬異聞), adaptada de uma lenda chinesa, na qual uma jovem, Fusehime (伏姫), teria sido obrigada pelo pai a ca-

sar com o cão Yatsubara (やつばら, 奴原), que o ajudara a livrar-se dos inimigos que aterrorizavam a sua província. A jovem teve oito filhos com cabeça de cão e corpo humano, que representam as oito virtudes cardinais do confucionismo: 忠 (*zhōng*, lealdade), 孝 (*xiào*, piedade filial), 仁 (*rén*, benevolência), 愛 (*ài*, amor benevolente), 信 (*xìn*, confiança), 義 (*yì*, justiça), 和 (*hé*, harmonia), e 平 (*píng*, equidade). Outras belas histórias são a de *Kuro, o Cão Fiel* (um cão que acompanhou o dono até na morte), *Um Cão Chamado Bola de Fogo* (lenda de origem coreana sobre um cão do Mundo das Trevas que causava eclipses comendo o Sol e a Lua) ou o *Cão de Pedra* (*inu ishi* 犬石, um laído de uma pedra que salvou um ministro imperial de um naufrágio)

Finalmente, refiram-se dois casos comovedores de fidelidade: o cão Hachikō (ハチ公), um símbolo de lealdade no Japão e a sua famosa estátua de bronze situada próximo da estação de Shibuya, em Tóquio, lugar onde esse cão de raça Akita esperou nove anos pelo regresso do seu dono, que entretanto morrera; e Tarō, que esperou pelo seu dono 17 anos. Tal como Hachikō, Tarō, o cão fiel de raça mista, morava perto da escola primária de Higashi, situada a dois quilómetros da estação JR Ishioka (prefeitura de Ibaraki, na região de Kantō) e fazia esse percurso diariamente para se encontrar com o seu dono. Tarō tem agora a sua própria estátua de bronze junto à estação de Ishioka. E ainda outra história verdadeira de força e tenacidade é a dos cães Tarō (太郎) e Jirō (二郎), agora heróis nacionais japoneses, aos quais foi erigido em 1959 pela *Japanese Society for the Prevention of Cruelty to Animals* (JSPCA) um monumento no sopé da Torre de Tóquio, os únicos dos 15 cães que resistiram durante um ano sozinhos, na base científica japonesa Syowa, no Antártico. Esta dramática história real foi posteriormente passada a filme pelo realizador Koreyoshi Kurahara, com o título *Nankyoku Monogatari* (南極物語 Antártico), com banda sonora de Vangelis e o famoso actor japonês Ken Takakura como protagonista. ■

PERFIL ZODIACAL DO CÃO

- **Ramo Terrestre:**

Xū (戌)

- **Ano Lunar:**

Nono

- **Yin-Yang:**

Yang

- **Anos de nascimento:**

2006, 1994, 1982, 1970, 1958, 1946, 1934

- **Cinco elementos:**

Xū (戌), pertence à Terra

- **Cinco Virtudes Constantes:**

a terra pertence à Sinceridade

- **Estação do ano:**

Outono

- **Direcções auspiciosas:**

este, sudeste, sul

- **Cores auspiciosas:**

verde, vermelho e púrpura; evitar azul, branco e dourado

- **Números de sorte:**

3,4,9; evitar 1, 6, 7

- **Flores da sorte:**

rosa (月季), Oncidium flexuosum (文心蘭屬),
Cymbidium faberi (蕙蘭)

- **Cristais de sorte:**

rubi, ametista, quartzo-rosa

- **Protector espiritual:**

Amitabha

- **Escolha de um nome:**

Para os nascidos no Ano do Cão é apropriado seleccionar caracteres com o radical para peixe (魚), feijão (豆) ou arroz (米), que significam abundância de comida e de bebida, assim como fama perpétua e riqueza; caracteres com o radical para pessoa (人), telhado (宀) ou cavalo (馬), que simbolizam paz, felicidade, generosidade e prosperidade; caracteres com radicais para metal (金), jade (玉), erva (艹), campo (田), madeira (木), grão (禾) lua (月), que estão conotados com abnegação, inteligência, coragem; caracteres com o radical pessoa (亻) que significa integridade, honestidade; ou caracteres com o radical fogo (火) representando ética e determinação.





Como decorar a sua casa para receber o Ano do Cão

T SIN IOK I (洗玉誼)

Os chineses fazem a maior parte da decoração para a festividade do Ano Novo Chinês, também conhecido como Festival da Primavera, na véspera da chegada do novo ano, mas os preparativos geralmente começam até um mês antes, com a escolha de objectos auspiciosos para adornar a casa. A MACAU deixa aqui uma lista de decorações que não podem faltar para ter o Cão como fiel companheiro do seu ano



COM O Ano Novo Chinês à porta, é hora de preparar a casa para a festividade chinesa mais importante do ano. Mas antes de chegarmos à decoração do lar, vamos entender o porquê desta data estar cheia de crenças e superstições.

O Ano Novo Chinês ou Festival da Primavera assinala o começo do novo ano lunar, o primeiro dia do primeiro mês, e o início de um novo ciclo. O seu formato está intrinsecamente ligado ao calendário lunar. No período do paleolítico, as populações primitivas habitavam aleatoriamente em cavernas, nas profundezas das montanhas, não adoptando qualquer conceito de tempo.

Até ao neolítico, com a entrada gradual na era da agricultura, as populações de então, durante o processo da produção agrícola, começaram paulatinamente a compreender as leis da natureza associadas à mudança das quatro estações. É então que passa a surgir o conceito de “ano”, que, como tal, aparece relacionado com os trabalhos agrícolas e com a noção de tempo.

No início, a palavra “ano” tinha apenas a conotação de tempo. De acordo com o dicionário mais antigo da China, o *Shuowen Jiezi*, a explicação para ano é “trigo ficou maduro”, pois “ano” define-se como o período de tempo entre a sementeira e a colheita de cereais. Com o passar das dinastias, começou a ser adoptado o formato de calendário. As antigas sociedades agrícolas chinesas atribuíam uma elevadíssima importância às orientações fornecidas pelo calendário para a produção agrícola.

38 dias

Tal como o Egipto, a China tem desde a antiguidade o seu próprio calendário. Antes da Dinastia Han, diferentes eras sucediam-se, intercaladas entre a guerra e a prosperidade.

Cada líder fundador, por forma a assinalar a “recepção do mandato do céu”, reordenava a contagem da ordem do primeiro mês. A data definida não coincidia com a ordem correcta, sendo que tal alterava a contagem dos meses, causando o caos no calendário e confundindo a população. Até ao início da Dinastia Han, a sociedade manteve-se tendencialmente estável e economicamente cada vez mais próspera.

O imperador Wu promulgou o calendário “Taichu”, estabeleceu os 24 termos solares no calendário, firmou o “Mengchun” como o primeiro mês do calendário lunar, e o “Yüandan” como o primeiro dia. Por fim, decretou que o início do ano fosse um feriado, uma ocasião de reunião e de comemorações.

De acordo com os costumes tradicionais, o Festival da Primavera estende-se do oitavo dia do 12.º mês lunar até ao 15.º dia do primeiro mês, perfazendo um total de 38 dias. Embora as tradições cerimoniais tenham mudado com o passar dos tempos, a sua temática e conceito basilares permanecem intemporais. O seu fundamento essencial continua a ser a busca da felicidade e das aspirações de cada um, sendo que esta é exteriorizada através da riqueza e pluralidade desta ocasião festiva anual.

As cerimónias do Ano Novo Chinês estão delimitadas ao primeiro dia do primeiro mês do calendário lunar. O ideal da “substituição do antigo pelo novo” é bastante óbvio. Os costumes antigos centravam-se na remoção de elementos negativos. É por isso que, nesta altura do ano, se limpam profundamente as casas, se corta o cabelo e se realizam grandes mudanças. Com o passar do tempo, o tema principal passou a centrar-se na atracção de boa sorte. São lançados panchões, colam-se dísticos de papel alusivos à festividade, colocam-se flores, vestem-se roupas novas. Embora



os valores sejam os mesmos em todo o país, os costumes variam levemente entre o norte e o sul da China.

Vermelho

Durante a época do Festival da Primavera, o vermelho é a cor número um. Especialmente durante o Festival da Primavera, quanto mais vermelho melhor – desde a decoração até aos envelopes dos *laisis*. Reza a lenda que na China antiga, existia um monstro mítico chamado Nian (年, que em português significa “ano”), cuja aparência se assemelhava a um touro e a um dragão, com um longo corno na cabeça. Era extremamente feroz. Acreditava-se que ele trazia o infortúnio às populações. O Nian permanecia num palácio nas profundezas do oceano a maior parte do tempo. Com a chegada da véspera do ano novo, emergia do mar e dirigia-se à costa para devorar cabeças de gado e ameaçar vidas humanas. No entanto, sem aparente explicação, a criatura parecia temer a cor vermelha e assustava-se com o barulho dos panchões usados nas comemorações do Festival, o que contribuiu para o ambiente particularmente festivo desta quadra. De modo a passar uma véspera de ano novo em paz, após a tradicional ceia, todas as famílias cerravam portas e janelas e sentavam-se, aguardando pelo nascer do sol, ou escondiam-se nas montanhas para escapar à besta.

Num certo ano, na véspera de ano novo, os habitantes da aldeia das Flores de Pessegueiro ajudaram os mais novos e os idosos a fugir para as montanhas. Uns permaneciam em casa fechados a sete chaves, outros haviam preparado as malas. O pânico estava instalado. Nesse momento, chegou à aldeia um velho mendigo vindo do exterior. Com a sua barba prateada oscilante, fazia-se acompanhar apenas de uma

bengala. Quem numa altura frenética destas teria a preocupação de estender a mão a um pobre velho?

Uma idosa, residente na região oriental da aldeia, deu apressadamente alguns alimentos ao mendigo, aconselhando-o a fugir rapidamente para a montanha para se abrigar. O idoso, cofiando a barba, respondeu com um sorriso estampado no rosto: “Se me deixares ficar em tua casa esta noite, garanto que irei arranjar uma forma de afugentar o monstro”.

Como seria expectável, de madrugada, Nian entrou de rompante aldeia adentro. O monstro contornou a casa da idosa, em cuja entrada estava afixado um grande dístico vermelho. Quando ali chegou, foi recebido com o ribombar do rebentamento de panchões vindo do interior. O barulho ensurdecedor causou o pânico na criatura, que dali partiu a toda a velocidade.

No dia seguinte, no primeiro dia de ano novo, os habitantes que regressaram da montanha, perceberam que a aldeia se encontrava intacta. Todos eles tiveram uma espécie de revelação, acreditando que o velho mendigo era um ser sobrenatural, enviado para lhes ensinar os métodos para afugentar o monstro e o azar. Desde então, as técnicas tradicionais para afastar Nian foram gradualmente dando lugar às conhecidas tradições do rebentamento de panchões e do uso da cor vermelha.

Os dísticos de ano novo

No Interior da China prevalecem ainda costumes como a colagem de dísticos de ano novo e de gravuras de deuses. Em Macau, devido às diferenças de costumes e crenças, as tradições divergem um pouco. A maior parte dos habitantes locais apenas adere à tradição da colagem dos dísticos de ano novo. Há também um ditado que refere que, devido a serem afixa-



dos deuses nas entradas dos templos de Macau, de modo a fazer a distinção entre habitações e templos, geralmente as famílias não optam pela colagem das gravuras de deuses.

Os dísticos de ano novo chinês são também conhecidos como “Mendui”, “Chuntie”, Duilian”, “Duizi” ou “Taofu”. Todos eles, com o vermelho como cor de fundo e com caracteres pretos ou dourados, exteriorizam as aspirações da população por uma vida melhor, materializando esse desejo através de uma peculiar expressão literária chinesa.

Muitos dos conteúdos dos dísticos de ano novo estão intimamente associadas ao dia-a-dia. Por exemplo, numa altura em que, a perda de peso é popular, as famílias poderão colar um dístico com a inscrição “Sucesso na Dieta”. A cada Ano Novo Chinês, independentemente de se desenrolar na cidade ou no campo, qualquer família irá escolher os melhores dísticos para colar à porta do seu lar, contribuindo assim para a intensificação da atmosfera festiva. Este costume teve início na Dinastia Song, tendo-se massificado na Dinastia Ming. Com a chegada da Dinastia Qing, a sua natureza ideológica e artística foi amplamente melhorada.

Os tipos de dísticos de ano novo são bastante diversos. De acordo com o local onde são aplicados, podem ser divididas em “Menxin”, “Kuangdui”, “Huangpi”, “Chuntiao” ou “Doufang”. Os “Menxin” são colocados no centro da superfície da porta; os “Kuangdui” são afixados nos lados direito e esquerdo da moldura da porta; os “Huangpi” são afixados na parte superior da moldura da porta; os “Chuntiao” são afixados em diferentes locais, de acordo com a natureza do seu conteúdo; os “Menjin”, também chamados de “Menye”, são cortados em forma de um losango e afixados em várias peças de mobília e nas “paredes espirituais”.

Durante o processo de colagem dos dísticos de ano novo, muitas pessoas gostam de colar nas portas e paredes da casa vários papéis com o carácter “福”. A colagem desse carácter por alturas do Ano Novo Chinês é um dos costumes populares mais antigos da China. O carácter tem o significado de felicidade, que, por sua vez, se espera que seja enviada às pessoas que anseiam por uma vida melhor. A fim de reflectir esse desejo de forma mais expressiva, muitas pessoas colocam o carácter “福” ao contrário, expressando a ideia de que “a felicidade chegou”. A expressão “ao contrário” em chinês (倒) e a palavra “chegar” (到) são homófonas, pelo que, ao colocar o carácter de felicidade ao contrário, reflecte-se, simultaneamente, em sentido figurado, que a felicidade chegou.

O método de colagem das faixas obedece a várias regras. A primeira diz que os dísticos têm de ser colados de maneira firme, sem folgas, nem bolhas de ar. Só podem ser colados após as limpezas profundas na casa e antes da refeição de ano novo. São colados apenas nas portas para o exterior, nas janelas e apenas na sala de estar. E, por último, deve-se distinguir entre a disposição ascendente e descendente.

Flores frescas

A compra de flores por ocasião da passagem de ano é outra das tradições entre os chineses, especialmente em voga



nas regiões de Macau e Hong Kong. A cada 20.º dia do 12.º mês do calendário lunar, o mercado de flores do ano novo chinês do Tap Seac é invadido por um corrúpio de pessoas. Na passagem de ano, os chineses prestam especial atenção ao “auspício”. Crêem profundamente que, ao comprarem no mercado um ramo de flores vicejantes, estão a contribuir para uma melhor atmosfera de ano novo em casa, acreditando que o desabrochar das flores será traduzido em fortuna. Em Macau e Hong Kong, as flores de ano novo mais populares são:

- **Flor de pessegueiro** - A flor de pessegueiro, a partir de uma perspectiva metafísica, tem a capacidade de trazer às pessoas a boa sorte, bem como providenciar a homens e mulheres solteiros a oportunidade de conhecerem a sua cara-metade e conseguirem um desfecho positivo.
- **Lírio** - O lírio simboliza a união eterna e harmoniosa entre casais.
- **Salgueiro prateado** - Colocar flores de salgueiro prateado em casa ajuda na acumulação de fortuna e património.
- **Flor de cinco pontas da beringela** - A delicada beringela de cinco pontas, com a sua aparência dourada, assemelha-se a uma família saudável e feliz. Nos últimos anos tem sido adoptada pelos habitantes de Macau e Hong Kong como flor da passagem de ano. Simboliza a capacidade de todos os familiares atingirem o sucesso e a felicidade nas suas vidas.

Aquando da passagem de ano, é possível constatar a presença de pratos de laranjas a decorar as várias ruas de Macau. A palavra para “laranja” em mandarim é homófona da palavra “auspicioso”, tendo conotações de boa fortuna, e estando associada a um ano novo sem complicações, no qual as aspirações de cada um se possam concretizar.

As tradições chinesas desta festividade contam já com mais de 2000 anos de história. Embora algumas delas derivem apenas de superstições antigas sem fundamento científico, os chineses acreditam que a tradição deve ser respeitada. Além disso, durante o processo das decorações é possível constatar as correntes artísticas alternativas dos chineses. ■

AS SETE DECORAÇÕES QUE NÃO PODEM FALTAR PARA UM ANO NOVO PRÓSPERO

LANTERNAS VERMELHAS

Para manter os azares longe de casa

As tradicionais lanternas chinesas são usadas em festivais importantes como o Festival da Primavera e o Festival do Meio Outono. Durante o Ano Novo Chinês, não é incomum ver lanternas penduradas em árvores nas ruas, escritórios e portas de casas. Os chineses acreditam que ter uma lanterna destas à porta de casa afasta a má sorte.

DÍSTICOS

Para atrair boas energias

Com desejos e declarações, os dísticos são geralmente colados em portas e janelas. Os bons desejos do Ano Novo geralmente são publicados em pares, pois os números pares estão associados à boa sorte e prosperidade na cultura chinesa. Os caracteres são cuidadosamente escritos a preto ou dourado em papel de fundo vermelho. Muitas famílias optam por ter poemas sobre a chegada da primavera, enquanto que outras preferem escrever desejos claros, como melhor saúde, mais trabalho ou harmonia familiar. Os dísticos geralmente são mantidos até à chegada do novo ano.

PAPÉIS RECORTADOS

Para atrair a felicidade e a sorte

O corte de papel é uma arte de cortar desenhos em papel. Podem ser em qualquer cor, mas tipicamente vermelho para o Festival da Primavera. De seguida, são colados nos vidros das janelas. Esta é uma tradição bastante forte nas populações do norte e centro do País. Muitas das vezes, opta-se pela imagem de uma planta ou de um animal auspicioso. Cada um representa um desejo diferente. Por exemplo, o pêssego simboliza a longevidade; a romã, a fertilidade; o pato mandarim, o amor; o pinheiro, a eternidade da juventude, ou a peónia, a honra e a riqueza.

PINTURAS DE ANO NOVO

Para saudar os meses que se seguem

As pinturas de Ano Novo (年画) são coladas em portas e paredes durante o Ano Novo para fins decorativos e como símbolo dos cumprimentos de Ano Novo. As imagens sobre as pinturas são figuras e plantas lendárias auspiciosas.

CARÁCTER DA FELICIDADE AO CONTRÁRIO

Fazer com que a sorte chegue mais rápido

Semelhante aos dísticos, e às vezes como os papéis recortados, o carácter para a felicidade (fu invertido (福) colado na parte superior da porta é uma forte tradição deste período do ano. Uma interpretação comumente difundida é que ao ter o carácter da felicidade invertido no cimo da porta todas as pessoas que por ela passam recebem com um derrame de felicidade.

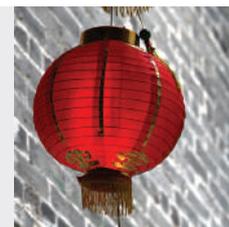
TANGERINEIRAS

Para atrair a riqueza

Em cantonês, tangerina diz-se *gam gat sue*. O carácter *gam* (金) significa ouro e *gat* soa a boa sorte. Portanto, ter uma tangerineira em casa simboliza um desejo de riqueza e boa sorte. As tangerineiras são muito populares especialmente nas regiões de Hong Kong, Macau, Guangdong e Guangxi, e pode-se ver muitos camiões a circularem pela cidade repletos de tangerineiras a fazer entregas.

FLORES FRESCAS

O Ano Novo Chinês marca o início da Primavera. Por isso, decorar a casa com flores frescas é uma tradição que faz sentido, por simbolizar justamente a chegada desta estação do ano e, ao mesmo tempo, os desejos de prosperidade.



Horóscopo Chinês

UM FIEL COMPANHEIRO COM MUITO A COMBATER

T MICKEY HUNG (熊神進)
Mestre de Feng Shui em Macau

O novo Ano do Cão, que arranca no dia 16 de Fevereiro, vai ser dominado pelo elemento Terra na sua forma Yang. Tudo aponta para que seja um ano atribulado, com uma preocupação crescente em relação à segurança global e à preservação do planeta. No entanto, o Ano do Cão também é a melhor altura para uma mudança radical no estilo de vida e para o arranque de novos negócios



2017

ANO DO CÃO



O ANO lunar de 2018, que se inicia a 16 de Fevereiro, está sob os auspícios do signo do Cão de Terra e influência do número 9, que irá deslocar-se para o meio do quadrante Luo Shy, o que significa prosperidade em todas as casas, independente do signo do zodíaco. O potencial financeiro criado pelo número nove indica que 2018 é um bom ano para abrir novos negócios, aumentar os lucros das empresas, construir uma boa reputação ou subir de estatuto social. Acima de tudo, o Ano do Cão de Terra indica que as pessoas terão maior tendência a organizar festas, a celebrar e a aproveitar mais a vida. Será um ano de sorte para os recém-casados.

Planear, adiar e negligenciar são palavras que não devem fazer parte do seu vocabulário durante este ano. Regenerado, o Cão acelera o início de todas as coisas, o que é bom de forma geral, mas, por outro lado, traz maior stress e pressão para a vida quotidiana.

Para os nativos de Cão, 2018 será um ano excelente em termos de finanças, mas a saúde nem sempre



sairá beneficiada. Aliás, essa deverá ser uma preocupação constante para todos os signos. As previsões do Almanaque Chinês indicam que este ano as pessoas devem prestar mais atenção à alimentação saudável, praticar actividade física e livrar-se de maus hábitos, sob pena de sofrerem constantemente de pequenas mazelas.

Os que nasceram sob o signo do Cão (nos anos de 1922, 1934, 1958, 1970, 1982, 1994 e 2006) são pessoas objectivas, que irão esforçar-se sempre para espalhar justiça e bons conselhos. Um pensador construtivo e eficiente, o Cão não se deixa esmorecer perante os desafios quando tem um propósito em mente. O Cão é devoto dos seus próprios ideais, mas ainda assim respeita as regras que se aplicam a todos.

O Cão é o 11.º animal do zodíaco chinês e está conectado ao último mês do Outono. O ano em que o Cão de Terra masculino casa com o seu signo aponta para duas montanhas lado a lado, o que significa um elemento Terra muito forte. O Inverno chega logo a seguir ao mês do Cão – e o Inverno é o mês da água. Isso quer dizer que caso consiga subir a montanha e chegar ao seu topo, muita sorte está reservada para si no ano de 2019. Para ter um bom Ano do Porco, em 2019, é preciso sair ileso deste Ano do Cão.

O ano de acordo com as estações

Primavera

De forma geral, os residentes de Macau gostam de ter filhos nos anos do Dragão, do Cão e do Porco. Os bebés nascidos nos anos do Porco Dourado, Dragão Dourado e Cão Dourado são tidos como inteligentes e saudáveis. Este é o Ano do Cão e é o ano do 5.º caule celeste e 11.º ramo terrestre, cuja representação, na teoria chinesa de cinco elementos, é a Terra. A Terra não serve só para cultivar, tem, também, o paradigma de conceber, caracterizando-se como mãe, plena de fertilidade, sendo, nessa perspectiva, um berço para as crianças e um enorme regaço de acolhimento e criação. Nessa faceta, o período de tempo seguinte a 4 de Fevereiro será o melhor momento para engravidar.

Durante este período os mercados imobiliários e de acções vão manter-



-se relativamente estáveis, verificando-se factores externos positivos, com as bolsas sempre em alta. Os residentes irão começar a fazer planos para aquisição de habitação própria e/ou para troca da sua actual casa.

Verão

Prevê-se que este Verão vá decorrer com alguma anormalidade. Cinco estrelas amarelas no Norte encolerizam-se. Poderão ocorrer graves problemas de saúde pública, podendo surgir vários vírus de origem desconhecida provenientes, possivelmente, dos países do Noroeste. Durante este período não é aconselhável viajar para o exterior. Dever-se-á prestar especial atenção ao lar, especialmente a oeste e a norte. Em 2018, acontecerão vários tumultos sociais, pelo que as pessoas andarão mais agitadas e substancialmente nervosas. No contexto geopolítico, poderão eclodir alguns rudes confrontos entre alguns países.

Outono

Devido à “estrela que representa os funcionários do governo” se encontrar em posição de continuada contenda e agitação perversa, prevê-se a existência de várias reivindicações entre muitos funcionários de nível superior, agravamento da situação no Médio Oriente e na Coreia do Norte e queda do mercado de acções. Muitos residentes vão sentir energias negativas durante esta fase menos positiva. Apesar de parecer algo estranho, mais bebés vão nascer depois do Outono e os pais vão sentir-se efusivos com os seus recém-nascidos, desanuviando, assim, o mal-estar pelos vários conflitos sociais e políticos que vão ocorrendo.

Inverno

Haverá uma valorização do renminbi. O mercado de acções vai entrar numa fase de compensação e ajustamento. Afinal, o Cão *sempre é o melhor amigo do homem* e apesar do cansaço e do desgaste após um ano de turbulência, felizmente, no final do ano a Estrela Púrpura é auspiciosa e trará, por fim, a paz. ■



Números da sorte:

3, 4 e 9

Cores da sorte:

vermelho, verde e roxo

Flores auspiciosas:

rosas e orquídeas

Personalidades famosas:

Madre Teresa, Elvis Presley, Michael Jackson, Donald Trump, Steven Spielberg

PERFIL DO CÃO

De uma forma geral os nativos do signo do Cão são leais e honestos, amáveis, cultos, cautelosos e prudentes. Devido a um forte sentido de amizade e companheirismo, o Cão protege tudo o que considera ser o melhor para as pessoas que lhe são próximas. Os nativos deste signo não são grandes comunicadores, tendo muita dificuldade em exprimir os seus pensamentos e sentimentos. Por isso, muitas vezes as outras pessoas ficam com a impressão de que os nativos do Cão são teimosos e prepotentes. Na verdade, os nativos do Cão têm uma característica sempre presente, a sua bondade, sendo muito carinhosos. Não têm tendência para se tornarem criminosos, nem de ganharem a sua vida de forma fácil e duvidosa. Gostam de ter uma vida discreta e tranquila, ao lado de uma família fortalecida. Estão sempre prontos para ajudar os outros e muitas vezes acabam por esquecer-se das suas próprias necessidades. Inúmeras vezes acabam traídos ou enganados, porque nunca desconfiam daqueles a quem prestam ajuda.



RATO

Nascidos em 1924, 1936, 1948, 1960, 1972, 1984, 1996, 2008
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

No amor, os nativos de Rato vão ter um ano com poucas mudanças, rasando a monotonia em inúmeras situações. Os casais de namorados poderão viajar para o exterior, aconselhando-se a Europa como destino turístico. O melhor período para viajar será na época da Páscoa.

Os condutores devem ser especialmente cuidadosos uma vez que as pessoas deste signo estarão sob uma forte influência duma estrela de Leste, que trará consequências negativas para a saúde e a segurança pessoal.

Os nativos de Rato gostam, pela sua própria natureza, de praticar grandes feitos a fim de sobressair sobre os demais. Contudo o tempo adequado para o fazer não chegou ainda. Para mostrar o que valem durante este ano deverão fazê-lo essencialmente de duas formas: não deverão mudar de emprego, dando o seu melhor na sua profissão para manter boas relações no seu local de trabalho e assumindo, em relação às chefias, uma atitude bastante positiva e construtiva, aceitando sempre os desafios propostos. Em segundo lugar, poderão também utilizar um pêndulo de prata para aumentar a sua sorte no trabalho.

Este será um ano muito positivo no campo amoroso para os nativos de Rato. Homens e mulheres apaixonados poderão encontrar uma oportunidade para se unirem no casamento. Recomenda-se que frequentem regularmente festas ou que façam, por exemplo, voluntariado. Quanto mais conviverem com outras pessoas maior será a probabilidade de encontrarem o seu par ideal.

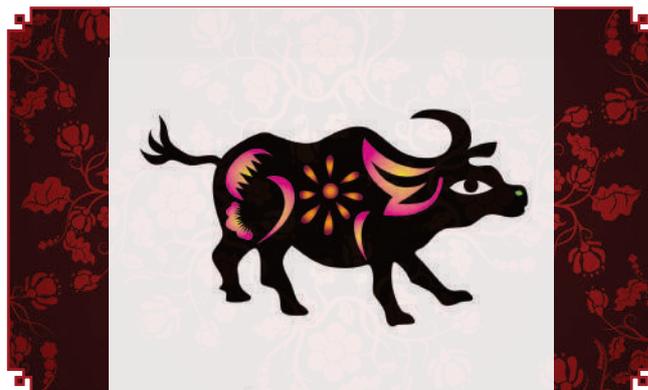
Cor da sorte: Azul

Números da sorte: 1, 6

Direcção de sorte: Sudoeste

Resolução para 2018: Passado é passado; deixe ir

- ♥ AMOR ★★★★★
- 📅 TRABALHO ★★☆☆
- 💰 DINHEIRO ★★★★★
- 🏥 SAÚDE ★★☆☆



BÚFALO

Nascidos em 1925, 1937, 1949, 1961, 1973, 1985, 1997, 2009
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Os nativos do Búfalo poderão encontrar pessoas que os queiram prejudicar no trabalho. Seja como for, quem não deve não teme e se mantiverem uma conduta justa e verdadeira, essas investidas em nada os afectarão. Recomenda-se, por outro lado que evitem qualquer tipo de envolvimento emocional com colegas ou chefias.

Durante este ano, os solteiros provavelmente não irão sentir vontade de se casar, nem tão-pouco de comprar casa ou mesmo de visitar os seus pais. Na verdade, este será um ano de imensa hesitação. Não devem decidir casar apenas por casar. É preferível que deixem que este ano passe e, depois, voltem a equacionar este assunto.

No plano amoroso este não será um ano muito positivo para os nativos de Búfalo já que irão andar angustiados sob o peso da desconfiança. Se esta situação se mantiver por muito tempo, sugere-se que durante o ano o casal faça uma longa viagem. Desta forma terão oportunidade de aproveitar para dialogar e conhecerem-se mutuamente, ao mesmo tempo que se divertem.

Cor da sorte: Amarelo.

Números da sorte: 5, 0

Direcção de sorte: Norte

Resolução para 2018: Faça escolhas ponderadas

- ♥ AMOR ★☆☆☆
- 📅 TRABALHO ★★☆☆
- 💰 DINHEIRO ★★☆☆
- 🏥 SAÚDE ★★★☆

**TIGRE**

Nascidos em 1926, 1938, 1950, 1962, 1974, 1986, 1998, 2010
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Os que trabalham por conta de outrem e apresentarem os seus planos de desenvolvimento aos seus patrões, irão certamente ser reconhecidos e apoiados. Após a conclusão das tarefas, há a grande probabilidade de os nascidos sob o Tigre serem recompensados, incluindo através de uma promoção. Se são donos de um negócio, este ano irão enfrentar problemas como o desrespeito por parte dos empregados. Caso o desrespeito do empregado seja grave, só lhe resta a possibilidade de o castigar para dar um sinal de alarme a todos. No campo amoroso poderão surgir algumas reviravoltas, as mulheres deverão estar particularmente atentas. Este ano poderão terminar robustos casamentos devido a fortes desencontros. Os solteiros terão oportunidade de conhecer novas pessoas, mas devem fazer um esforço no sentido de evitar conflitos. Se querem preservar a continuidade dos seus relacionamentos terão de ser mais condescendentes.

Cor da sorte: Vermelho

Números da sorte: 3, 8

Direção de sorte: Sul

Resolução para 2018: Ame intensamente

- ♥ AMOR ★★☆☆
- 📅 TRABALHO ★★★★★
- 💰 DINHEIRO ★★★★★
- 🏥 SAÚDE ★★☆☆

**COELHO**

Nascidos em 1927, 1939, 1951, 1963, 1975, 1987, 1999, 2011
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Os nascidos no ano do Coelho vão ter uma oportunidade de mudança no campo profissional, tendo um período especialmente propício para esse efeito a partir de 4 de Fevereiro. Se pretenderem mudar de trabalho este ano, então, deverá fazê-lo no primeiro semestre do ano.

Os casados não terão um ano muito favorável devido a preocupações e problemas no relacionamento com outras pessoas. Se quiserem preservar a relação é importante que saibam manter-se bem unidos no casamento.

Entre os ainda não casados, se estiverem apaixonados, se não discutirem por assuntos triviais, então poderão considerar o casamento como hipótese profunda para a sua união futura. A nível de finanças pessoais, o mês de Março rondará níveis muito fracos enquanto os restantes meses estarão dentro dos parâmetros normais. No entanto, desde que evitem desperdiçar dinheiro, os nascidos sob o Coelho não terão dificuldades económicas. Poderão enveredar por uma ocupação extra a fim de ganhar mais algum dinheiro e aumentar as suas oportunidades, mas cuidado com o excesso de trabalho. Devem ter cuidado com o que dizem, evitando litígios e não interferindo na vida pessoal dos outros.

O ano inteiro é favorável para adquirir casa e para o casamento. Poderão contar com o apoio dos amigos e a ajuda de benfeitores. O seu entusiasmo será grande porque o sucesso, a fama e a fortuna serão evidentes.

Cor da sorte: Verde, azul claro esverdeado

Números da sorte: 1, 4; números do azar: 3, 6

Direção de sorte: Leste

Resolução para 2018: Colha os bons frutos do ano passado

- ♥ AMOR ★★★★★
- 📅 TRABALHO ★★★★★
- 💰 DINHEIRO ★★☆☆
- 🏥 SAÚDE ★★★★★



DRAGÃO

Nascidos em 1928, 1940, 1952, 1964, 1976, 1988, 2000, 2012
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Este ano, os trabalhadores do signo do Dragão encontrarão dificuldades em evidenciar os seus méritos. A nível de saúde não terão problemas sérios. No entanto, algumas pessoas poderão enfrentar problemas porque, no ano anterior, terão sido negligentes no cuidado consigo próprias. Mas terão oportunidade de recuperar.

Devem prestar especial atenção à condição física! Só por se sentirem bem não devem encarar essa questão de forma ligeira.

Homens e mulheres apaixonados precisam de ser cautelosos, evitando brigas desnecessárias. Cada um terá as suas opiniões, que no entanto poderão não coincidir... De qualquer forma, devem respeitar-se e evitar a ocorrência de situações insuportáveis que levem uma das partes a ir procurar uma relação amorosa fora do casamento. No matrimónio, quando o sentimento é severamente destruído dificilmente será recuperado.

Para os nascidos no ano do Dragão poderão ocorrer lesões causadas por situações acidentais. As mulheres grávidas poderão estar mais propensas ao aborto espontâneo. Se lhes for possível, devem evitar participar em funerais.

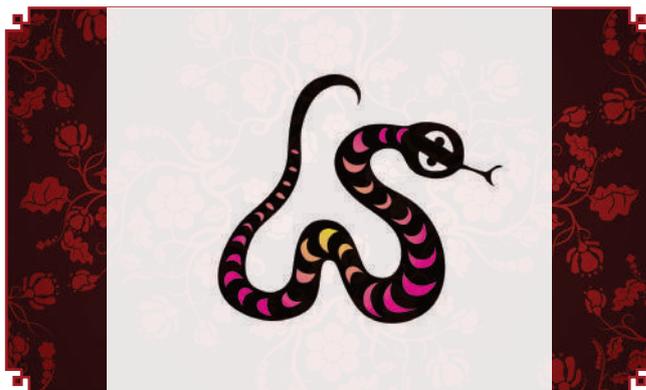
Cor da sorte: Vermelho (principalmente nas roupas pessoais)

Números da sorte: 5, 0

Direcção de sorte: Nordeste

Resolução para 2018: Seja mais cuidadoso

♥ AMOR ★☆☆☆
📁 TRABALHO ★★☆☆
💰 DINHEIRO ★☆☆☆
🏥 SAÚDE ★☆☆☆



SERPENTE

Nascidos em 1929, 1941, 1953, 1965, 1977, 1989, 2001, 2013
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Os que não têm um trabalho estável poderão ter agora a oportunidade de mudar de emprego e aí demonstrar, em plenitude, as suas verdadeiras capacidades. Se, este ano, os nativos de Serpente mudarem de trabalho e caírem nas boas graças dos seus chefes terão um ano profissional muito harmonioso e produtivo. Para os que se mantiverem no mesmo emprego, este será também um ano muito satisfatório, bastando apenas a sua dedicação e a sua diligência perante o trabalho para obterem a merecida recompensa.

No amor, a probabilidade de haver rompimentos será escassa. Pelo contrário, a paixão estará sempre em evidência.

Os homens terão uma postura menos obstinada e as mulheres estarão mais tolerantes e compreensivas, pelo que não haverá discussões significativas. Assim, uma aura de amor circundará os nativos da Serpente. Este ano eles serão mais favorecidos no amor do que os outros signos do zodíaco. Este será um ano para amar, profundamente!

Cor da sorte: Vermelho

Números da sorte: 5 e 0

Direcção de sorte: Leste, nordeste e sudeste. Se viajar para o exterior dê prioridade aos países do Sudeste Asiático, não vá para oeste porque será a posição que lhe poderá trazer problemas financeiros

Resolução para 2018: Deite fora o que não é necessário para a sua vida

♥ AMOR ★★☆☆
📁 TRABALHO ★☆☆☆
💰 DINHEIRO ★★★☆
🏥 SAÚDE ★☆☆☆



CAVALO

Nascidos em 1930, 1942, 1954, 1966, 1978, 1990, 2002, 2014
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

De uma forma geral os nativos de Cavalo são um pouco agressivos. Por outro lado, para este ano, paira uma estrela de infortúnio que poderá ser desfavorável à gravidez, pelo que as mulheres que decidirem engravidar poderão enfrentar alguns problemas. Também é possível que as grávidas sofram alguma queda e inerentes ferimentos, portanto um ano nada favorável à opção de engravidar, por todas estas contingências. Aconselham-se homens e mulheres do signo do Cavalo a não planearem, para já, ter filhos.

Na primeira metade do ano, os resultados escolares ou académicos serão inferiores aos do ano anterior. No período de Maio a Junho, os alunos do ensino básico estarão propensos a descuidar-se nos estudos e a obter resultados insatisfatórios. Os estudantes podem ter que enfrentar problemas inesperados nos seus estudos, levando a uma grande irregularidade no seu desempenho escolar.

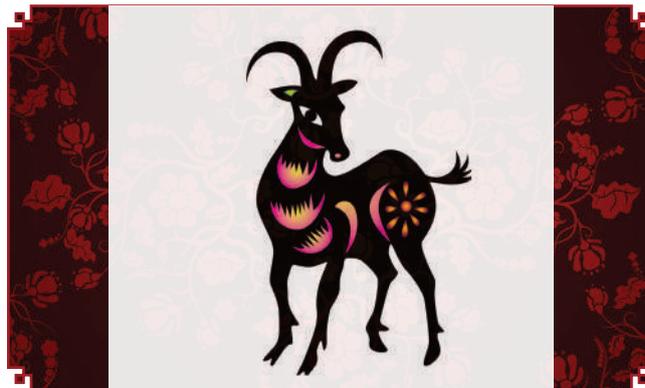
Cor da sorte: Verde

Números da sorte: 2, 7

Direção de sorte: Sul

Resolução para 2018: Tenha mais devoção

- ♥ AMOR ★★☆☆
- 📁 TRABALHO ★★☆☆
- 💰 DINHEIRO ★★☆☆
- 🏥 SAÚDE ★★☆☆



CABRA

Nascidos em 1931, 1943, 1955, 1967, 1979, 1991, 2003, 2015
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Se for o responsável máximo de uma loja, empresa ou departamento, felicitamo-lo! Conseguirá prestígio e admiração junto dos seus subordinados, pela sua capacidade organizativa e de gestão, e resolverá, a bom trecho, todos os problemas que lhe surgirem, obtendo assim sucesso a nível profissional. O ano é também muito favorável para os empresários, pois todos irão estar sob uma influência positiva ao longo do ano.

Pela chegada da "Estrela da Sorte", a sorte no amor será bastante forte. Os solitários poderão encontrar a sua companhia preferida e, desde que os homens solteiros se consciencializem disso, poderão almejar subir ao altar. As pessoas casadas precisam de aprender a comunicar com os seus parceiros, a entenderem-se e a tolerarem-se um ao outro.

Após o casamento muitos nativos de Cabra, tendem a embrenhar-se no trabalho, deixando para segundo plano a sua vida familiar, o que não será bom para fortalecer a relação. Finalmente, este ano, terão oportunidade de assentar e começar a pensar em ter filhos, já que é um ano propício neste campo.

As mulheres do signo da Cabra estarão muito fortes e carregadas de uma energia auspiciosa.

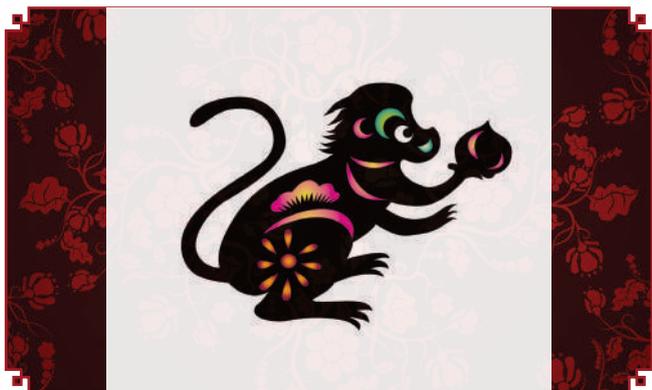
Cor da sorte: Cinzento

Números da sorte: 5, 0

Direção de sorte: Sul

Resolução para 2018: Reavalie a sua vida

- ♥ AMOR ★★☆☆
- 📁 TRABALHO ★★★★★
- 💰 DINHEIRO ★★★★★
- 🏥 SAÚDE ★★☆☆



MACACO

Nascidos em 1932, 1944, 1956, 1968, 1980, 1992, 2004, 2016
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Os que trabalham na área dos negócios deverão estar muito atentos aos investimentos, já que este não será um período de muita solidez nessa área. Recomenda-se que desenvolvam todos os esforços em busca do sucesso, mas com verticalidade e rectidão. Se antes de Junho não houver qualquer melhoria, devem experimentar colocar um pouco de jade amarelo num local (da casa ou do escritório) voltado para leste.

Para os que que trabalham por conta de outrem este será um período de intenso trabalho. Todos conhecem o provérbio "Hoje não se trabalha com afinco, amanhã com afinco se procura trabalho". Esta é também uma fase de conhecimento e cultura, em que muitos dos nativos de Macaco usarão os seus tempos livres para se dedicarem à leitura ou actividades semelhantes. Se tudo correr bem, poderão ser promovidos na sua actividade profissional.

Com o surgimento da estrela do infortúnio, este não será um ano bom no campo amoroso, sobretudo para os solteiros. Mas também poderá haver problemas no casamento, que serão uma fonte de mal-estar.

Cor da sorte: Verde

Números da sorte: 4, 9

Direcção de sorte: Sul

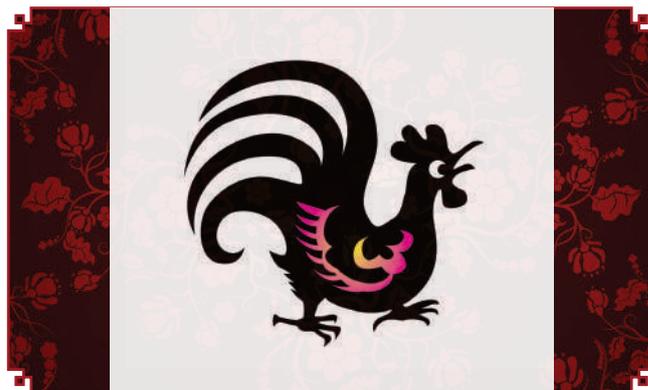
Resolução para 2018: Esteja mais atento à sua volta

♥ AMOR ★☆☆☆

📅 TRABALHO ★★☆☆

💰 DINHEIRO ★☆☆☆

🏥 SAÚDE ★★☆☆



GALO

Nascidos em 1933, 1945, 1957, 1969, 1981, 1993, 2005, 2017
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Os nativos de Galo andarão este ano um pouco confusos. Há a predisposição para se envolverem em relações extraconjugais, o que poderá destruir por completo a sua reputação e trazer graves problemas no seio do casamento.

Por outro lado, não há a previsão de aparecimento da estrela da fortuna. Assim, no trabalho, tenderá a ser um ano um tanto conturbado. Não serão acatadas, com facilidade, as ideias dos superiores nem os nativos do Galo se mostrarão predispostos a comunicar adequadamente com os colegas, o que reflecte a forte influência da estrela do infortúnio, em toda a sua amplitude. Sem a luz da estrela da sorte, irá inevitavelmente lutar contra um estado depressivo. Recomenda-se que usem uma pulseira de jade verde, para aumentar a energia e combater alguma tendência para estados depressivos.

Ao nível de saúde, a situação para os membros da sua família não será muito favorável. Por isso serão necessários cuidados especiais com os idosos.

No entanto, os nativos do Galo não enfrentarão nada de substancialmente grave no que diz respeito à sua própria saúde.

Cor da sorte: Prateado

Números da sorte: 4, 9

Direcção de sorte: Sudeste, Oeste

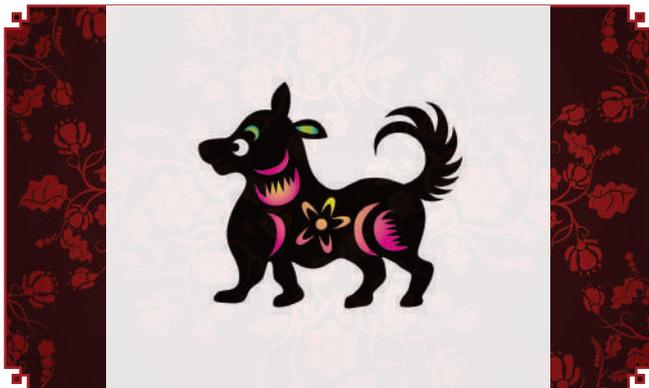
Resolução para 2018: Seja mais organizado

♥ AMOR ★☆☆☆

📅 TRABALHO ★☆☆☆

💰 DINHEIRO ★★☆☆

🏥 SAÚDE ★★☆☆



CÃO

Nascidos em 1934, 1946, 1958, 1970, 1982, 1994, 2006, 2018
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Os nascidos sob o signo do Cão poderão encontrar alguns adversários com os quais será mais difícil lidar e interagir. A relação entre superiores e subordinados também não será harmoniosa. Mas de um outro ponto de vista será uma fase favorável para enfrentar os medos e conectar-se intensamente com a religião.

Os profissionais de artes e indústria cénica estarão muito favorecidos. Os trabalhadores temporários serão frequentemente alvo de tratamentos pouco justos, podendo este ano ver algumas regalias diminuídas ou até mesmo enfrentar o despedimento.

O decisivo em todas estas situações é o lado psicológico. Devem cultivar uma atitude forte e positiva mas ao mesmo tempo cuidadosa, tolerante e apaziguadora. Não guardar ressentimentos.

Para os que trabalham na área dos negócios será uma fase de pouca sorte. Os nativos de Cão são devotos trabalhadores, de visão ampla, mas poderão encontrar este ano ambientes de inveja, rancores e ressentimentos. Terão de saber preservar a sua auto-estima e a autoconfiança. Se os seus parceiros forem nativos de Dragão ou de Cabra, deverão prestar atenção às ideias que estes lhe dão.

Finalmente uma influência negativa poderá criar problemas na vida dos casais.

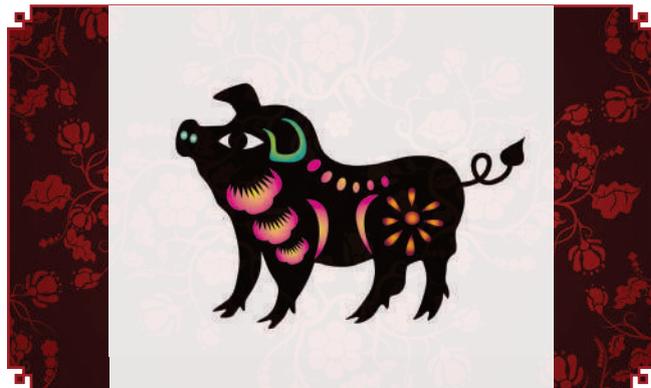
Cor da sorte: Vermelho

Número da sorte: 5

Direção de sorte: Sul

Resolução para 2018: Esteja preparado para um novo início

- ♥ AMOR ★★☆☆
- 📁 TRABALHO ★★☆☆
- 💰 DINHEIRO ★☆☆☆
- 🏥 SAÚDE ★★☆☆



PORCO

Nascidos em 1935, 1947, 1959, 1971, 1983, 1995, 2007
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Para os trabalhadores temporários, as oportunidades vão surgir e será importante que as mesmas sejam aprofundadas e concretizadas. Estarão todo o ano sob a protecção da "Estrela Solar". Poderão ser promovidos a uma posição superior com o apoio de um superior benfeitor, podendo ter efectivamente oportunidades únicas para demonstrar o seu talento e a sua capacidade de trabalho. Devem mobilizar-se para tirar proveito destas raras oportunidades.

As mulheres não serão tão propensas a receber promoções como os do sexo masculino. Poderá haver problemas de relacionamento, quer no trabalho quer nas amizades, que terão um impacto negativo nos seus estados de espírito. Este não é um ano favorável para a mudança de trabalho ou de carreira, nem para o empreendedorismo. Deverão ser pacientes e aguardar por novos dias para esse efeito.

No amor, os homens e mulheres pensam agora numa vida mais solitária. O ano não é muito propício ao casamento e para os que estão casados, poderá haver alguma falta de romance e de paixão. Nesses casos, para contrariar essa tendência, uma quebra da rotina, como por exemplo uma viagem, poderá ajudar.

Cor da sorte: Preto

Números da sorte: 1, 6

Direção da Sorte: Noroeste

Resolução para 2018: Tenha maior consciência das suas capacidades

- ♥ AMOR ★☆☆☆
- 📁 TRABALHO ★★☆☆
- 💰 DINHEIRO ★★☆☆
- 🏥 SAÚDE ★★☆☆



PRODUCTION _____

DIRECTOR _____

CAMERA _____

DATE

SCENE

CINEMA

Do Festival à indústria

T MARCO CARVALHO

A partir de Setembro deste ano, a Universidade de São José vai impulsionar a primeira licenciatura em cinema ministrada por uma instituição de ensino superior da RAEM. O novo curso estava já nos planos da universidade quando a primeira edição do Festival Internacional e Cerimónia de Entrega de Prémios de Macau (IFFAM) se realizou, em 2016, mas o aparecimento de um programa académico direccionado em exclusivo para o universo da cinematografia constitui um contributo valioso para um desígnio que ganhou força com a organização do IFFAM: o de afirmar a RAEM como um importante centro de produção e de distribuição de cinema. O que é necessário, afinal, para colocar Macau no mapa global da sétima arte?

QUANDO, a 14 de Dezembro, caiu o pano sobre a 2.^a edição do Festival Internacional de Cinema e Cerimónia de Entrega de Prémios de Macau (IFFAM, na sigla inglesa), a consagração não sorriu apenas a “Temporada de Caza”, filme de estreia da argentina Natalia Garagiola – considerado pelo júri o melhor do certame – ou a Xavier Legrand, cineasta francês que arrecadou o galardão para melhor realizador. De um certo modo, a última noite do Festival – que trouxe até Macau actores como o norte-americano Jeremy Renner, a malaia Michelle Yeoh ou o sul-coreano Do Kyung-soo – foi também uma noite de afirmação para o próprio evento.

O júri, liderado pelo cineasta Laurent Cantet, distinguiu “Temporada de Caza” pelo “estilo fluído e construção, a precisão da direcção e a qualidade dos actores”, atributos que não seriam inteiramente desfasados numa elegia à forma como decorreu a segunda edição do certame, a primeira sob a batuta de Mike Goodridge.

O britânico, antigo director executivo da produtora londrina Protagonist Pictures, despediu-se da edição de 2017 do Festival Internacional de Cinema com a sensação de ter cumprido parcialmente o seu dever, mas consciente de que é longo o caminho que o certame tem que percorrer para que se afirme, dentro e fora de portas. “Era, obviamente, um elemento novo na organização do evento, mas estava perfeitamente consciente de que tinha e tenho muito trabalho a fazer para melhorar o legado da primeira edição do Festival, que se deparou com alguns desafios. Sinto que fomos responsáveis por alguns avanços significativos”, reconheceu, em entrevista à MACAU.

Numa cidade onde ir ao cinema – no segundo semestre de 2017, e de acordo com os dados divulgados pela Direcção dos Serviços de Estatística e Censos, 173.400 residentes assistiram a pelo menos um filme numa das salas locais – é uma das actividades culturais de eleição. E deu a Mike Goodridge o cavalo de batalha perfeito para o seu primeira grande braço-de-ferro, o de familiarizar Macau com o

IFFAM: “Devo dizer que um dos meus grandes objectivos passa por estimular a paixão pelo cinema em Macau e contribuir para que as pessoas possam ir ao cinema com maior frequência. Existem, naturalmente, várias questões que eu gostaria de abordar à medida que o tempo progride e eu tenho várias ideias sobre a forma como podemos impulsionar esta paixão pela sétima arte, mas temos agora um importante pilar onde fundamentar os nossos projectos, pelo que as perspectivas só poderão melhorar”, sustenta.

Novidades na forja

O optimismo de Goodridge não é imoderado. A 2.^a edição do Festival Internacional de Cinema atraiu às salas assistências significativas, mas, mais do que tudo, ajudou a iniciativa a ganhar definição. O modelo competitivo adoptado – o de privilegiar produções de realizadores que tenham assinado apenas uma ou duas longas-metragens – vai manter-se nas próximas edições, ainda que o director artístico faça questão de lembrar que a abrangência do Festival vai muito além dos galardões que atribui e dos filmes que premeia. “O foco exclusivo da secção competitiva é em realizadores que tenham assinado a sua primeira ou a sua segunda longa-metragem, mas

nas restantes secções foram exibidos filmes de realizadores veteranos. Na última edição demos a conhecer o trabalho de Guillermo del Toro, de Luca Guadagnino, de Pen-ek Ratanaruang e de Laurent Cantet”, recorda.

Na calha, reitera Goodridge, está de resto a introdução de algumas novidades e a criação de novas secções. A Comissão Organizadora está a avaliar a possibilidade de avançar para a criação de uma secção dedicada aos filmes em língua portuguesa, uma opção que, no entender de Goodridge, “vai ao encontro das características mais relevantes de Macau”. “Trata-se de criar uma oportunidade para que a comunidade lusófona possa assistir a filmes na sua própria língua. Um dos elementos mais cruciais do Festival é, ainda assim, a qualidade dos filmes. Se não identificarmos filmes em língua portuguesa com grande qualidade, é óbvio que não os iremos exhibir só por exhibir.”

A “paixão pelo cinema” que o director artístico do IFFAM quer estimular não se fica, no entanto, pela perspectiva da popularização da sétima arte. Com Goodridge no comando, o Festival ambiciona tornar-se a pedra-de-toque de uma indústria ainda incipiente, o sustentáculo de uma Macau que se quer dar a conhecer também pelos filmes



Mike Goodridge assumiu a direcção artística da segunda edição do IFFAM

GCS



que produz. “Esperamos que o crescimento do Festival se faça acompanhar pelo desenvolvimento simultâneo de uma comunidade de realizadores locais. Queremos ser uma plataforma

para a afirmação de cineastas, tanto de Macau, com internacionais”, assume o responsável. “Acredito que podemos cimentar uma posição muito sólida no circuito dos Festivais e construir uma

forte reputação como um dos festivais asiáticos direccionados para a promoção de novos talentos e ainda como ponto de encontro de realizadores de várias proveniências”, complementa.

O exemplo balcânico

Para Mladen Milicevic, professor de composição para cinema da Universidade norte-americana de Loyola Marymount, a ideia de que um Festival de Cinema possa chamar a si o estatuto de pedra basilar no processo de afirmação da indústria cinematográfica em Macau nada tem de exagerado.

Oriundo da antiga Jugoslávia, Milicevic – bósnio de etnia sérvia nascido em Sarajevo – evoca o sucesso alcançado pelo Festival Internacional de Cinema da sua cidade-natal para ilustrar a sua posição. A Bósnia-Herzegovina, defende o académico, é um bom exemplo de uma nação cuja indústria cinematográfica enveredou por uma pequena revolução no encaço da criação de um festival de cinema. “Tivemos a guerra há 20 anos e depois a Jugoslávia de-

WIKIPEDIA



Mladen Milicevic vai fazer parte da equipa da primeira licenciatura de cinema em Macau

GONÇALO LOBO PINHEIRO



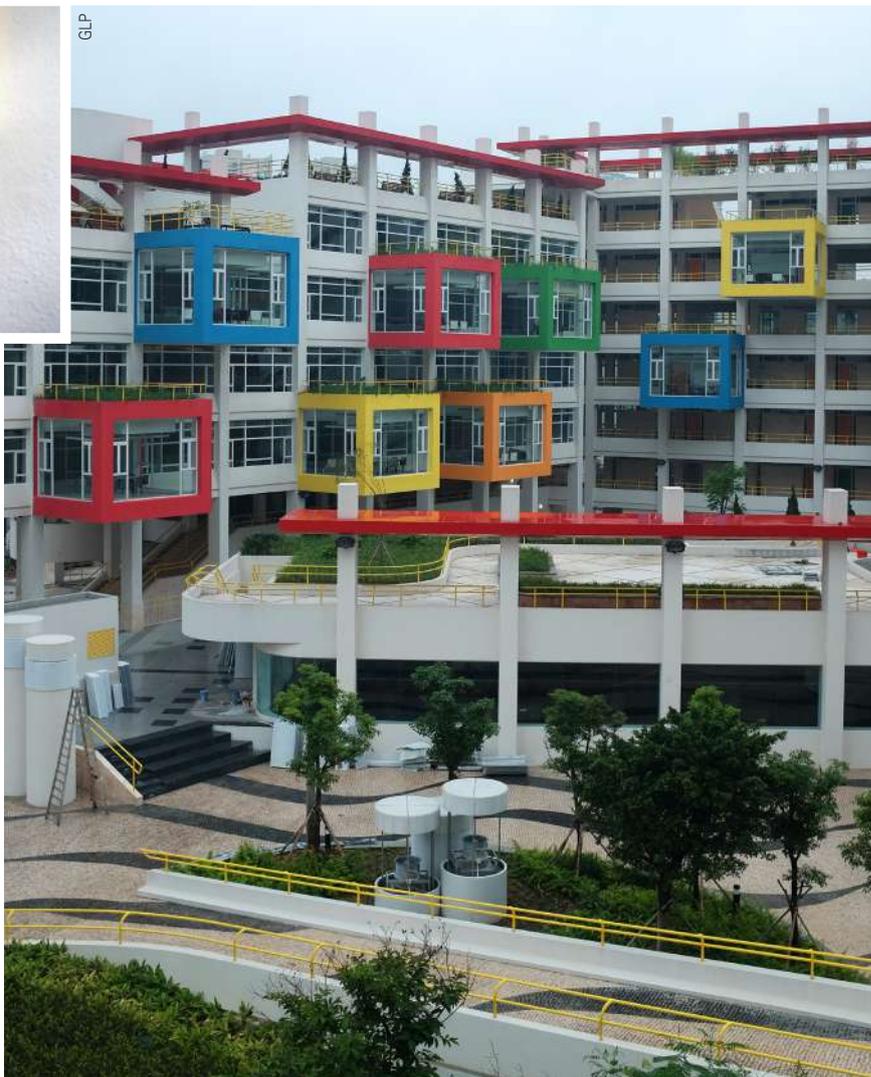
Álvaro Barbosa, director da Faculdade de Indústrias Criativas da Universidade São José

sintegrou-se e deu origem a diferentes países. A minha cidade natal, Sarajevo, tem o seu próprio Festival e é algo gigantesco na Europa. É bem conhecido pela Europa fora. São muitos os que se deslocam a Sarajevo a propósito do Festival, o que acabou por ter um grande impacto sobre a indústria local”, sustenta Mladen Milicevic.

Criado em 1995, durante o chamado “Cercos de Sarajevo”, o festival teve repercussões óbvias no fortalecimento da indústria cinematográfica bósnia e o mais apetecido dos frutos acabaria por se materializar sete anos depois, de um modo um tanto ou quanto inesperado. “Um filme da Bósnia-Herzegovina ganhou um Óscar em 2002 e foram realizados outros filmes que alcançaram uma grande projecção internacional e tiveram um grande impacto. Isto só ocorreu porque o Festival influenciou os realizadores locais”, assegura o professor à MACAU.

Mais de uma década e meia depois de ter sido consagrado por Hollywood, “Ni ija Zemlja” (“Terra de Ninguém”) continua a ser o único filme produzido por um dos territórios que faziam parte da antiga Jugoslávia a ter sido distinguido com o Óscar de Melhor Filme Estrangeiro. A proeza, acredita Mladen Milicevic, pode ser replicada em Macau, com os incentivos certos. “É algo que pode muito facilmente ocorrer em Macau. Não conheço assim tão bem o panorama de Macau, mas parece-me óbvio que um Festival de Cinema é sempre bom se o que está em causa é promover e inspirar os cineastas locais”, sustenta.

GLP



Além dos incentivos certos, à receita do sucesso Mladen Milicevic junta as componentes essenciais do tempo e da formação. “É fundamental ter consciência de que nada se faz sem tempo. É necessário formar jovens realizadores, acarinhá-los e, eventualmente, eles poderão fazer algo de bom”, defende. “Como em qualquer outra circunstância, a educação é algo fundamental. Acredito que educar as novas gerações e propiciar-lhes um bom início de carreira pode ser a chave para garantir bons realizadores e filmes interessantes.”

A opinião é subscrita por Mike Goodridge. Para o director artístico do Festi-

val em Macau, o trabalho desenvolvido pela Comissão Organizadora será inócuo se não for feito um esforço para dotar Macau de ‘know-how’ e de mão-de-obra especializada. “O que é necessário é, sobretudo, um maior investimento na formação, no ensino, mais *workshops* de escrita para cinema, uma maior exposição internacional e ainda mais gente disposta a realizar e a produzir filmes”, defende. “São necessários vários anos para que as infra-estruturas necessárias possam ser construídas em Macau. Refiro-me à formação de técnicos e de recursos humanos que possam ajudar a consubstanciar a realização de filmes. É

um processo longo, mas é um processo que o Festival se compromete a apoiar a longo termo”, complementa Goodridge.

O papel das universidades

Contas feitas, deverão ser necessários pelo menos quatro anos para que os primeiros técnicos de cinema integralmente formados em Macau possam dar o seu contributo à incipiente indústria cinematográfica da cidade, se os planos gizados por Álvaro Barbosa não conhecerem qualquer contratempo. O director da Faculdade de Indústrias Criativas da Universidade de São José (USJ) é o grande responsável pela licenciatura em Cinema Digital que a instituição de ensino superior se prepara para lançar em Setembro próximo. O curso, que se encontra a ser preparado há três anos, é o primeiro no domínio da sétima arte a ser ministrado por uma universidade local, ainda que a Universidade de Ciência e Tecnologia já ofereça um programa de Mestrado em Gestão Cinematográfica.

“O projecto desta licenciatura de cinema não tem necessariamente a ver com o Festival de Cinema. Tem a ver com a necessidade que identificamos de existir em Macau uma licenciatura de produção em cinema, com determinado tipo de características. Felizmente que existe agora o Festival e que pode ser mais uma iniciativa que vai alavancar esta área”, explica Barbosa.

A licenciatura, que recebeu em 2017 carta branca do Gabinete de Apoio ao Ensino Superior, já aceita inscrições. Mladen Milicevic, que esteve em Macau no início do mês de Janeiro para orientar uma palestra sobre as mudanças registadas na produção de música para cinema ao longo das últimas décadas, é um dos professores convidados do novo programa académico. À RAEM, o compositor e académico traz a experiência angariada em Hollywood e na Universidade de Loyola Marymount, uma das entidades que vão ajudar a dar forma à nova licenciatura. “Já temos toda a configuração do ponto de vista dos recursos humanos, dos docentes – não só internos, mas também em parceria com a Universidade Católica e com a Universidade

de Loyola Marymount. Também temos a parte das infra-estruturas; já está em curso a aquisição de alguns equipamentos”, esclarece o director da Faculdade de Indústrias Criativas da USJ.

Com o curso em andamento, deverão – espera Álvaro Barbosa – materializar-se as primeiras sinergias entre a USJ e o IFFAM. O responsável pela licenciatura e o director artístico do Festival estiveram já reunidos para acertar eventuais estratégias de cooperação, numa dinâmica que até poderá ir buscar inspiração a Portugal e ao mais conhecido festival de cinema do norte do país. “Posso dar o exemplo do que se passou no Porto com o Fantasporto. A certa altura, nós, com o curso de Mestrado em Cinema do Departamento de Som e Imagem da Universidade Católica do Porto, fizemos um conjunto de parcerias com o Fantasporto em que, anualmente, o Fantasporto apoiava e acompanhava algumas produções com os nossos alunos que resultavam em filmes muito interessantes e fazia uma secção do festival para filmes universitários e de estudantes no qual nós estivemos muito envolvidos e ganhamos imensos prémios”, recorda Álvaro Barbosa.

“Penso que este festival pode ter o mesmo papel aqui”, sustenta o director da Faculdade de Indústrias Criativas da USJ. Na calha poderá estar o estabelecimento de algumas parcerias en-

tre a instituição de ensino superior e o IFFAM já a partir do próximo ano lectivo. “O director do Festival já visitou a nossa Escola. Estive com ele em duas ocasiões e conversamos bastante sobre essa possibilidade. Se o Festival mantiver esta estrutura e esta estratégia que tem agora, será um parceiro essencial para nós”, aponta o académico.

Da parte da Comissão Organizadora do IFFAM, o interesse é recíproco, até porque o Festival dificilmente será bem-sucedido sem um maior envolvimento da comunidade. “Uma indústria cinematográfica forte é uma mais-valia para a comunidade, na medida em que cria empregos, faz circular dinheiro, ajuda a dar a conhecer histórias de Macau e concede visibilidade à cidade numa escala mundial”, assinala Mike Goodridge.

Com um optimismo a toda a prova, o britânico está convicto que, apesar da viagem estar ainda no seu início, a RAEM está no caminho certo para se afirmar como um importante centro de produção e distribuição de filmes. “As universidades já oferecem licenciaturas em cinema, o Instituto Cultural apoia activamente realizadores e há tanto curtas, como longas-metragens a serem feitas”, lembra. “Creio que se trata apenas de uma questão de tempo para que a sociedade civil mostre um maior interesse e se envolva mais nesta área”, remata o director artístico do IFFAM. ■



Encenadora de ideias

T HÉLDER BEJA **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Jenny Mok é uma das mais destacadas encenadoras de Macau. A actual directora do grupo Comuna de Pedra acredita que o corpo e a performance são poderosos transmissores de mensagens



A PEQUENA acelera que Jenny Mok conduz diariamente ficou parada bem perto desta esplanada dos NAPE (Novos Aterros do Porto Exterior). É nela que esta encenadora local se desloca para os ensaios, para as aulas que dá a pessoas com necessidades especiais, para as visitas a escolas e até para o projecto artístico que desenvolve por estes dias com reclusos do Estabelecimento Prisional de Coloane. Aos 31 anos, a directora do bem conhecido grupo de teatro local Comuna de Pedra é uma das vozes mais fortes da cena teatral e performática de Macau, e não tem mãos a medir, com cada dia mais cheio que o anterior.



O modo como fala sobre a sua expressão artística diverge da imagem que passa: Jenny Mok tem sempre um estilo discreto e relaxado, mas quando o tema é o seu trabalho a voz coloca-se e o discurso ganha espessura. O palco, como está bom de ver, é coisa séria. “Nunca fui para uma escola oficial de artes ou teatro até 2012, quando me mudei para Bruxelas. Estudei em Macau toda a minha vida, primeiro na escola pública e depois na Universidade de Macau. O meu mestrado foi em Inglês e especializei-me em Literatura”, atira, quase maquinal, repassando brevemente o currículo.

Haveria de ser fora das salas de aula que o teatro viria ao encontro desta jovem local. Corria o ano de 2001 e a zona exterior do Centro Cultural de Macau recebia o espectáculo “Record of Heretofore Lost Works”, apresentado pela Comuna de Pedra. Na audiência estava aquela que viria a tornar-se a sua actual directora. “Esse espectáculo teve um grande impacto em mim, nunca tinha visto nada assim. Era uma peça de dança, enorme. Eles trabalharam com um coreógrafo japonês, um músico mexicano e, claro, com a Jane Lei, [uma das fundadoras] da Comuna de Pedra. Para mim, naquela altura e com apenas 16 anos, foi fantástico.”

Um ano depois, Jenny Mok vivia ainda assombrada por aquela experiência. Por isso ofereceu-se como voluntária quando soube que a Comuna de Pedra se preparava para repor o mesmo espectáculo. “Aceitaram-me e era suposto eu ajudar apenas a passar roupa mas, de algum modo, comecei a ensaiar com eles e foi assim que me envolvi no teatro”, recorda.

Além da palavra

Na Universidade de Macau, onde estudou inglês, e no Conservatório de Macau, cujo departamento de teatro frequentou por mais de dois anos, a palavra era quase sempre a base de todo o processo criativo. “Trabalhava-se muito com base no texto, era uma arte performativa muito agarrada ao guião. Percebi que, apesar de gostar da estrutura, do texto e do guião, em termos de criação prefiro algo mais contemplativo, que vá além do texto.” E são os movimentos corporais, a expressão física do teatro, esse “além do texto” de que fala Jenny Mok.

As experiências como *performer* e actriz foram-se repetindo ao longo dos anos, mas cedo a artista percebeu que seria fora de cena o lugar em que se sentiria mais realizada. “Como estudante universitária, além de não ser muito aplicada, tinha bastante tempo livre, e comecei a procurar agarrar todas as oportunidades para participar em vários tipos de espectáculos. Toda a minha experiência vem desse envolvimento, de fazer espectáculos, dos ensaios. Na época eu era basicamente uma actriz. Cerca de cinco anos depois, em 2007, apercebi-me de que queria criar algo meu e foi assim que me tornei encenadora”, prossegue.

No início, confessa, não fazia ideia do que representava o trabalho de encenação. “Era tudo muito confuso. Lem-

“QUANDO QUEREMOS ENCENAR UMA PEÇA, CRIAR UMA OBRA, SEJA UMA PINTURA, DANÇA, TEATRO, LITERATURA, HÁ ALGO QUE QUEREMOS DIZER. POUCO A POUCO ESTOU A APRENDER A COMUNICAR, A CANALIZAR UMA IDEIA ATRAVÉS DE UM MEIO DE EXPRESSÃO. É UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM”

bro-me de, uma vez, haver uma cena sobre a morte e, na tentativa de que os actores se envolvessem mais nas personagens, fomos para um templo chinês, atrás do Jardim [Luís de] Camões, com uma escadaria enorme. Foi de loucos, não fazia sentido nenhum, mas quando se é jovem e

não se tem qualquer experiência faz-se tudo o que se quer, o que achamos que está certo, temos coragem para fazer todas as loucuras. Então pedi-lhes para se posicionarem no cimo das escadas e imaginarem que iriam cometer suicídio ao atirar-se pelas escadas abaixo. ‘Tem de parecer real!’ Foi uma confusão. Mas isso foi há 10 anos. Foi a minha primeira encenação.”

Os passos iniciais na carreira que hoje ocupa a tempo inteiro estão bem gravados na memória de Jenny Mok. O vídeo “A Day With The Red Nose”, em que juntamente com outros actores andou vestida de palhaço pelas ruas da cidade, é uma das mais vividas recordações. “Andámos a improvisar nas ruas, nos restaurantes, no mercado chinês, na ponte... A polícia apareceu a perguntar o que estávamos a fazer. Foi engraçado, foi uma experiência”, ri-se.

Aos poucos, a encenadora foi compreendendo o que realmente importa – e isso, acredita, é a mensagem que pode ser transmitida através da criação artística. “Continuei a encenar, comecei a aprender, passo a passo, qual é a melhor forma de transmitir uma ideia e o que é isso





de transmitir uma mensagem. Quando queremos enunciar uma peça, criar uma obra, seja uma pintura, dança, teatro, literatura, há algo que queremos dizer. Pouco a pouco estou a aprender a comunicar, a canalizar uma ideia através de um meio de expressão. É um processo de aprendizagem.”

Até 2012, Jenny Mok participou em várias produções enquanto actriz e encenou outras, trabalhando com várias companhias de Macau. Entre os trabalhos assinados nessa época, destaca um com cariz bastante pessoal: “A peça que considero mais relevante dessa época é “Beyond the Misty Air”, uma mistura de teatro e dança com quatro actrizes, que explorava a relação entre mãe e filha. Em 2001 foi diagnosticada à minha mãe uma doença cerebral incurável que afecta os movimentos, ela acabou por falecer em 2011. Quando somos jovens há uma série de sentimentos com que não conseguimos lidar e foi isso que me levou a querer criar. Percebi que expressá-los através da arte era uma grande libertação para mim. Essa peça é sobre isso. Não creio que seja perfeita, mas em termos emocionais foi muito importante para mim.”

Sair para crescer

Se trabalhar em volta da perda de um ente querido foi determinante para Jenny Mok, a mudança para a Europa também. “Percebi que precisava de algo mais, precisava de me ultrapassar”, assume a artista. O destino esteve para ser França e a École Internationale de Théâtre Jacques Lecoq, mas acabou por ser a Bélgica. “Não queria ir para o Reino Unido ou para os Estados Unidos, porque ali a escola teatral é muito técnica e agarrada ao texto, e não era isso que procurava.” A busca era então por um espaço de criação que privilegiasse o corpo, o teatro físico, algo que acabou por encontrar na École International de Theatre LASSAAD, em Bruxelas.

“Foi uma boa experiência, bastante diferente. É estimulante trabalhar na indústria, fazer espectáculos e tudo o que isso requer, trabalho, prazos, etc., mas ao mesmo tempo poder voltar à escola e poder aproveitar o facto de ser estudante, de poder errar e voltar a tentar, foi algo que eu nunca tinha experimentado”, explica Jenny Mok. “Sempre

“É ESTIMULANTE TRABALHAR NA INDÚSTRIA, FAZER ESPECTÁCULOS E TUDO O QUE ISSO REQUER, TRABALHO, PRAZOS, ETC., MAS AO MESMO TEMPO PODER VOLTAR À ESCOLA E PODER APROVEITAR O FACTO DE SER ESTUDANTE, DE PODER ERRAR E VOLTAR A TENTAR, FOI ALGO QUE EU NUNCA TINHA EXPERIMENTADO”

trabalhei para uma produção, para um produto feito, nunca trabalhei para mim. E apercebi-me que não havia mal nenhum em falhar, era apenas um exercício. Isso foi bastante inspirador.”

A língua francesa foi um dos grandes desafios em Bruxelas, quase “como se tivesse passado seis meses a aprender português em Macau e fosse para Portugal tentar falar”. Essa experiência, descreve Jenny Mok, foi um pouco como voltar à infância. “A língua é uma coisa muito delicada e quando não somos compreendidos quase que nos sentimos incapacitados. Mas o desafio foi como superar esta dificuldade e não ter medo de cometer erros, perceber que não tenho de ser perfeita. Em termos artísticos, a escola também é muito boa, os professores ajudaram-me imenso, aprendi muito.”

Durante mais de dois anos, Mok esteve rodeada de criativos e de correntes artísticas, num “ambiente artístico bastante diferente do de Macau”, que descreve como “muito mais *avant-garde*, com muito mais a acontecer nas artes performativas contemporâneas, teatro, dança...”

De regresso à cidade onde nasceu e onde deseja viver, Jenny Mok encontrou algumas diferenças, a começar pelo modo como as pessoas gastam o seu tempo e dinheiro. “Em termos de políticas houve melhorias. As pessoas estão mais dispostas a fazer actividades culturais agora do que há três ou quatro anos. Para ser franca, estamos a competir com o grande negócio do entretenimento, as pessoas pensam em ir ao teatro, a um espectáculo ou a um concerto com o mesmo estado de espírito de consumismo, põem tudo no mesmo saco, não há uma divisão. Penso que houve melhoramento nas políticas, mas também houve uma grande mudança de público”, avalia a encenadora.

Enquanto directora da Comuna de Pedra, agremiação que já conta mais de duas décadas de actividade, o desafio passa por arranjar estratégias para cativar o público. Para Mok, é “extremamente importante continuar a produzir”, mesmo que haja aparentemente menos pessoas interessadas. Melhorar a curadoria de cada projecto e ter arrojo são duas das ideias fortes da artista para o futuro da companhia que dirige. “Sinto-me mais preparada para o fazer, e não tenho medo de lutar por um lugar para mim e para a companhia”, assegura.

Jenny Mok quer continuar a encenar, ao mesmo tempo que estima muito o trabalho comunitário desenvolvido pela Comuna de Pedra, desde as oficinas com crianças às acções com pessoas com necessidades especiais. “É um trabalho de educação das comunidades, que eu adoro, e ao mesmo tempo está relacionado com a arte. Parecem duas actividades completamente diferentes, e são, mas estão interligadas. Sinto-me feliz por estarmos a fazer um trabalho que talvez não seja visível agora, mas que será daqui a dois, três, cinco anos. É um trabalho focado na criação, nos artistas e ao mesmo tempo focado em criar uma base cultural que, esperamos, possa unir a comunidade através da arte.” ■

BALLET DE SÃO PETERSBURGO



O REGRESSO DE “O LAGO DOS CISNES”

Macau é uma das paragens da digressão mundial do Ballet de São Petersburgo. A russa Irina Kolesnikova volta a liderar o corpo de 60 bailarinos que dá vida à trágica história de amor entre o príncipe Siegfried e Odette

T CATARINA DOMINGUES

Tchaikovsky, Irina Kolesnikova e a história de amor entre o príncipe Siegfried e Odette regressam este ano aos palcos de Macau. Depois de ter passado pela RAEM em Dezembro de 2016, o Ballet de São Petersburgo volta ao Teatro do Venetian com “O Lago dos Cisnes”. Macau, onde o grupo vai actuar entre 27 e 28 de Abril, é uma

das paragens da digressão mundial da companhia russa, que passa também por Singapura, Nova Zelândia, Austrália, Hong Kong e Indonésia. “O Ballet de São Petersburgo vem a Macau depois de temporadas esgotadas em Londres, Paris e Sydney”, pode ler-se na página da companhia de bailado russo, que apresenta cerca



de duas centenas de espectáculos anuais.

Aos 37 anos, Irina Kolesnikova, prima ballerina, mantém-se na liderança deste corpo de 60 bailarinos, que dá vida a uma das mais conhecidas produções de ballet clássico do mundo.

“O Lago dos Cisnes”, *ballet* em quatro actos, conta a história do jovem príncipe Siegfried que, ao perseguir um bando de cisnes pela floresta, se apaixona pela princesa Odette, uma jovem aprisionada num corpo de cisne pelo vilão da história, o feiticeiro Rothbart.

Esta trágica história de amor estreou pela primeira vez em 1877 no Teatro Bolshoi, em Moscovo, com coreografia de Julius Reisinger e a partir de uma composição encomendada ao russo Piotr Ilitch Tchaikovsky. Quase 20 anos depois, “O Lago dos Cisnes” subiu também aos palcos do Teatro Mariinski em São Petersburgo. “Com um salão de baile espectacular e dramático, uma música sublime e uma história comovente, ‘O Lago dos Cisnes’ (...) continua a ser o *ballet* pelo qual todos os outros são avaliados”, lê-se ainda no website do grupo russo. O Ballet de São Petersburgo foi fundado em 1994 por Konstantin Tachkin. No seu repertório, estão incluídas obras-primas do *ballet* clássico como “Giselle”, “Les Sylphides”, “Quebra-Nozes” e “A Bela Adormecida”. Os artistas que representam esta companhia formaram-se na sua maioria na Academia de Ballet Vaganova, também em São Petersburgo. Além de Irina Kolesnikova, outros nomes importantes do mundo do ballet trabalham com este grupo de São Petersburgo, como é o caso de Maria Velikaya, Dmitriy Akulinin, Tkachuk Mikhail e Ekaterina Geraskina.

“O LAGO DOS CISNES”

TEATRO DO VENETIAN
27 E 28 DE ABRIL DE 2018

Bilhetes a partir de MOP 388



MÚSICA

Os trilhos musicais de Dvořák

As obras de Dvořák combinam a tradição sinfónica alemã e austríaca com a música folclórica da Eslováquia. Neste concerto, o violoncelista italiano Mario Brunello estreia em Macau com o “Concerto para Violoncelo em Si Menor” e a “Sinfonia N.º 8 em Sol Maior”.

CENTRO CULTURAL DE MACAU
10 DE MARÇO DE 2018

Bilhetes a partir de MOP 150

Primeira Experiência Musical do Bebê

A música desempenha um papel importante na educação pré-natal. A Orquestra de Macau preparou para todas as futuras mães um concerto musical, que inclui Mozart, Prokofiev e Haydn.

TEATRO DOM PEDRO V
17 DE MARÇO DE 2018

Bilhetes a partir de MOP 100

Legends in Concert

Macau vai reviver os principais sucessos de Michael Jackson, Elvis Presley, Lionel Richie, Whitney Houston e Freddie Mercury numa série de concertos com artistas que vêm directamente de Las Vegas. “Os tributos ao vivo do Legends in Concert são conhecidos pelos cenários teatrais elaborados, trajes magníficos e uma mão cheia de efeitos especiais incríveis”, pode ler-se na página do Parisian.

TEATRO DO PARISIAN
2-4 DE FEVEREIRO DE 2018

A partir de MOP 180

Missa de Schubert

Para assinalar o 190.º aniversário da morte do compositor austríaco Franz Schubert e celebrar a Páscoa em Macau, a Orquestra de Macau leva até ao coração da cidade a “Missa n.º 5 de Schubert em Lá bemol Maior” com o Coro Nacional da Coreia.

IGREJA DE S. DOMINGOS
31 DE MARÇO E 1 DE ABRIL DE 2018

Entrada livre

“Parada de Ouro – Armamento Imperial do Museu do Palácio” reúne mais de uma centena de peças de material bélico utilizado durante a Dinastia Qing

T CATARINA DOMINGUES

O desenvolvimento de armamento militar e de técnicas bélicas foi uma aposta forte dos manchus, que derrubaram a Dinastia Ming (1368–1644) e fundaram a Dinastia Qing (1644–1911). O sucesso desta última dinastia chinesa dependia em grande parte da habilidade de defender e expandir o território. Dizia Kangxi, quarto imperador dos Qing, que “os preparativos militares do país não descansam nem um dia”.

Ao longo deste período, a corte atribuiu especial importância ao tiro com arco a cavalo, adoptando, além disso, novas medidas que permitiam manter vivas as tradições manchus, como era exemplo a caça em bosques ou florestas.

A exposição “Parada de Ouro – Armamento Imperial do Museu do Palácio”, que pode ser vista até 11 de Março no Museu de Arte de Macau, permite recuar até à corte e aos campos de batalha desse período dinástico e ficar a conhecer algum do armamento militar utilizado à época. A mostra reúne mais de 100 peças da colecção do Museu do Palácio, em Pequim, incluindo equipamento e engenhos produzidos pelas oficinas imperiais e presentes oferecidos por outros países à corte chinesa. “Porte Digno” é a primeira das três secções desta exposição. Aqui, o público tem acesso a vários artigos militares utilizados pela corte, como é o caso de um uniforme militar em brocado dourado e uma espada utilizada pelo imperador na revista das

O PODER DO ARMAMENTO IMPERIAL DOS MANCHUS



MUSEU DE ARTE DE MACAU



tropas. De acordo com uma nota de apresentação da exposição, a peça mais importante desta secção é a “Revista da Grande Parada das Tropas pelo Imperador Qianlong Rolo 2: Tropas em formação”. Trata-se de uma peça com mais de 17 metros de comprimento, executada pelo pintor Jin Kun. “Retrata uma espectacular revista de tropas por Qianlong em Nan Yuan, descrevendo as habilidades das tropas dos Oito Estandartes relativamente a paradas militares, tiro com arco a cavalo, artilharia e tiro, o que permitia ao imperador ficar a rever de forma global o armamento e capacidades militares das tropas”, refere em comunicado o Instituto Cultural (IC).

Já a secção “Poderio Militar” inclui pinturas de caçadas do imperador Qianlong e também um arco de madeira utilizado pelo imperador Kangxi. Explica o IC que “materiais históricos sobre caçadas comprovam a importância que a corte atribuía ao tiro com arco a cavalo, sendo um importante meio de treino e selecção pela casa real dos melhores, servindo ainda para promover a união nacional entre manchus, mongóis, tibetanos e chineses e tendo um importante papel na consolidação do regime político”. Por último, “Sistema Militar” apresenta várias relíquias, como o sinete do comandante do corpo de guarda do estandarte branco, com pega de prata em forma de tigre, entre outras. Estas “reflectem o poder militar do sistema dos Oito Estandartes da Dinastia Qing, bem como o rigoroso sistema de regras que existia na corte imperial para as sentinelas, guardas do palácio e vistorias”.

O MAM está também a organizar uma série de actividades complementares relacionadas com a exposição, incluindo seminários com especialistas do Museu do Palácio, oficinas e visitas guiadas.

“PARADA DE OURO – ARMAMENTO IMPERIAL DO MUSEU DO PALÁCIO”

MUSEU DE ARTE DE MACAU
ATÉ 11 DE MARÇO DE 2018

Entrada livre



Ficção e Deriva

Mostra reúne cerca de duas dezenas de pinturas do português Jorge Martins.

“Constituem uma representação antológica da sua reinvenção dos espaços, dos objectos, dos tempos, dos seus efeitos ilusórios, que o pintor ficciona pela sua arte e faz derivar na nossa vida”, escreve o Instituto Cultural de Macau, que organiza a exposição em conjunto com a Galeria Arte Periférica de Portugal.

GALERIA DO TAP SEAC
ATÉ 4 DE MARÇO DE 2018

Entrada livre

11.ª Bienal de Design de Macau

A edição deste ano da bienal reuniu mais de 4000 trabalhos provenientes de 33 regiões do mundo. O júri seleccionou 80 vencedores e duas centenas de trabalhos para integrar a exposição, que se realiza até finais de Março. MUSEU DAS OFERTAS SOBRE A TRANSFERÊNCIA DE SOBERANIA DE MACAU ATÉ 31 DE MARÇO DE 2018

Entrada livre

“Imaginary Beings”

Ana Aragão traz a Macau mais de 50 trabalhos para aquela que foi a sua primeira exposição na cidade. Arquitecta de formação, a ilustradora esteve para a inauguração da mostra. Pequenas vilas ou torres de diferentes formas ou cores fazem parte de um universo que a artista se propôs a inventar. De acordo com a organização, algumas das ilustrações assemelham-se a lugares de Macau.

TAIPA VILLAGE ART SPACE
ATÉ 21 DE FEVEREIRO DE 2018

Entrada livre

“A Linguagem e a Arte de Xu Bing”

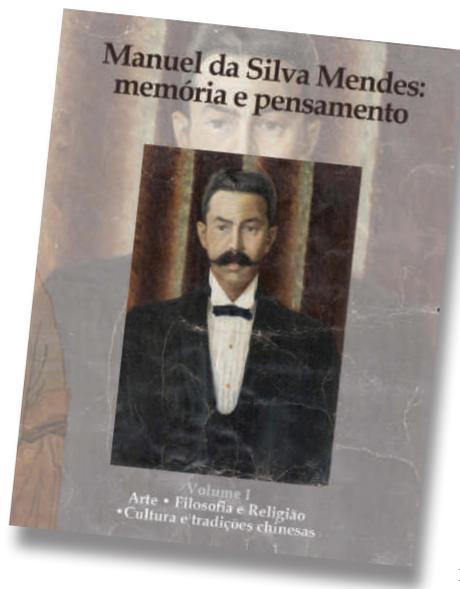
São 30 obras, incluindo um trabalho inédito em que Xu Bing coloca em papel um excerto do poema de Camilo Pessanha “Viola Chinesa”. Desde caligrafia, passando por pintura e instalação, o artista procura trabalhar com diferentes meios de expressão. “A sua criação artística situa-se em torno da representação visual dos sistemas de símbolos escritos, manifestando e iniciando uma discussão, por meio da escrita que vê como raiz da cultura”, escreve o Museu de Arte de Macau.

MUSEU DE ARTE DE MACAU
ATÉ 4 DE MARÇO DE 2018

Entrada livre

AS MEMÓRIAS E OS PENSAMENTOS DE SILVA MENDES

Primeiro volume de uma colectânea, *Manuel da Silva Mendes: Memória e Pensamento* inclui três ensaios sobre aquele que foi “um dos representantes mais notáveis da *intelligentzia* portuguesa contemporânea de Macau”



Chinesas, publicados na imprensa e em formato livro. “Constituem um testemunho único – e uma fonte de conhecimento – pela sua qualidade e rigor e que ainda hoje não têm paralelo tanto entre os investigadores portugueses como estrangeiros”, escreve o editor Rogério Beltrão Coelho numa nota introdutória ao livro. Jurista e professor,

Manuel da Silva Mendes

nasceu em 1867 em São Miguel das Aves, distrito do Porto, e morreu a 30 de Dezembro de 1931, em Macau. Da sua estadia no Oriente ficou o interesse pela cultura e civilização chinesas, pelo taoísmo, e uma importante colecção de arte chinesa, adquirida em 1932 pelo Museu Camões e herdada pelo Museu de Arte de Macau. “Dominando a língua chinesa e profundo conhecedor da sua cultura, Silva Mendes foi, no início do século XX, o principal e o primeiro divulgador da cultura, da filosofia e da religião chinesas, conhecimento que lhe advinha do contacto directo, em Macau e no continente chinês, com artistas, pensadores e com os bonzos –

T CATARINA DOMINGUES

No ano em que se celebrou um século e meio do nascimento de Manuel da Silva Mendes (23 de Outubro de 1867), a Associação Amigos do Livro em Macau organizou uma série de actividades em Portugal e Macau, para dar a conhecer a vida e o pensamento do intelectual português, que habitou esta pequena cidade do Sul da China entre 1901 a 1931. Além de sessões e colóquios, que contaram com a presença de estudiosos, a associação liderada pelo jornalista e editor Rogério Beltrão Coelho lançou em 2017 *Manuel da*

Silva Mendes: Memória e Pensamento, trabalho editado pela Livros do Oriente e primeiro volume de uma colectânea sobre o autor.

A obra, apresentada em Macau na Fundação Rui Cunha em Dezembro do ano passado, inclui três ensaios da autoria de António Aresta, Amadeu Gonçalves e Tiago Quadros, os dois primeiros sobre a vida do autor e o terceiro sobre a Vila Primavera, morada de Manuel da Silva Mendes em Macau. Com cerca de 600 páginas, este primeiro volume reúne ainda todos os textos de Manuel da Silva Mendes sobre Arte, Filosofia e Religião, Cultura e Tradições

PARA LER

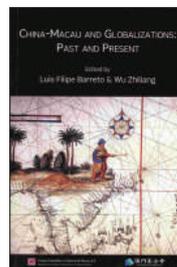


Documentos chineses das dinastias Ming e Qing sobre Matteo Ricci – Compilação e anotações

Tang Kaijian
Instituto Cultural/Editora de Clássicos Chineses de Xangai, 2017

Colectânea de materiais históricos relativos aos estudos sobre o jesuíta Matteo Ricci, provenientes do período entre meados da

Dinastia Ming e finais da Dinastia Qing. A obra apresenta uma biografia, artigos de opinião, poemas e cartas, documentos, entre outros, e aborda temas como a vida e o pensamento de Ricci na China, bem como a influência do religioso italiano na sociedade chinesa.



China-Macau and Globalizations: Past and Present

Edição de Luís Filipe Barreto e Wu Zhiliang
Centro Científico e Cultural de Macau, 2016

Compilação de estudos de investigadores de várias partes do globo, que abordam temas e problemas em torno dos processos de globalização, no presente e no passado, na

China e em Macau. Os trabalhos foram apresentados em 2013 num colóquio internacional, organizado em Lisboa. “The European Circulation of Álvaro Semedo’s work” da investigadora portuguesa Isabel Murta Pina é um dos trabalhos que está disponível na obra.



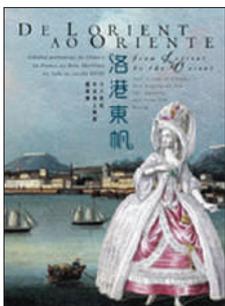
sobretudo do mosteiro de Choc Lam – com quem privava e incentivava ao debate”, salienta ainda Beltrão Coelho na nota prévia, relembrando que, ao contrário de Portugal, Macau pouco escreveu “de forma sistemática e rigorosa sobre a figura deste ilustre português reinol, um caso raro de

incursão na vivência e na cultura da comunidade chinesa”.

A obra *Manuel da Silva Mendes: Memória e Pensamento* tem o patrocínio da Fundação Macau e do comendador Ng Fok e todas as receitas da venda revertem a favor da Associação Amigos do Livro em Macau. Os próximos dois volumes

desta colectânea deverão ser lançados no segundo semestre deste ano.

**MANUEL DA SILVA MENDES:
MEMÓRIA E PENSAMENTO**
ANTÓNIO ARESTA, AMADEU GONÇALVES
E TIAGO QUADROS
LIVROS DO ORIENTE, 2017



De Lorient ao Oriente – Cidades portuárias da China e da França na Rota Marítima da Seda do século XVIII

Museu de Macau, 2016

Obra baptizada com o mesmo nome de uma exposição organizada pelo Museu de Macau, em 2015, na qual se apresentam cidades portuárias de França e China, como Lorient, Macau e Cantão, localizadas ao longo da rota comercial marítima do Oriente. O Instituto Cultural revela

numa nota que a obra explica como a Compagnie des Indes e o porto de Lorient, construído pelo Rei Luís XIV da França, contribuíram para a prosperidade do comércio marítimo euro-asiático no século XVIII.



Contributos para o Estudo da Literatura de Macau – Trinta autores de língua portuguesa

Mônica Simas e Graça Marques

Instituto Cultural, 2016

Integrado na “Colecção Casa da Literatura de Macau”, este trabalho, o primeiro da “Série de Estudos e Crítica Literária”, visa

divulgar o percurso e a obra dos autores de Macau e de outros que registaram as suas impressões, narrativas, ficções ou inquietações em língua portuguesa.

華麗2018 盛世宴旺新年

狗年花車巡遊匯演

Parade for Celebration of the Year of the Dog

正月
初三
18/02
20:00~22:00

巡遊路線 Parade route:

西灣湖廣場 > 孫逸仙大馬路 >
澳門科學館
Sai Van Lake Square > Av. Dr. Sun Yat Sen >
Macao Science Center

正月
初九
24/02
20:00~21:30

巡遊路線 Parade route:

沙梨頭北街 > 青洲大馬路 > 拱形馬路 >
黑沙環馬路 > 慕拉士大馬路 > 黑沙環第四街 >
長壽大馬路 > 市場街 > 祐漢街市公園
Rua Norte do Patane > Av. do Conselheiro Borja >
Estrada do Arco > Estrada da Areia Preta >
Av. de Venceslau de Moraes >
Rua Quatro do Bairro da Areia Preta >
Av. da Longevidade > Rua do Mercado de Iao Hon >
Iao Hon Market Garden

主辦單位 / Organizador / Organizer



澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE



贊助單位 / Patrocinador / Sponsor



中華人民共和國國家旅遊局
China National Tourism Administration

協辦單位 / Coorganizadores / Co-organizers



澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA 1927



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

FUNDADA PELO bispo D. Belchior Carneiro, em 1569, a Santa Casa da Misericórdia em Macau foi responsável pela criação do primeiro hospital de estilo ocidental e de outras estruturas sociais de cuidados de saúde.

Na página electrónica da Santa Casa da Misericórdia podem ler-se algumas linhas de uma carta do bispo a anunciar oficialmente a sua fundação: “Quando cheguei a este porto, dito do nome de Deus, havia cá poucas habitações de portugueses... Mal cheguei, abri um hospital, onde se admitem tanto cristãos como pagãos... Criei, também, uma Confraria da Misericórdia...

para prover a todos os pobres e envergonhados e aos que precisem...”.

Nesta imagem pode ver-se o edifício em finais da década de 1920. À frente, do lado esquerdo, está estacionado um riquexó. Já nessa altura funcionava no rés-do-chão o cartório notarial, que entretanto foi mudado para a zona da Areia Preta. O edifício é de estilo neoclássico, apresenta uma fachada principal em arcada e o frontispício é composto por uma mistura de colunas e pilastras entre as arcadas, com um corredor coberto ao nível térreo e uma varanda no nível superior. O edifício, localizado no Largo do Senado, faz parte do Centro Histórico de Macau e foi incluído em 2005 na Lista do Património da Humanidade da UNESCO.

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes e tablets disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.

